

DE UR A JERUSALÉM

QUADROS DE VIDAS PEREGRINAS

Isidro E. Rodrigues

Damaia, 20 de Agosto de 2020



## Nota Biográfica

Nascido em 1942 no concelho de Castelo Branco, Isidro Rodrigues passou a infância em Buarcos / Figueira da Foz. Aos seis anos, a deficiência visual - diagnosticada três anos antes - inicia um ciclo de progressiva aceleração, tornando-o deficiente visual total, quando tinha apenas dez anos.

Em 1954 - após frustradas tentativas de seus pais para o conseguir mais cedo -, ingressou, tendo já 12 anos, no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, de onde, nove anos mais tarde, saiu, após ter concluído o Curso Geral dos Liceus e adquirido uma razoável formação musical.

Seguiram-se, já fora do colégio, o Sexto e o Sétimo anos dos Liceus, ingressando em 1968 na Faculdade de Letras de Lisboa, onde em 1974 se licenciou em Filologia Germânica.

Em 1977-79, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, fez o curso pós-graduação de Ciências Documentais.

A partir dos 22 anos tornou-se auto-suficiente, dando explicações de Francês e Inglês e, como prof. no Ensino particular, de Geografia e de Ciências Naturais.

Aos 26 anos iniciou funções na Área de Leitura para Deficientes Visuais (ALDV) da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), sendo nomeado Responsável de Área em 2004, função que desempenhou até 2011, ano em que passou à reforma, cumpridos que foram 43 anos e 6 meses no desempenho das funções que progressivamente lhe foram sendo confiadas.

Ainda que com o estatuto de prestador de colaboração voluntária, continuou a dirigir o Periódico trimestral "Ponto e Som", publicado pela ALDV, a representar esta no "Núcleo do Braille e Meios Complementares de Leitura", a realizar produção tanto do audiolivro como do livro electrónico e do Braille em suporte papel.

Ao longo dos anos, publicou artigos e realizou conferências de índole tiflológica e biblioteconómica; elaborou e traduziu documentação técnica; consagrou parte das suas actividades à produção literária, tendo trazido a público ensaios, contos infanto-juvenis e uma monografia ("Os deficientes visuais portugueses: sua acessibilidade à educação e à cultura desde o advento do século XX ao dealbar do terceiro milénio"), monografia que foi galardoada com o Prémio Branco Rodrigues

atribuído em 2011; foi monitor de cursos de informática e biblioteconomia programados para deficientes visuais; e no tifloassocitivismo manteve uma actividade persistente durante 41 anos, tendo sido a primeira pessoa com deficiência visual a ser eleita para Presidente de Direcção das Associações de Cegos (mandato de 1976-78, na LCJD). Nesta qualidade rompeu com o isolacionismo das associações de cegos portuguesas, ao filiar a Liga de Cegos João de Deus, em 1977, na Federação Internacional de Cegos e nesse mesmo ano desencadeou, e impulsionou nos anos seguintes, o processo OCEP (Organização dos Cegos Portugueses), predecessor daquele que em 1987, também por sua mão conduzido, gerou a ACAPO (Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal). Foi elemento preponderante nas comissões, nas Assembleias Gerais, na Assembleia Constituinte, na Comissão Instaladora, foi activo membro da Assembleia de Representantes (órgão máximo da ACAPO) da qual foi Presidente no primeiro triénio deste Século.

Como cidadão consciente dos seus direitos e deveres, sempre orientou a sua vida para tudo o que pudesse contribuir para que o exercício da sua cidadania fosse o mais normal possível. Assim, em 1989, quando foi presenteado pelo dom da paternidade, filiou-se no Partido Socialista, passando a dedicar-se à actividade política mais consistente. Em representação do PS, teve assento na Assembleia de Freguesia da Damaia ao longo de 16 anos e integrou o Secretariado de Secção da mesma Freguesia, tendo nela organizado palestras e proferido conferências de cariz tifológico.

Lisboa, 23 de Abril de 2012

Isidro E. Rodrigues



## ***PRIMEIRA ETAPA***



## I QUADRO

Com 16 anos apenas, Abraão deixou a casa de seus pais (já sexagenários), para ir trabalhar, em Lisboa, na recém-nascida unidade hoteleira, que um primo seu, em sociedade com o filho do professor lá da terra, fazia, de dia para dia, crescer de tal modo, que não foi preciso muito tempo para se tornar na grande empresa Tivoli, que, por longos anos, foi o "el dourado" de quantos, vindos daquela pequena, mas pitoresca aldeia perdida entre penhascos e pinheiros, procuravam aí um modo de vida mais digno, de menor sacrifício, um futuro mais risonho; em suma, o conforto que a terra-mãe lhes negava, porque, pobre como era, não tinha mais nada para oferecer aos seus filhos que não fosse a possibilidade de explorarem uma escassa agricultura de subsistência, umas tantas oliveiras e outros tantos castanheiros, algumas árvores de fruto; pastorear umas cabritas e criar, para consumo familiar, porcos, galinhas e coelhos.

Por Lisboa andou cerca de um ano, sempre com a aldeia na Alma e a família no Coração; sempre, apesar de as coisas pela grande urbe irem menos mal, lhe vinham à memória a pobre casa paterna junto ao ribeiro, os tortuosos caminhos e veredas percorridos na infância, a rua da praça, a ribeira que separa a chamada Aldeia da Senhora da Graça da Aldeia do Espírito Santo, o sino da torre da igreja que,

ecoando por montes, quebradas e vales, todos os dias se fazia ouvir pelo menos três vezes (de manhã, ao meio dia e à noite), os cantares locais, as paródias com os amigos, e outras vivências próprias da idade juvenil em aldeias pacatas como era a sua.

Com frequência lhe soavam aos ouvidos, por exemplo, estes versos que, silenciosamente, ia cantarolando:

"Almaceda, linda aldeia  
Tem duas coisas que lhe dão graça:  
É o relógio da torre  
E a ribeirinha que passa".

Este ano, que não mais deixaria de recordar como a oportunidade perdida da sua vida, foi breve. Com o chamamento (para ele uma ordem indiscutível) que o pai lhe fizera, para voltar à aldeia, devido a ter surgido lá uma boa oportunidade para poder realizar uma vida feliz, fez a malita, metendo lá dentro os seus parcós haveres, e aí vem ele de regresso à terra que, em parte (quem sabe!?), determinara o seu signo, já que foi ali, em hora desconhecida do dia 14 de Março de 1913, num espectro magnético cósmico, irrepetível como todos os outros, que, pela primeira vez, chorou e encheu os pulmões de ar, registando o seu devir na página do "Livro da Vida" que lhe fora desde sempre reservada e que havia então sido impressa em letras formadas por todos os corpos celestes.

A viagem de Lisboa a Castelo Branco, fizera-a de comboio. Agora afasta-se já da estação, atravessa a cidade e, em breve, embrenha-se por caminhos pedregosos, na extensão vegetal que tem que percorrer até chegar à aldeia que, lá longe, a mais de 20 quilómetros de distância, o espera.

Se, por um lado, vai triste por ter deixado a grande cidade que lhe mostrara, nesse curto espaço de tempo, que estaria ao seu alcance uma vida menos sofrida do que aquela que se perspectivava, na aldeia que, desde os remotos tempos das invasões da moirama, se aninhara no vale apertado da ribeira, entre as Rochas de Cima – a montante – e as Rochas de Baixo – a jusante –, por outro, sente satisfação pelo dever cumprido, ao obedecer à ordem paterna, e por ter voltado a ver os pinheiros, com as tigelinhas a aparar a resina das feridas feitas, para o efeito, nos seus troncos; a contemplar toda a paisagem exclusivamente rural, o sol que tem outro brilho, que é mais luminescente; a respirar novamente a atmosfera cheia de odores selvagens, destacando-se de entre eles o das estevas.

Passa o Salgueiro, o Padrão, a Lameirinha. Logo a uns duzentos metros adiante, para a esquerda, surge o desvio para o Valbom, e, outros tantos mais à frente, mas desta vez para a direita, lá está o desvio que, a pé, vai finalmente percorrer. Caminhando, de maleta na mão, deixa para trás a Serra da Espadana, que se ergue à esquerda, e, mais além, chega-lhe aos ouvidos os mugidos dos mansos bois e o berrar das cabras, vindos lá do fundo, do lugarejo da Rochas de Baixo. Avista já a torre da igreja onde fora baptizado e tantas vezes assistira à missa, entra na aldeia, passa a ponte para a margem esquerda da ribeira e atravessa a Aldeia da Senhora da Graça. À medida que vai avançando, encontra velhos amigos a quem saúda com

cordialidade. Uns interrogam-no acerca dos motivos que o fizeram voltar, outros perguntam se vem de visita, outros, que conhecem já as razões que determinaram o seu regresso, conversam com ele, animando-o com previsões de sucesso. Passando a Rua da Praça, esgueira-se pelo quelho que acede ao Ribeiro, lugar onde se situa a paupérrima casa paterna.

E que "boa oportunidade" era essa, que levara Jonas a chamar à terra o seu filho, que com tantas esperanças partira, há pouco mais de um ano (e ainda tão novinho), à procura de novos rumos, ansioso por encontrar uma vida melhor do que aquela que a sua família e a maior parte dos seus conterrâneos suportavam?

Oportunidade, talvez fosse; mas boa?! Disso é que Abraão discordava do pai; porém, essa não concordância foi remetida ao silêncio e, obedientemente, por lá ficou, e porque a "boa oportunidade" era substituir o barbeiro da terra, ele tomou, de pronto, como mestre, o barbeiro cessante, que era da Povoação de Bogas, pessoa a quem, ao longo da vida, se referiria com estima e, mais tarde, já vivendo em Buarcos, recordaria mesmo com saudade e de voz embargada, ao conviver com as duas filhas do mestre (Maria de Jesus e Maria Teresa), que se acostumaram a passar férias de Verão, em Buarcos, numa casa do Piorro, situada na Rua dos Pescadores, a dois passos da extensão de areia branca e fina que, por detrás da fila de habitações, se espreguiçava em frente do Casal da Areia, prolongando-se, para a esquerda, até à Figueira e, para a direita, até ao forte de Buarcos.

Na aldeia havia, na infância, lançado o pião, saltado à corda, jogado à bola de trapos, corrido pelas ruelas e quelhos, trepado às árvores, cometido todo o tipo de

tropelias próprias da idade. Nela guardara as cabras e, quando rapazinho mais crescido, trabalhara no campo ao lado dos mais velhos. Ajudara a mãe nas tarefas caseiras, mas aprendera a ler, em escapatórias ao trabalho. Havia-se tornado menino-adulto sem viver a juventude.

Tendo aprendido a cortar cabelos e a fazer barbas, a arrancar dentes e a tratar os doentes (o barbeiro era, naqueles tempos, o enfermeiro, o médico que a todos socorria, medindo a febre, pensando feridas, lancetando furúnculos ou queimando-os, aplicando ventosas, tratando constipações, gripes e outras maleitas mais graves), Abraão começou a exercer a profissão, tendo como clientes, não só os habitantes da aldeia, mas também os das terras anexas à freguesia, à paróquia. Não tendo ainda atingido a maioridade, que então era aos 21 anos, era já homem inteiramente responsável, demasiado maduro. De estatura mediana (um metro e sessenta), magro, tinha um simpático rosto redondo com olhos soridentes à flor da pele, era bem disposto, alegre, folgazão. Assim dotado e com uma profissão de invejar, não lhe faltaram namoradas, que viam nele, apesar de ser filho de uma das mais pobres famílias da aldeia, a possibilidade de construir um lar feliz, em que não faltaria o necessário para viver com conforto, com dignidade.

Até aos 26 anos, ajudou (e de que maneira!) a sustentar pai e mãe, que já eram bastante velhinhos e doentes; foi a festas e romarias e participou nas lutas, à paulada e à pedrada, travadas, por dá cá aquela palha, entre os contendores de povoações rivais. Namorou (diga-se em abono da verdade) quase sempre com as mais riquitas da terra; fez amigos, entre novos e velhos; foi protagonista em peripécias que, mais tarde, em Buarcos, contava e recontava

aos fregueses que servia nas suas casas, aos que o procuravam na loja do Feira (na Serra da Boa Viagem), ou na sua granja, para, à sombra das figueiras, se deixarem tosquiari ou rapar a barba de oito ou mesmo quinze dias.

## ***II QUADRO***

Tendo cerca de quinze anos, Sara Piedade, filha de uma das boas casas aldeãs que, sem cessar, progredia visivelmente, graças à tenacidade e entrega ao trabalho do seu pai, fica órfã, em virtude de este homem de accção e labuta ter falecido prematuramente, quando tinha somente cinquenta anos.

Mal se adivinhando ainda os primeiros raios do sol, e já este homem vigoroso, vendendo saúde, se entregava, com denodo, à luta do dia-a-dia para melhorar as condições de vida do agregado familiar e, não raras vezes, prolongava a árdua faina diurna pela noite fora. Nunca a fadiga o impediou de fazer hoje o que poderia até mesmo deixar para o dia seguinte. Foi assim pessoa de força indómita até ao dia em que, andando a regar numa courela que tinha na Paiágua, apanhara uma forte molha que deixou secar no corpo, para não perder a sua vez de utilização de águas da regueira. Desde esse dia, o homem saudável foi tomado por um mal-estar crescente, pela doença (talvez uma broncopneumonia que nenhum barbeiro das vizinhanças soubera detectar e curar) que o venceu e o levou à morte. Partindo, na viagem para a qual não há retorno, deixou a família sem o suporte que lhe permitisse continuar na senda do progresso que vinha trilhando.

Dois filhos eram ainda menores (Sara e Daniel), a viúva era doente (uma incapacitada para fazer chegar o barco a bom porto), dos três irmãos de maioridade (duas raparigas e um rapaz) só este, que sempre havia lamentado o facto de não poder usufruir das vantagens da "Lei do Morgadio", tinha condições para, se quisesse, continuar a obra iniciada pelo patriarca, que sonhara deixar aos seus descendentes o património mais rico de todas as grandes famílias das redondezas.

O desaparecimento do pai, que mesmo no leito de morte era a ela que recorria para pedir um copo de água, qualquer coisa que comer, um jeito na roupa da cama; enfim, tudo o que precisava, marcara-a profundamente, por um lado, porque, doravante, não teria mais a companhia do ente querido que não dava um passo sem reclamar a presença da filhota, pedindo, com ternura, "Sarita, ajuda aqui; Sarita, pega ali; enxota para cá os bois, leva-os a beber ao ribeiro; colhe ali aqueles figos que parecem dizer comam-nos; e, por outro, ficava desprotegida, entregue a uma mãe doente, incapaz de impor a ordem e o respeito pelos mais fracos. Tendo como tutor, o seu tio Samuel da Paiágua, que, analfabeto e amigo da pinga como era, nunca fora capaz de assumir a defesa dos interesses dos menores, ficara exposta, tal como os seus irmãos Daniel, Carla e Rosália, à voracidade do irmão mais velho que subtrairá, como mais tarde se veio a descobrir, parcelas do património que, embora constante na relação de bens declarada para habilitação de herdeiros, ele explorou em proveito próprio, vendendo azeite, resina, carvão de torgo que a todos pertencia, mudando marcos para, em prejuízo dos irmãos que tiveram a pouca sorte de com ele confinar, acrescentar as suas courelas.

Embora tivesse, tantas vezes, preferido fazer o mesmo género de vida que todos os da sua idade, "Sarita" sentia agora, que o seu pai partira, a dor de perder para sempre o ente querido, o amigo insubstituível, o pilar fundamental do edifício familiar. Hoje, amanhã, depois de amanhã e em todos os dias que se seguiriam, nada mais seria igual ao que no passado havia sido. Foi um período de vida muito difícil, o que se seguiu, e, possivelmente, se não fora o efeito negativo do mesmo a condicionar a sua existência, ela não teria casado, tendo apenas 19 anos.



### | III QUADRO

E quem era o homem que veio dar outro rumo à sua vida? Que veio (estudando a relação de bens), confirmar o que já se suspeitava, ou seja, veio tornar claro que o irmão mais velho se havia apropriado indevidamente de bens que eram propriedade de todos?

Era Abraão, que entretanto havia estabilizado a vida na aldeia, onde não lhe faltava trabalho, mas lhe minguavam os proventos.

Após um curto namoro (se é que aquela relação podia assim ser denominada), casaram, ficando logo Sara Piedade grávida de uma menina a quem foi dado o nome de Lia, e, quando ainda não tinha vinte e três anos, deu à luz, em parto em que a morte rondou por perto, um menino, que foi baptizado com o nome de Isaac, tendo sido seus padrinhos, Lídia (a boa vizinha do lado que o ajudara a nascer) e Manuel (marido desta).



## IV QUADRO

Estávamos em 1942, vivendo numa terra do interior, onde os cuidados materno-infantis eram nulos, as condições sanitárias inexistentes, o técnico de saúde era o barbeiro.

Sara Piedade (como mais tarde se verificaría, era do tipo de sangue "a-RH negativo", enquanto Abraão era do tipo "0-RH positivo), nesse penoso primeiro Sábado de Abril, expeliu, do ventre materno para o degredo terreno, quando eram cerca de 21 horas (grosso modo), o filho que fora a razão do grande sofrimento que torturou o casal nos 12 anos que se seguiram.

A essa hora, nesse dia, os céus que pairavam sobre o fuso horário onde está contido o Distrito de Castelo Branco, estariam certamente numa conjuntura não muito favorável ao nascimento de uma criatura de Deus (diriam os sábios astrólogos).

De facto, a intranquilidade era incomensurável, a angústia que tomara conta dos espíritos de Sara e Abraão, e que contagiava os que com eles estavam, era uma constante sentida, palpável, visível.

A pobre Sara sofria horrivelmente já há longas horas; agitava-se de um lado para o outro, tendo sempre por perto a Ti' Lídia e a sogra, curiosa parteira que costumava

ajudar, nestas horas difíceis, as que tanto precisavam de sentir a presença de alguém que estava pronto para enfrentar tudo o que desse e viesse, ainda que fosse algo próximo da tragédia.

Abraão, em baixo, no rés-do-chão, tinha a casa cheia de fregueses, e, angustiado, cortando cabelos, raspando barbas, subia ao primeiro andar com frequência, para se inteirar da evolução do parto de Sara. Incontáveis haviam já sido as subidas e descidas da escada, sempre com o credo na boca, sem que nada se alterasse, quando, apurando o ouvido no meio da algazarra que, dentro da pequena divisória, os homens faziam, se apercebeu de que algo se modificara, lá em cima, na cozinha transformada em sala de partos.

Rápido, atirou, para cima da bancada, a navalha de barba com que estava a rapar o pescoço de um freguês e, três a três, galgou todos os degraus até ao topo, surgindo, quase instantaneamente, à porta da improvisada enfermaria, onde a sua mãe, de joelhos sobre a manta que cobria o chão, amparava nos braços, contra o peito, o recém-nascido e Lídia amparava a parturiente que, estando de pé, expelira do seu ventre aquele bebé tão farranzino, tão magrizada, mas que revelava já, ao dar os primeiros vagidos, ser senhor de uns excelentes pulmões.

Passado o momento crítico, com o bebé já a respirar normalmente e a jovem mãe já fora de perigo, Abraão desceu para a barbearia onde, até altas horas da noite, se esfalfou no exercício da sua actividade profissional que garantia muito trabalho, mas proveitos não correspondentes ao esforço dispendido.

## V QUADRO

Estava-se em plena II Guerra Mundial, tendo-se ainda bem vivas na memória as atrocidades cometidas durante a Guerra Civil de Espanha, que se alongara de 1935 a 1938.

A escassez de bens essenciais fazia-se sentir cada vez com maior intensidade. Os géneros essenciais rareavam. Em Portugal caminhava-se a passos rápidos para o rationamento. Não havia azeite, arroz, açúcar, café; o fabrico de pão sofria fortes restrições; todos os bens alimentares estavam já a ser restringidos às populações.

Para além destes rigorosos entraves ao são desenvolvimento de um povo, as matérias-primas só a altos custos eram conseguidas. O mercado negro, a candonga proliferavam a olhos vistos. Mesmo numa região onde predominavam as actividades de subsistência, em que cada um tentava produzir os bens necessários para o seu consumo, a vida era dura, as dificuldades eram muitas vezes insuperáveis.

E como é que em condições tão adversas estes aldeões, à semelhança de tantos outros que povoavam, não o "jardim à beira mar plantado" contemplado pelo poeta, mas sim o campo de escolhos e abrolhos apertado entre a Espanha e o Atlântico, conseguiam sobreviver? Naturalmente que, trabalhando no duro, suportando sacrifícios que, devido à

vida espiritual por eles abraçada, eram entendidos como designios de Deus, e, nessa medida, aceites com resignação e, até mesmo, como graças dos Céus.

Os considerados ricos da terra exploravam a resina e a madeira dos pinheiros, os pés de oliveira que possuíam, um ou outro castanheiro, o amanho de pequenas parcelas de terra de cultivo, que se espalhavam por entre barrocas e estreitos vales; criavam, quase exclusivamente para consumo próprio, porcos, animais de capoeira; tinham pastores que calcorreavam maninhos e bouchas, lameiros, pinhais e matagais, apascentando os pequenos rebanhos de cabras dos seus patrões.

Os restantes, além de explorarem o melhor que sabiam os magros bens que possuíam, trabalhavam à jorna para os mais afortunados da aldeia ou iam, sazonalmente, trabalhar para as campinas onde dominavam os pequenos ou médios latifúndios, ou, então, iam como serradores cortar pinhais que os madeireiros exploravam.

A generalidade das gentes destas paragens não conhecia outro modo de vida que não se confinasse a estes limites; porém, o padre, o professor e o barbeiro fugiam a esta regra. O padre ocupava-se do ministério da Igreja e era protagonista em algumas cenas que eram na aldeia motivo de escândalo; o professor cumpria a missão de dar, aos meninos que frequentavam a escola, alguma instrução, ensinando-os a ler, a escrever e a fazer contas; o barbeiro, que amanhava as courelas que haviam cabido em sortes a sua mulher, entregava-se, quase a tempo inteiro, à actividade para que fora preparado, ou seja, à profissão de barbeiro de aldeia, o que quer dizer, de agente de higiene e saúde.

## VI QUADRO

Mudando agora um pouco as cores com que se pintou o quadro anterior, digamos que no microcosmos nele plasmado, imutável no seu *modus vivendi* durante séculos e séculos, algo estava a acontecer que tornava diferente as gentes que, desde os remotos tempos de mouros e cristãos, sobreviviam por ali, sem ter uma consciência clara de que, para além do horizonte que limitava o seu estreito mundo de pequenas superfícies, mais ou menos planas, entaladas entre relevos que mal mereciam o nome de serras, existiam outros modos de vida bem mais dignos de ser vividos.

Tanto os aliados como os alemães precisavam, para promover a guerra com mais eficácia, de volfrâmio. Ora, por ali perto (nas Minas da Panasqueira), este minério era explorado com algum sucesso. Sabendo disso e conhecendo os circuitos de escoamento do produto, quase toda a aldeia ia, durante a noite, para dentro da mina, explorar clandestinamente o minério que lhes garantia razoáveis proventos. Foi de tal ordem a febre por esta actividade, que na aldeia se passou a afirmar que só o padre e o barbeiro lá não iam em busca do que parecia ser a galinha dos ovos de ouro.

Porém, esta afirmação não tardou a ser silenciada, porque também uma noite Abraão se deslocou às minas, onde, por falta de experiência de garimpeiro, não conseguiu

recolher o suficiente que justificasse o risco da clandestinidade.

Assim, até 1945, enquanto na aldeia havia muito boa gente a quem não faltava o vil metal, ganho sem grande esforço, ele, enquanto não migrou para a beira-mar, continuava, calcorreando a aldeia e as povoações anexas, a cuidar dos cabelos e barbas e da saúde de famílias que, ao fim de um ano, lhe pagavam (quando pagavam!), um alqueire de milho ou de centeio, ou uma almofolia de azeite, ou outro qualquer produto equivalente em preço.

Quantas vezes, altas horas da noite, lhe batia à porta alguém das Rochas de Baixo ou das de Cima, da Paiágua, da Martim Branco, do Padrão, do Tripeiro, Violeiro, Ingarnal... e lhe pedia para o acompanhar a sua casa, porque a mulher ou um dos filhos estava a arder em febre ou simplesmente engripado. E lá ia ele, tantas vezes suportando a inclemência da fria chuva de Inverno, fustigado pelo vento, ou mesmo causticado por fortes nevões, que, não raro, se abatiam sobre a região. Lá ia ele escoltado pelo seu guarda-costas, o Raposo, cão amigo que sempre o acompanhava.

Nestas idas e voltas, aliás, nem sempre penosas, sucederam-se peripécias que, mais tarde, lá em Buarcos, contaria aos novos fregueses, acabando sempre a rir à gargalhada, ou seja, a fazer a festa por inteiro narrando as cenas, a atirar os foguetes e a apanhar as canas, como se costuma dizer, rindo a bom rir. De entre essas muitas cenas, várias havia que mereciam o seu destaque. Uma, que os fregueses e os filhos repetidas vezes escutaram, era assim relembrada:

"Um dia, em véspera de festa num lugarejo serrano pertencente à freguesia, passei-o eu, de pé, mesmo tendo uma unha encravada, a cortar cabelos e barbas. Já noite dentro, completamente exausto e com o pé ferido inchadíssimo, dei finalmente por terminado o trabalho. Guardei as ferramentas na maleta e preparei-me para o caminho de regresso a casa. Mas quem é que dizia que eu ia poder percorrer a distância que me separava da aldeia, por pedregosos caminhos e veredas sinuosas? Tentei iniciar a marcha, mas fui de todo incapaz de o fazer. Então, um dos fregueses emprestou-me uma burrita que, com esforço, montei, fazendo-me ao penoso caminho. Com cuidado, e sempre com o gasómetro aceso, lá fui avançando lentamente até que, por fim, cheguei ao cimo da rua que conduz ao centro da aldeia. A noite estava serena, favorecendo a propagação, à distância, mesmo dos pequenos barulhos. Este facto permitiu às mulheres, que mais abaixo, em torno de uma fogueira, fiavam o linho, aperceberem-se, primeiro, do clique-clique emitido pelo chocalhito que a burra trazia ao pescoço e pelo bater na calçada dos cascos da jumenta. Assustadas, olharam na minha direcção e vislumbraram, lá ao cimo, um vulto que, trazendo à frente uma luzita acesa, se aproximava delas. Passando do susto ao pânico, deixam, na via pública, parte dos seus pertences e fogem sem demora para dentro da casa mais próxima, fechando porta e janelas. Eu ainda gritei, para as deter; mas isso só contribuiu para aumentar o seu pavor. Ao passar junto do esconderijo, notei que as mulheres espreitavam por detrás das janelas e estive quase tentado a chegar à fala com elas. Todavia, decidi seguir em frente, não fosse ainda agravar mais a situação.

Na manhã do dia seguinte, o falatório era geral. A aldeia estava apavorada. Dizia-se que fora uma alma penada ou outro espírito malfazejo que por ali passara. A

convicção de todos era de tal monta, que foi difícil para mim fazer crer àquela gente de credices de que não havia sido um fantasma, mas sim eu que descera a rua montado na jumenta".

Um outro episódio contava-o ele assim:

"Numa noite de Verão, vinha eu duma povoação anexa, e, ao passar num cruzamento de caminhos, onde se dizia que o Diabo se juntava com as bruxas da região, olhei para o caminho que, à direita, descia até ao vale. E que vejo eu? Um homem deitado de bruços. Vejo, sem dúvida, as costas cobertas por camisa branca. Dou ordem ao Raposo para atacar, mas este fica impávido e sereno. Insisto na ordem, mas sem resultado. Então, sem temor algum, corro para o ponto visado, com a bengala que sempre trazia, desfecho forte cajadada no que julgava ser as costas de um homem e fico surpreendido e com alguma dor no braço, porque aquela aparência era apenas um branco seixo iluminado pelo luar. Clarificada a situação ilusória, segui caminho fora e, ao passar, mais adiante, junto a uma eira onde estavam a dormir alguns homens que aí guardavam o cereal que aguardava a malha, verifico que o Raposo se aproxima dos que dormem tranquilamente e que lambe mesmo a cara de um deles. Este acorda estremunhado e, ao ver a luz do gasómetro a que eu tinha aberto todo o gás, ficou aterrorizado, por julgar ser aquele o sinal do fim do mundo. Então, gritei-lhe:

— Oh Alexandre, acalma-te, sou o Abraão. Ia a passar por aqui e o raio do Raposo veio lamber-te a cara. Desculpa por isso.

Ouvindo o barulho que fazíamos, os outros accordaram também e foi grande a algazarra, fazendo-se mofa do Alexandre que, passado o susto, se juntou à galhofa."

E na roda da vida, de cá para lá, de lá para cá, tudo parecia estar definido pelo destino; o determinismo era palpável, era algo que os sentidos captavam no ar que se respirava; o futuro era previsível, estava programado: trabalhar para ganhar o sustento para a mulher e os filhos que não tardariam a aumentar em número, ajudar os pais, que eram já de idade avançada e doentes, participar num ou outro divertimento que quebrava a pasmaceira na aldeia, assistir aos actos religiosos, romper a monotonia de vida com esporádicas idas a feiras, romarias, participar em autênticas batalhas campais que, no termo de tais romarias ou durante os arraiais, se travavam entre grupos pertencentes a povoações rivais.

E quanto ao sonho de se aventurar por outras paragens (sonho que alvorecera ao vislumbrar outras possibilidades de realização de vida, quando estivera na grande urbe) em busca de outra sorte, de um modo de vida mais de acordo com o que desejava para si e para os seus, parecia não lhe restar outra alternativa que não fosse o conformismo, a resignação que o pároco da aldeia não se cansava de proclamar como sendo a única via para se ser feliz.

E por que havia de ser assim tudo comandado por forças metafísicas, supra-humanas? Por que deveria ele

submeter-se ao destino ditatorial, paralisante de vontades e aniquilador de esperanças, e não, forçar esse déspota a mudar de rumo? Não falta à verdade quem afirma que a felicidade reside em todos os que se contentam com aquilo que têm, mesmo que pouco seja, mas não é menos verdadeiro quem declara que o Homem deve lutar sempre por uma vida melhor, deve empenhadamente ser, com a sua energia, a sua determinação, factor de progresso. Tudo na vida do Homem é susceptível de mudança, desde que este, em vez de se submeter cegamente ao que julga ser inalterável, procure dentro de si a força anímica necessária à transformação do sonho em realidade, cultive, nos jardins do seu mundo interior, a fé, que tudo possibilita, que, como proclama o Evangelho de Cristo, "move montanhas".

Ora, a fé era uma chama que nunca se apagara no espírito de Abraão; nem mesmo quando o Dr. Afonso, oftalmologista em Castelo Branco, diagnosticou, ao seu menino, deficiência visual, morreu a esperança de um dia (não importava quando) poder encontrar um recanto onde os fados se mostrassem mais benignos, mais favoráveis ao seu clã.

Se a Abraão e a Sara Piedade já não faltavam razões de sobra, decorrentes da pouca saúde do seu menino e de si própria, que lhes tornavam a existência demasiado penosa, este diagnóstico deixou-os, no primeiro embate, completamente destroçados. Porém, não consentindo que a luz da esperança esmorecesse nas suas almas, determinaram-se a tudo fazer para que, se possível, a luz nunca se extinguisse nos olhos do seu menino.

## VII QUADRO

Entretanto, um negociante, de nome Augusto Bexiga, vindo das regiões costeiras da Beira Litoral, apareceu por aquelas terras do interior, propondo-se comprar a casca dos salgueiros (abundantes ao longo da ribeira), matéria-prima necessária à preparação de tintas para aplicar nas redes de pesca. Veio mansamente, e mansamente convenceu os aldeões a, por tuta e meia, aceitarem o negócio, garantindo que as árvores não sofreriam com o corte (mas o que aconteceu foi que todos os salgueiros, privados praticamente do seu total revestimento, secaram por completo) e também com mansidão aliciou Abraão a deixar, com a família, o torrão natal onde, como ele afirmava, o atraso de vida era visível a olho nu, e a ir com ele para a sua terra, linda vila piscatória debruçada sobre o vasto Oceano, espreguiçando-se ao sol na vertente Sul da Serra da Boa-Viagem, vila onde não lhe faltariam oportunidades promissoras de conforto e qualidade de vida. Pintou o quadro com tais cores (qual terra onde corria leite e mel), que Abraão não hesitou e sem demora tudo preparou, vendendo, inclusive, terras de cultivo, oliveiras, pinheiros, casas, e partiu, crédulo e ingênuo, não admitindo sequer a hipótese, como homem verdadeiro e honesto que era, que aquele forasteiro desconhecido poderia, porventura, estar a arrastá-lo para um mar de engano

Todavia, Sara Piedade, sempre submissa à vontade do marido, como era o dever das boas esposas de então, não via o futuro através de um "prisma de puro cristal, que o brilho aumenta". Para ela, ao contrário do que sonhava Abraão, aquela fuga ao mundo rural, à vida simples da aldeia, berço e sepultura de todos os seus antepassados, era uma aventura, um salto no escuro, e, sabe Deus, se não uma queda no precipício sem qualquer amparo. Sofria calada, porque sabia bem que Abraão, o seu marido, nunca daria ouvidos às suas opiniões. Ele afirmava-se o chefe da família, considerava-se o patriarca, e, nessa medida, só a si competia emitir opiniões e tomar decisões. Sara Piedade, sabendo bem que nada podia fazer para o levar a arrepiar caminho ou, pelo menos, a reflectir melhor, a ponderar os prós e os contras que tal decisão implicava, chorava, às escondidas, impotente por pressentir a descida vertiginosa para o abismo, donde só dificilmente poderia haver retorno. Antevendo sofridamente sombrios dias e céus tenebrosos num futuro próximo em que, entre desconhecidos, não teria, a amenizar-lhe os desgostos, o gesto, a palavra reconfortante de familiares e amigos que a viram crescer, em que não sentiria a segurança de pisar o solo conhecido em todos os seus pormenores, a amargurada esposa e mãe recordava com saudade vivências do passado (ainda tão curto!) que, em turbilhão lhe avassalavam a mente febril, lhe tolhiam os sentidos, provocando visões de cenários já antes vividos, imagens de esporádicas idas (sempre na companhia do pai) a feiras, a casa de familiares e de amigos que ele tinha espalhados por todo o lado e que os acolhiam com indiscutível afabilidade, imagens do pai, sentado à mesa com a família ou com esta, ao serão, em torno da lareira, reavivando cenas, de índole bíblica, em que ele, agarrado à rabiça da charrua, lavrava a terra ou nela lançava a semente que, transformando-se em seara dourada, garantia a

fartura a que se haviam habituado. Com pesar, calcorreava caminhos e veredas; visitava, em jeito de disfarçada despedida, os lugares onde decorreram bons e maus momentos, se esfumaram alegrias e tristezas; contemplava com devoção a igreja onde havia sido baptizada, comungara, casara e onde foram baptizados também os seus meninos; olhava com amor a ribeira, alma da sua aldeia, onde chapinhara, se banhara, lavara roupa, apanhara peixe à mão, tendo-as cheias de ervas pegajosas para que estes não se lhe escapassesem; fazia um adeus cheio de ternura, aqui, a uns salgueiros onde, quando petiza, achara ninhos de melros, de tentilhões, de rouxinóis, entre outros, ali, a umas moitas donde vira sair perdizes com seus filhotes acabados de nascer ou onde lhes roubara regaçadas de ovos, mais além, a valados junto dos quais descobrira luras cheiinhos de caçapós fofinhos. Tudo contemplava como se fosse pela derradeira vez. E era-o, de facto.



SEGUNDA ETAPA



## I QUADRO

Chegou breve o dia da partida, e com olhos rasos de lágrimas, tanto os que partiam como os que ficavam, pediam a Deus que a todos desse saúde e protecção.

A viagem foi acidentada: perderam, de entre os poucos haveres que levavam consigo, alguns objectos de pequena monta, roubaram-lhes um sobretudo de Abraão, penaram no Entroncamento à espera do comboio que os levou até Alfarelos, sofreram nesta estação as passinhas do Algarve, porque o comboio que ia para a Figueira tivera uma avaria, prolongando aqui a permanência do casal que desesperava, ao ouvir os meninos que, de cansaço e com alguma fomita, não cessavam de chorar. Para alívio de todos, apanharam o pouca-terra que, fumegando e deitando faúlhas por todo o lado, lá foi avançando pachorrentamente, por entre cultivadas campinas e várzeas que alternavam com pequenas formações florestais, rumo à "rainha das praias de Portugal". Deixadas para trás diversas terriolas, passou o roncero comboio por Vila-Verde, pela Fontela e, com o rio Mondego à esquerda, nas margens do qual alvejavam vivamente as salinas, chegou finalmente à estação terminal, logo ali, junto à ponte que, quase tocando as águas, ligava as duas margens. Daqui ao Casal da Areia, onde, para começo, se iam instalar, o percurso foi feito com agrado: os miúdos divertidos por irem em cima da carroça que transportava a família e os seus haveres, os adultos por estarem no termo

da viagem e por, face à visão da cidade à beira mar plantada, do casario debruçado sobre o extenso areal e o imenso mar, perante aquela paisagem tão diferente da que estavam habituados, alimentarem a esperança de um futuro mais risonho.

## *II QUADRO*

Este estado de espírito foi, todavia, de muito curta duração. Ao entrarem no casebre, que o homem que os atraíra àquele "el dourado" se propunha vender-lhes para nele se albergarem, caíra por terra a esperança que haviam acalentado em seus corações. Face àquela triste e cruel realidade, Sara Piedade não pôde conter as lágrimas, e, sempre chorando amargamente, desatou a clamar:

— Mas, meu Deus! Será possível que este homem pense que o que nos está a propor é melhor do que o que deixámos na nossa querida terra? Oh, meu Deus! Isto aqui não é uma habitação. Nem o mais pobrezinho da minha aldeia tem uma casa tão miserável. Isto é um arremedo de habitação, é uma autêntica choça.

Então, Abraão tentou acalmá-la, pois não gostava que ela se expressasse assim em frente do Sr. Augusto, que, como ele dizia, fizera o melhor que podia.

— Mas, Sara, vais ver que depois de tudo arrumado, as coisas te vão parecer diferentes. E além disso, não deves esquecer que esta casita é só para nos abrigarmos até comprarmos uma que ofereça as condições necessárias para nela se poder viver com dignidade.

Mas Sara não se conformava. Perante o que via, não havia palavras que a consolassesem. O seu marido, secundado mesmo pelo ainda dono daquela barraca, não cessava de a tentar convencer daquilo que nem ele próprio acreditava. Porém, Sara Piedade a nada prestava atenção. Argumentos... de que valiam eles? O que contava era o que via. E o que estava na sua frente eram duas acanhadas e toscas divisões, um canto a que chamavam cozinha, sanitários nem vê-los, à saída da porta um quadrado de areia, em jeito de quintalito, donde se saía, por um estreito quelho, para a praia que se estendia em frente, e tudo isto estrangulado por outras de tipo idêntico que se apinhavam em redor. Quase exausta, reuniu as poucas forças que lhe restavam e, respondendo ao apelo dos seus meninos, que reclamavam ternura, pão e uma caminha para nanar, foi ajudar o marido, depois de dispensar um momento de atenção aos filhos.

Nos dias que se seguiram, o casal, ajudado pelos vizinhos, que não se poupavam a esforços, fizeram daquele espaço lúgubre, embora não uma verdadeira casa de habitação, mas, pelo menos, um barracão com algumas condições de habitabilidade. Abraão improvisou, no pseudo-quintal, uma pseudo-barbearia, onde foi exercendo a sua profissão, ganhando alguns tostões e muitos calotes.

Vegetando praticamente, o casal por ali se deixou ficar durante um ano, consumindo os proventos resultantes da venda do património que fora seu até àquela aparentemente malfadada decisão que lançou Abraão, qual figura bíblica, e a sua família, no caminho, sem retorno, que, através de desertos e breves oásis, os conduziria, não "à terra onde corre leite e mel", naturalmente, mas, pelo menos, ao distante e agora insonhável éden que silenciosa e

promitentemente os aguardava para lhes propiciar uma existência terrena digna de ser vivida.



### III QUADRO

Não havia ainda passado um ano, vivendo naquele quase tugúrio, e já a família se mudava para uma "CASA" na R. Capitão Guerra, depois de ter voltado à aldeia natal, em 1945, para lá nascer e ser baptizado, com o nome de Jacob, o seu terceiro filho. Esta outra casa, ainda que bem situada e oferecendo boas condições de habitabilidade, representou para a família peregrina, devido a, entre outros factos negativos, o alto preço por que fora comprada, mais uns quantos degraus na descida para o pântano de dificuldades e penúrias, que só por designio dos Céus fora possível atravessar, encetando, pouco a pouco, a escalada ascensional que o conduziria a uma vida reconfortante e compensadora por todos os sacrifícios que, pouco a pouco, iriam sendo deixados para trás.

Nesta habitação viveram durante cinco anos e, enquanto isso, parecia que as forças do mal se congregavam para aniquilar os projectos de Abraão; os astros conjugavam-se ainda mais para perturbar a sua capacidade de decisão; sempre que tomava uma iniciativa para tentar inverter a marcha dos acontecimentos que o estavam a conduzir à ruína total, de imediato se lhe deparavam novas dificuldades, outros obstáculos a vencer, mais desilusões; tudo o que realizava resultava em fracasso irreparável.

A adversidade mostrara os dentes aguçados logo no acto em que Abraão sinalizou o seu compromisso de comprador.

Entrando, através de uma larga porta de três folhas, num compartimento que ocupava por inteiro o rés-do-chão da casa, situada no lado esquerdo da rua, no sentido ascendente, e portanto com a frontaria voltada a sol nascente, passando depois ao quintal, localizado nas traseiras, onde havia, além de uma retrete, dois barracões em tijolo, tendo um deles um forno e uma lareira e, satisfeito com o que vira, subiu ao primeiro andar por larga escadaria de pedra, sob a qual existia um grande poço. Deu uma olhadela à cozinha e ao varandim onde havia uma outra retrete, viu os quatro minúsculos quartos de dormir e, percorrendo um corredor central, chegou à sala espaçosa onde se rasgavam duas janelas que davam para a rua e através das quais, para lá da quinta que existia em frente, se dominava o espaço compreendido entre o Alto da Fonte e a Senhora da Encarnação, espaço onde sobressaía o farol, e se avistava, para a direita, a Sul, o mar, que se espreguiçava para além do areal.

Avaliando positivamente o que havia visto, decidiu-se de imediato a comprar, por quarenta mil escudos, quantitativo que, apesar de representar na época uma fortuna, ele entendia ser uma pechincha.

Estando então o tempo calmíssimo, sentaram-se no quintal em torno de uma mesa ali existente e Abraão colocou as notas necessárias para sinalizar o contrato de compra e venda sobre esta, e eis que, de repente, um forte e inesperado redemoinho de vento se levantou, espalhando pelos quintais e telhados vizinhos o maço de notas que

ainda não havia sido retirado de cima da mesa pelo promitente vendedor.

Seguiu-se depois uma autêntica caça à nota. Ninguém ficou inactivo. Uns saltaram muros, outros preparam a telhados, recolhendo de imediato todo o papel que lhes estava ao alcance e paralisando aquele a que não podiam chegar com facilidade, atirando-lhe para cima pedaços de madeira, cacos, pedras, tudo o que estivesse à mão e tivesse peso suficiente para impedir o voo do dinheiro para mais longe. Depois de grande susto, fez-se a contagem das notas e verificou-se, para grande alívio de Abraão, que apenas faltavam cem escudos.



#### **IV QUADRO**

Nesta etapa do percurso de vida, a mais amarga ao longo de toda a vida de Abraão, os insucessos eram uma constante. Aliás, o pós guerra e a política social teorizada e levada à prática pelo regime chefiado por Oliveira Salazar causticava então o viver dos portugueses em geral e, nesse contexto, aquela terra de fracos recursos, onde a actividade piscatória era a mais relevante, embora não permitisse às famílias a fuga à pobreza quase extrema, à miséria, tinha, para oferecer aos seus habitantes, por um lado, o racionamento, que restringia às populações o acesso a bens de consumo básico, por outro, a dura faina no mar traiçoeiro e o trabalho árduo nos armazéns e fábricas de conserva de peixe, a penosa extracção do carvão, a actividade na cimenteira e o amanho das terras pouco produtivas. Nestes tempos, tão próximos mas que parecem tão longínquos, a escassez de meios de sobrevivência tornava os que trabalhavam em humildes servos que a qualquer preço se submetiam à vontade, tantas vezes despótica e infamante, dos que, detendo algum poder económico, lhes possibilitavam, com os magros salários auferidos, comprar uma escura côdea de pão para a família. Por lá grassava então a fome impiedosa, que era notória nos rostos amargurados de idosos e novos, nos olhos tristes e carinhas macilentas das crianças, indo para a escola, para a catequese ou, mesmo assim, brincando na rua, o frio que penetrava os ossos de homens, mulheres e

crianças mal vestidos e sempre descalços, as doenças, que diariamente ceifavam vidas e vidas sem olhar às idades dos alvos.

E, de entre essas doenças, a tuberculose era a que mais alastrava, incontrolável, entrando, sem contemplações, nos lares mais carenciados e mesmo nos de médios recursos, roubando a vida aos que não tinham meios para lutar contra a morte cruel.

E é rodeados por este ambiente de miséria, para muitos extrema, contemporâneo daquele outro de conforto, de bem-estar, mesmo de riqueza, que os filhos de Abraão (em casa do qual se vai esgotando o que resta do razoável pecúlio herdado por Sara Piedade) vivem a infância, nunca esquecida, que lhes permite a interiorização de princípios e valores socioculturais que vão condicionar as suas opções, a postura que assumirão ao longo dos anos, que serão o farol que ilumina os caminhos e veredas a percorrer. No "lar, doce lar", ouvem excertos de conversas que memorizam e relacionam com o que observam fora de casa, entre gente genericamente pobre, ou em casa de amigos de estratos sociais mais elevados. Isaac, principalmente, a tudo dava atenção, tudo servia como tema para construir histórias que para si próprio narrava mentalmente.

A sua mãe conversava frequentemente, ao muro que separava o seu quintal do que, adjacente, lhe ficava a Norte, com a D. Estela, sua vizinha, e com a criada desta, a Sílvia, que saltava o referido muro e vinha fazer cabriolices que muito divertiam a família.

Dessas conversas Captava Isaac frases que de imediato comprehendia e outras que mal entendia. O que lhe era sempre claro e muito agradável, era ouvir:

"Oh D. Sara", dizia a D. Estela, "hoje, depois do jantar, os seus miúdos podem vir brincar um pouquinho com o meu menino?"

"Naturalmente que sim", respondia Sara Piedade, orgulhosa por os seus meninos serem, por aquela Senhora rica, considerados boa companhia para o seu filho.

"Eu e o meu marido gostamos muito da forma como os nossos filhos se relacionam; os seus são muito educados e nada amigos do alheio! Ao contrário de outras crianças que já convidámos, por diversas vezes, a vir cá a casa, nunca os seus filhos levaram fosse o que fosse. O José aprecia muito a vossa família. Ainda ontem, ao serão, ele manifestou isso mesmo, e todos os presentes foram de igual opinião. Os padrinhos do Marinho e a Beatrizinha pensam até que devemos intensificar o convívio entre as crianças; eles acham que isso é benéfico tanto para o meu menino como para os seus".

Sara, ouvindo este quase monólogo, ficava emocionada, mas consolada por ver que a educação que ela e o seu marido tentavam dar aos filhos era reconhecida assim, por pessoas daquele estrato social e, com tímidos sorrisos ou leves acenos de cabeça, expressava o seu agrado, a sua gratidão, e, aproveitando uma ou outra pausa, dizia, muito humildemente:

"Mas, D. Estela, fico muito feliz por ver assim reconhecido o fruto do que em casa lhes ensinamos. Se eu ouvisse o contrário, ficaria grandemente magoada".

Estas coisas entendia-as perfeitamente Isaac; todavia, deixava-o a cogitar, o ouvir referir o progredir do cancro que torturava a mulher do Sr. Graça, proprietário da pensão "Pinta-Gaiolas"; o mencionar o sofrimento atroz que de dia para dia mais aniquilava a Márcia (corroída também por cancro), uma rapariga linda e tão simpática que tanto havia abrillhantado os espectáculos realizados nos Caras Direitas, quer cantando quer desempenhando papéis teatrais; o conversar sobre a Guerra Mundial, que acabara, mas que deixara a Europa destroçada, o mundo doente, tantas crianças sem lar, arremessadas para longes terras, como era o caso do menino refugiado que o Sr. Prior recolhera, responsabilizando-se inteiramente pela sua vida.

Ele tudo escutava atentamente, mas os escândalos de que a Sílvia falava era o que mais o excitava. Debruçando-se sobre o muro, segredava ela:

"Ai D. Sara, veja lá que o Sr. Norberto, hoje de manhã, quando chegou à loja, descobriu que se tinha esquecido, em casa, das chaves da porta de entrada. Coitado, montou-se rapidamente na bicicleta e voltou a buscá-las. Subiu a escada a correr e, veja lá a d. Sara, quando entrou em casa viu que a sua filha ainda dormia e ouviu suspiros e gemidos vindos do seu quarto.

"Ah Roberto! Num salto entra no quarto e confirma a sua suspeita: apanha a D. Carla em flagrante, com o amante em cima dela, no truca-truca".

"Oh Sílvia, mas isso não é boato? Veja o que diz, porque pode muito bem ser que haja nisso algum exagero, ou até mesmo uma calúnia".

"Oh D. Sara Piedade, olhe que a mãe da D. Carla ainda há bocado disse à Maria Piçarra que o Sr. Norberto, com o choque que sofreu, teve que recolher ao hospital onde ficou internado, porque o seu estado de saúde é bastante crítico".

"Pobre Senhor", reflectiu em voz alta Sara Piedade. "Já não lhe bastava a pneumonia prolongada que quase o levara. E a d. Assunção, coitada, ter uma filha assim, que não respeita o marido nem a própria filha que possivelmente já presenciou algumas vezes aquelas cenas vergonhosas".

"Pois é! Veja lá como é que, com exemplos destes, a menina, a Sãozita, não havia de ter a escola toda? Ela, com tão pouca idade, e anda já por aí a meter-se debaixo dos garotos, armada em mestra, é porque aprende com a mãe".

"Olhe, Sílvia, eu estou tão arrependida de não ter tido coragem para me negar a vir para esta terra, que nem você faz uma pequena ideia. Lá na Beira eu era, comparado com isto aqui, uma verdadeira senhora. E depois, aqui em Buarcos, quase todas as pessoas têm uma linguagem que eu e o meu marido até temos vergonha só de as ouvir. E estes acontecimentos? Já viu como são frequentes? Aqui há duas ou três semanas foi aquele pescador que não embarcou, como se esperava, para os bancos da Terra Nova, e, regressando a casa sem que o esperassem, encontrou a mulher deitada na cama com um outro homem; antes, foi o escândalo da Arminda, que se casara, segundo as más línguas, só para calar a voz do povo, que a acusava de andar aí sempre agarradinha com o

próprio pai, e, apesar de o casamento ter sido há tão pouco tempo, aquele anormal, raivoso por o genro lhe ter roubado o afecto da filha, foi de noite ao quarto do casal, pegou no braço deste e, arrancando-o da cama, pô-lo na rua."

"Pois é! Por cá, casos como estes não faltam..."  
Continuava a Sílvia.

E eram estas conversas, as brincadeiras na rua com o Tó Mané, o Túlio, a Sãozita, a Nelita, a Linda e o seu irmão Jonas, o Afonso e outros, que vinham de ruas mais afastadas, que marcavam facetas da sua personalidade, tal como o que apreendia da convivência em casa e o que observava no dia-a-dia no exterior, como sucedia, ao ir fazer pequenas compras, mandado pela mãe, à loja do Sr. António. Nestas idas, sempre na companhia da sua irmãzinha Lia, confrontava-se com situações muito dispares: umas que lhe causavam medo, como era o caso das caravanas de ciganos que por lá apareciam de tempos a tempos, ou do "ti' Zé Folhes" que passava por eles, correndo, e lhes dizia que ia já acusá-los à polícia, por eles terem ateado fogo ao portão da fábrica, aos cartazes dos Caras Direitas, ou qualquer malfeitoria do género; outras, que pelos sinais de tristeza em que se desenrolavam, pelos rostos sombrios das personagens em cena, o impressionavam, embora só posteriormente compreendesse, ao ouvir os comentários dos adultos acerca das dificuldades vividas pela maioria dos buarqueiros.

Era frequente no pós-guerra, tal como fora no passado e continuaria a ser nos anos vindouros, crianças e adultos descendo a rua Capitão Guerra e desembocando na marginal, junto à "Pensão Pinta-Gaiolas" (à direita) e ao "Café Refilão" (à esquerda), depararem-se com o mar encapelado,

desabando com sua longa cabeleira branca sobre a praia e percorrendo-a até à estrada. Não raramente, nos meses de invernia, as gigantescas e medonhas ondas do mar varriam por inteiro a praia e, galgado todos os obstáculos, invadiam as casas que ladeavam, à direita, o troço da velha marginal que ia do Poço da Vila até ao Largo da Alegria.



## V QUADRO

Foi numa Segunda-Feira de rigoroso Inverno, que, à semelhança de tantas outras, o oceano se mostrava ameaçador, rugindo eriçado lá em baixo, ostentando a sua força indomável aos olhares que tentavam descobrir sinais de alguma acalmia lá para trás das montanhas de água que velozmente se deslocavam para, num abri e fechar de olhos, desabarem contra a costa.

Ainda manhã cedo, e já a loja do Sr. António Casaca estava cheia de pescadores que, constantemente, vinham cá fora olhar o mar para se certificarem se ele já havia amainado ou se ainda continuava bravio e ameaçador. Recusavam-se aqueles homens a acreditar no que, à evidência, a natureza prometia para os próximos dias e, bebendo cada vez mais, para anestesiar os nervos, esperavam que o mar abrandasse de um momento para o outro.

As dificuldades avolumavam-se, a fome rondava a porta de quase todos, as necessidades de natureza diversa eram crescentes e àqueles pais de família, sem qualquer apoio social (que era inexistente na época), não eram oferecidas alternativas que lhes permitissem ganhar o sustento dos seus.

O Sr. António Casaca, nesta manhã, não tinha mãos a medir: aviava uns copos de vinho ou aguardente, apontando

as respectivas despesas no livro de apontamentos; depois, era uma criança que, a mando da mãe, vinha aviar-se de uma miséria de compras para lá em casa enganarem a fome; logo depois, era a Celeste Chinca que chegava e prometia pagar imediatamente tudo o que ficava a dever, quando o seu homem fosse ao mar.

Então, o Sr. António, pela experiência que tinha destas vidas angustiantes, ficava-se a meditar no que constantemente observava, nos fornecedores a quem não podia pagar por já ter no seu livro apontadas somas astronómicas e na gaveta quase nem vintém; a cismar no dinheiro que ia ser necessário para liquidar a conta no sanatório do Caramulo, onde estava internada a sua neta Alice, a tratar-se de uma tuberculose.

E assim Isaac crescia e guardava na alma pedaços das vidas destroçadas de tantos filhos de Buarcos, povoação que ao longo dos anos não deixaria de recordar com amor, como se ela fora a sua terra natal.

Quantas vezes, sendo já deficiente visual total, na adolescência, na juventude e mesmo na adultez, reviu em filme mental, aquele mar revolto, povoado de vagas alterosas que constantemente ameaçavam as traineiras que ao largo aguardavam uma oportunidade, que todos sabiam perigosa, para entrar na barra da Figueira; as mulheres e crianças que, apavoradas, na estrada marginal ou espalhadas pelo areal, espiavam o mar, com o Credo na boca, esperando que Deus tivesse compaixão por todo aquele sofrimento e lhes trouxesse de volta os entes queridos que no mar cruel, para lá daquelas montanhas líquidas, lutavam com denodo para não serem engolidos por gigantescas crateras, abertas constantemente como descomunais gargantas negras; o pranto

medonho, o luto dos que haviam perdido familiares ou amigos na embarcação que não conseguira vencer a ferocidade do tenebroso oceano e por lá ficara sepultada com toda a sua companha nos profundos abismos; o horror de todos os que assistiram, impotentes, ao naufrágio da "Senhora da Boa Esperança" que, entrando a barra, foi surpreendida por uma vaga traiçoeira que a envolveu e a arrebatou para o fundo, ali, aos olhos de todos.



## VI QUADRO

Mas se recordações deste jaez foram frequentes ao longo dos anos, não o foram menos, outras, com contornos reanimadores, vestidas com cores alegres, bem garridas. Assim têm sido os muitos momentos em que o seu espírito se inundou de luz e cor, como se não estivesse ainda privado totalmente do sentido da vista, revendo as magníficas procissões organizadas primorosamente pelo Prior da freguesia (Padre Alfredo Abrantes); as festas da Senhora da Encarnação, em que as ruas eram engalanadas, desde a Sua capela, lá no alto, até à marginal, junto à qual, além do carrossel, do poço da morte, das barracas que ofereciam diversificados divertimentos, se destacavam os espectáculos dos Caras Direitas; as idas às festas de S. João, na Figueira da Foz, encantando-o a banda a tocar no coreto, as marionetas, os peixes coloridos nos lagos do jardim, a luminosidade das montras que faziam da noite dia claro, e, encanto dos encantos, o fogo de vista, lançado da margem esquerda do rio Mondego, que criava a ilusão de uma atmosfera de chuva de estrelas e emanações luminosas vindas do fundo das águas; as paisagens que ainda contempla com os olhos da memória, tal como as noites de luar intenso ou apenas de céu polvilhado de pontos luminosos, a extensa praia de brancas e finas areias, o mar largo, logo em frente, juncado de pequenas e médias embarcações, além de uma ou outra de maiores dimensões; o céu azul, lá longe mergulhando nas águas salgadas; a Serra da Boa-Viagem,

revestida de verdejante e odorífera floresta com suas clareiras rodeadas de bosques menos densos, donde brotavam fontes e regatos de frescas águas cristalinas; os miradouros, lá no alto, donde, para Sul, se desfruta a cidade, à esquerda, bem como os campos e a costa para além do rio, até lá bem longe; toda a baía desde a foz do rio até ao cabo Mondego e, para Norte, toda a costa de Quiaios, mira e mais para lá; e o mar largo em frente sulcado por uma ou outra embarcação.

Todas as vivências a estas análogas, a par de muitas outras ocorridas no seio de uma família em dificuldades que não se deixava vergar, não desistia da luta, e mantinha vivo o conhecimento dos que sofriam a pobreza e dos que viviam em abundância, dos que serviam e dos que eram servidos, moldaram e solidificaram a personalidade de Isaac que, relembrando esse tempo ido, nele se revê e dele colhe os frutos com que alimenta e fortifica o seu intelecto donde, por vezes, brotam emanações descompressoras que (como a que se transcreve nos parágrafos seguintes) revelam um pouco o seu modo de ver e sentir o mundo, em que nasceu, cresceu e vive uma fugaz existência que será continuada noutra ou noutras (quem sabe?...) mais perfeita, mais autêntica, em que a contemplação da luz em todo o seu esplendor não lhe seja negada.

Em tempos idos, mas que não distam de nós ainda muitos anos, praticava-se um pouco por toda a costa portuguesa uma pesca artesanal designada por *pesca à arte*.

Em Buarcos, terra de pescadores e varinas, nos dias em que esse tipo de pesca tinha lugar, toda a povoação acordava cedo. A praia, ainda o sol mal raiava na linha do horizonte, enchia-se de vida e cor, envolvendo toda aquela

gente que vivia do mar, numa azáfama contagiente a que nem as crianças escapavam.

Coberta pelas águas pouco profundas do mar, as redes, que haviam sido lançadas durante a alta madrugada por hábeis mãos de homens bem conhecedores da plataforma continental existente junto à costa de Buarcos, utilizando para o efeito pequenos e frágeis botes a remos, adivinha-se pejada de peixe, pela tensão dos cabos que a ligam à praia e prendem às bóias que assinalam a sua posição.

Trazidas as juntas dos enormes bois do tio Augusto Teixeira, do Elísio Delgadinho e de outros ganhões, o desejo generalizado é que prontamente se prendam aos cabos através dos quais as redes vão ser puxadas para o areal onde em breve haverá abundância das mais diversas espécies de peixe, onde haverá fartura para todos.

Com os bois a arrastar lentamente aquele imenso peso, homens e mulheres esforçam-se, ajudando a puxar também as redes que cada vez mais avançam pelo areal acima. À medida que estas ficam fora de água, o peixe vai sendo retirado para grandes canastras que mulheres de pronto transportam para os armazéns e fábricas de conserva. Toda a minha gente, em manhãs de *pullar a arte*, trabalha intensamente; e fazem-no com uma tal satisfação estampada no rosto que ninguém diria que aquilo para eles não era um divertimento. Os homens, uns na água a tirar para terra o aparelho e peixe, outros despejando as redes do peixe prateado e vivinho a saltar, outros ainda a separar, ajudados por mulheres e crianças, a pescaria com valor alimentar da que em breve seguirá em carros de bois e em burros para estrumar os campos de semeadura, entregam-se à faina do mar com um mágico entusiasmo; as mulheres, desembaraçadas como

nenhumas outras nos gestos e na linguagem, como que numa dança turbilhonante, acorrem a todo o lado: aqui, amontoando peixe; ali, enchendo dele canastras, nassas, foquins; acolá, sempre correndo, airochas e ladinas, transportando-o.

E a garotada? Essa não pára nem um segundo: é um garoto que retira de uma cesta umas tantas sardinhas, é outro, com uma cana que tem na extremidade um gancho, que, empoleirado numa bateira, puxa para o solo peixe que as varinas levam à cabeça nas suas enormes canastras, para depois, nas suas costas, o irem recolher.

E neste extenso palco de branca e fina areia salpicada de botes, lanchas e bateiras de variegadas cores e dimensões, iluminado e aquecido por um sol de esplendor incomparável, tudo parece estar encenado ao pormenor: é um gozo ver a mulher que se deixou roubar, tantas vezes pelo seu vizinho, pelo sobrinho ou mesmo pelo próprio filho, ralhar com o fedelho que lhe foge num ápice e a quem ela, tantas vezes, baixando-se, facilitou a pescaria.

E os cabos de mar, esses, muito sérios e com ar repressivo, a correr atrás da canalha que se escapa com uma agilidade que só aquela criação de pé descalço e ao ar livre podia garantir."

## VII QUADRO

E de imagens e paisagens do passado a esta similares, de trechos de vidas já consumados, se alimenta a saudável saudade da infância e da adolescência. Em muitas voltas por aqueles lugares (sempre na companhia do pai, que era um bom andarilho, um excelente caminheiro) ou em passeios com o Sr. Prior, foi-lhe dada a oportunidade de amealhar os ingredientes com que hoje alimenta os cadiinhos da sua alquimia intelectual. Quantas e quantas vezes se recolhe em si mesmo, revivendo cenários de então, que assim desfilam na sua mente, qual filme de encantos mil:

Fim de tarde do mês de Julho. O sol descia já para o Ocaso, aproximando-se cada vez mais da linha em que o azul celeste se confunde com o azul das calmas águas do profundo oceano. Nessa hora de misticismo inigualável, em que a natureza exala os mais inebriantes perfumes gerados por diversificadas espécies de plantas odoríferas e faz ressoar por toda a parte a sublime orquestra que executa o cântico dos cânticos ao Ser Infinito que a criou, um rancho de rapazes e raparigas subia, pelo lado ocidental, a encosta da Serra da Boa-Viagem, rumo à povoação onde vivia uma população simples, honesta e laboriosa.

Eles subiam aquela estrada que do Cabo-Mondego, ladeada de exuberante vegetação, conduz à aldeia, lá no

alto, onde converge a estrada da Senhora da Encarnação que de Buarcos sobe a vertente Sul, e aquela outra que vem de Tavarede.

Esses rapazes e raparigas, enchendo a atmosfera com seus cantares e galhofeiras brejeirices que nenhum deles, à custa de tanto as ouvir, leva a mal, juntam as suas vozes, quer ao coro de homens e mulheres que naquela serena e já confortável fresca aragem se faz ouvir, vindo das hortas e vales circunjacentes, quer à sinfonia das aves que, pressentindo a noite que se aproxima, procuram um ramo seguro para o repouso nocturno, bem como ao lamentoso mugido dos bovinos, ao ameaçador ladrar dos cães que guardam os haveres dos seus donos, ao zurrar dos burros cansados de tanto trabalho, ao cacarejo das galinhas e outras vozes de animais que clamam já pelo regresso aos abrigos nocturnos.

Com efeito, esses rapazes e raparigas, puros nas intenções, não desmerecem o seio familiar em que foram gerados e criados: alegres, folgazões, apesar do cansaço do árduo trabalho (uns na sempre perigosa faina do mar, outros na ingrata agricultura, nas fábricas e armazéns de peixe, na construção civil, nas minas, etc.), insinuantes na linguagem e tantas vezes nos gestos, reciprocamente solidários, hospitaleiros para quem passe por aquela serra de recantos de surpreendente beleza, de admiráveis miradouros onde a vista alcança vastos horizontes.

Qualquer forasteiro que hoje por lá passe não tem certamente a possibilidade de contemplar um quadro que de algum modo se assemelhe a este, que nasce da recordação de uma forma de vida há muito extinta naquelas terras de simples costumes, onde os seus habitantes sabiam converter

em motivos de alegria os pequenos nadas, onde, devido à formação religiosa então dominante, eram factor de conforto até a própria pobreza.

Quem conheceu aquela paisagem natural e humana e lá volte hoje, na esperança de reviver cenários de há cinquenta ou sessenta anos, de pronto, ao aproximar-se dos diferentes lugares que foram o universo da sua infância, que marcaram profundamente a sua personalidade, o seu modo de ver e sentir a vida natural e social, que influenciaram a sua maturação intelectual e moral, é forçado a concluir que o mundo inocente da infância que guarda na sua alma, que intensamente domina muitas vezes o seu pensamento, não mais pode ser reencontrado, não existe mais por aquelas paragens. Hoje, pode contentar-se somente com o cimento que prolifera por toda a parte; tem para contemplar a devastação deixada pelos fogos que produzem as condições básicas para os ambiciosos da construção civil.



## VIII QUADRO

Abraão, instalado que foi na nova habitação, logo deu início a enormes transformações na sua estrutura: desmantelou o barracão do fundo para obter um pequeno quadrado de terreno destinado a horta, construiu em tijolo, desde o poço, uma levada de água, para regar os escassíssimos vegetais cultivados no referido terreno, demoliu parte da escadaria para abrir um outro acesso da loja ao quintal, uma vez que o anteriormente existente havia sido por ele anulado, ao construir um compartimento, por debaixo da cozinha, que prologava para as traseiras a dita loja. Esta dividira ele em dois espaços (um, pequeno, onde instalou a barbearia, outro, de maiores dimensões, onde abriu uma taberna). Para completar as modificações que concebera em hora de deficiente clarividência, retirou à porta de entrada para a loja, uma das suas três folhas e a partir desta construiu uma escada que ia desembocar na sala, que assim ficou completamente desconfigurada.

Agora, com a taberna aberta, Sara, a jovem esposa e mãe que na sua terra natal poderia continuar a viver tranquilamente no remanso do lar, tinha que nela trabalhar, ouvir inconveniências de bêbedos, quando o seu marido estava ocupado a cortar cabelos e a fazer barbas.

Para ela era duro bastante suportar sem queixumes, esta situação, para a qual não fora minimamente preparada, mas era doloroso sentir-se constantemente espiada pelo marido que, ciumento crónico como era, a martirizava, acusando-a de dar trela aos fregueses.

A infeliz não podia sorrir para ninguém; Abraão não suportava que ela se mostrasse prazenteira, não admitia que dirigesse uma palavra a mais que o necessário para atender os frequentadores da taberna.

Para ela este martírio foi de curta duração, porque nem um nem outro tinham jeito para o negócio. Os calotes cresciam de dia para dia, tanto na barbearia como na taberna; para pagar aos fornecedores era já necessário recorrer ao que restava do pecúlio resultante da venda dos bens que tinham em Almaceda.

Entretanto, Abraão alugara a loja, primeiro aos Baptistas, depois aos Pedrosas; tentara trabalhar na cimenteira; fora ao mar, numa tentativa para se fazer pescador, mas a experiência foi tão dolorosa, tão torturante, que foi obrigado a desistir. Foi a feiras, armado em vendedor de pequenas ferramentas agrícolas.

E em tudo isto o insucesso foi claramente visível, mas o revés final e quase fatal foi gerado pela usura de um agiota, seu vizinho, que se prontificou a emprestar-lhe dez contos, a altos juros e hipoteca da casa onde habitavam. Com esse vil metal (dinheiro que parecia trazer o diabo no ventre) e com o pouco que ainda lhe restava, comprou uma pequena fazenda, que depois acrescentou, adquirindo a que se lhe situava a Leste, e, desgraça das desgraças, comprou também uma égua e uma carroça, uma vez que tencionava tentar a sorte, enveredando pela actividade dos negócios.

Passou então a ir por essas terras da Gândara, onde comprava, por grosso, laranjas, batatas, cebolas, nabos, cenouras e outros produtos que a terra criava, e, na carroça, transportava tudo isto para a praça, para aí, ele e Sara Piedade fazerem a venda.

Também a opção de negociante demonstrou, a curto prazo, que fora errada.

Abraão não tinha mesmo jeito nenhum para este tipo de actividades. Quando Sara Piedade estava presente, a venda era lucrativa; porém, quando tal não sucedia, era um ápice enquanto a mercadoria se sumia: uma roubada das caixas, sem que ele desse por isso, e outra, com a promessa das freguesas de que pagariam no dia seguinte, ferrando assim o calote que não mais seria liquidado.

Sendo a situação da família já bastante deplorável, agravaram-na substancialmente dois factos que os fados congregaram para em simultâneo empurrarem o patriarca para o abismo que se escancarava aos seus pés, pronto a engoli-lo. Um dia, ao regressar a casa, amargurado, por sentir que a barca da sua vida batera no fundo, desde que viera para aquela terra, e que, por mais que porfiasse, não havia maneira de a desencalhar, foi surpreendido por uma intimação para prestar declarações acerca da aquisição da égua. Esta havia pertencido em tempos ao exército e, por essa razão, sempre que houvesse transacção do animal, o facto deveria ser comunicado à unidade militar a que a mesma havia pertencido. Ora, desta vez a formalidade não fora cumprida; não obstante, Depois de algumas dores de cabeça, Abraão conseguira provar a sua ignorância da proveniência da dita égua e desfizera-se da mesma com prejuízos acrescidos.

Estando este processo em curso, o vizinho usurário declarara abruptamente a cessação do crédito. Por saber Abraão em sérias dificuldades financeiras e, portanto, estando convicto de que ele não iria conseguir o dinheiro necessário para a liquidação do empréstimo, exigiu-lhe o pagamento, fixando para tal um curto espaço de tempo, findo o qual mandaria executar a hipoteca.

A corda apertava-se cada vez mais em torno da garganta do pobre pai de família. A filha do credor fazia já planos para instalar o seu comércio na loja de Abraão. Era uma corrida contra o tempo; Abraão angustiava-se por não ver saída para tão grande desespero.

Porém, Deus nunca perde de vista a suas criaturas e, nesta contenda entre o carrasco e o condenado, toma a defesa do aparentemente desprotegido e manda em seu socorro o Sr. Garcia (proprietário da fábrica de peixe, já desactivada, que se situava a Sudeste dos Caras Direitas) que, ao conhecer o que se tramava contra aquela pobre família, se prontificou, embora não isento de uma ponta de interesse, a fazer o empréstimo necessário a Abraão para que este pudesse pagar ao agiota e salvar assim a sua casa.

A descida aos infernos fora finalmente sustada e, pouco a pouco, a respiração foi sendo restabelecida, passo a passo, a ascensão foi-se processando paulatinamente.

Sara Piedade ficara grávida uma vez mais, vindo a dar à luz um menino que fora baptizado com o nome de Benjamim; a Isaac fora diagnosticada cegueira progressiva pelos oftalmologistas Dr. Manuel Brinca e Doutor Cunha Vaz (diagnóstico que fora confirmado no Instituto Gama Pinto) mas, em compensação, ambos os clínicos mostraram a Abraão que havia outros horizontes, que o seu filho poderia ingressar numa das duas escolas de ensino especial para meninos cegos, existentes uma no Porto e outra em Lisboa, e que aí ele aprenderia a ler e a escrever, estudaria música, adquiriria a formação que lhe podia permitir ser homem capaz de ganhar o seu sustento, garantir o seu futuro sem dependências.

A este chefe de família (agora acrescentada), a quem o Sr. Mário Casebre, entretanto, empregara na Brinquema (serração localizada na Fontela) nascia uma alma nova. Sara dava graças a Deus por ter vendido as jóias que ainda lhe restavam para custear as consultas e deslocações a Coimbra e a Lisboa em busca de uma solução para as dificuldades decorrentes da deficiência visual do seu menino, pois, embora não tivessem os esforços do casal resultado como desejavam, ou seja, ainda que Isaac não tivesse recuperado a luz para os olhos anatómicos, havia agora a possibilidade (que não podiam perder) de ele adquirir uma luz interior, quiçá, mais importante que a outra, que lhe ia iluminar os caminhos da vida.

Sem perder tempo, Abraão bate às portas de todas as pessoas mais gradas da terra, nomeadamente do Sr. Mário Casebre (Provedor da Misericórdia de Buarcos), do Sr. Prior, do oftalmologista Dr. Manuel Brinca, para que o ajudassem a conseguir que o seu filho entrasse no Instituto de Cegos Branco Rodrigues. Escreveu cartas para familiares que tinha em Lisboa, para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, entidade a quem pertencia o dito Instituto.

A caminhada começava, logo no seu início, a dar sinais de que o percurso a trilhar não iria ser fácil. E não o foi, de facto: as ilusões e desilusões sucederam-se; o desânimo e a coragem alternaram. O caminho prometia ser longo e árduo, mas a esperança era inabalável, era imensa e não deixava espaço a esmorecimentos. Nesses dias quiseram os fados que a Sra. D. Beatrizinha, alma bondosa e grande amiga da família peregrina, sugerisse que o sr. Ramiro de Oliveira e sua esposa intercedessem a favor da satisfação do objectivo primordial do casal, pois eles tinham amistosas relações com altos funcionários da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.



## IX QUADRO

Entretanto, realizara-se, a 9 de Setembro de 1948, o baptizado do recém-nascido. Nesse dia de fim de Verão, ainda o sol não havia nascido, e já Abraão, envergando o seu fato dominguero, circulava pela casa, dando sinais de uma alegria que já há muito não lhe era conhecida. Tinha já acordado toda a família e, desenvolvendo uma actividade na verdade fora do usual, preparava tudo para que, à hora marcada, nada faltasse.

Com efeito, Abraão, nesse dia, não gostaria que a mínima coisa falhasse, pois acontecimentos como este não se vivem todos os dias. O baptizado de um filho é um acontecimento tão importante que todos os cuidados são poucos para que nada, da grande quantidade de coisas que têm que ser realizadas, seja esquecido.

A azáfama é grande; o movimento é constante. Tudo naquela casa mexe, neste dia de festa. Os miúdos andam alvoroçados, correndo de um lado para o outro; saltam, vão ao quintal, saem para a rua, voltam a casa; saem outra e outra vez; vão a casa do Túlio, da Sãozita; encontram-se na rua com o Jonas, a Nelita, a Linda e outros amigos.

A Sãozita, nessa manhã, estava ainda mais excitada do que era habitual. Com aquele ar de menina sabida, que lhe era peculiar, abraçava-se aos rapazes, beijando-os com frenesim. Astuta e ladina, como sempre dera mostras, atraiu o grupo para o seu quintal. Uma vez lá dentro, agarrou-se a Isaac (de entre todos o seu preferido) e conduziu-o para dentro de casa, argumentando que pretendia mostrar-lhe umas coisinhas que ele gostaria de ver. Enquanto, as crianças Brincavam, lá atrás, ela e Isaac fugiram, escada

acima. Ora, nessa fuga, Simão, que entrou correndo, interpôs-se entre ambos e ela, esfusiente de excitação, acolheu-o, sem hesitar, e desapareceu com ele, fechando, de imediato, a porta do seu quartinho.

Agora, escondidos de olhares curiosos e atrevidos, ela apressou-se a realizar o que havia de ser feito: despiu-se toda (para não amarrotar a roupa) e ele tirou as calcetas. Deitada já na cama, depois de ter manobrado, com as mãos e a boca o pénis do rapazinho, abriu as coxas, entre as quais se introduziu o seu namorado. Assim, bem enlaçados um no outro, ela, perdida de desejo, dizia-lhe:

— Vá... Rápido... Mete a pila toda dentro, até ao fundo.

Então, tudo foi feito mais depressa do que o que era costume, porque a menina tinha medo que a avó ou a mãe se apercebessem do que se passava dentro do seu quarto. Além disso, a hora do baptizado também se aproximava a passos rápidos e ela e os irmãos do bebé não podiam nem deviam chegar atrasados.

Satisfeita, após consumado o acto excitante, ela, de novo com Isaac pela mão, juntou-se ao grupo, deixando para trás Simão, e aí foram todos uma vez mais para a rua.

A Sílvia, que fora a escolhida para madrinha do bebé, veio ajudar Sara nos preparativos; Maria Piçarra, desde muito cedo, preparava, na casa da D. Beatrizinha, o banquete, que o casal Casebre fez questão de patrocinar por inteiro, uma vez que o Marinho (seu afilhado e possível herdeiro principal) ia ser o padrinho do catecúmeno.

Após a celebração do acto religioso, teve lugar o almoço, em casa da D. Beatrizinha, tendo nele participado, além da família do bebé, ora tornado novo membro da Igreja Católica, a madrinha e o padrinho, os pais deste, o casal Casebre, o Sr. Prior Alfredo Abrantes, a anfitriã e a Sãozita.

Este dia de festa foi muito gratificante, não só para os pais do bebé, como também para a sua grande amiga Beatrizinha, que sentia ter contribuído para que o Sr. Casebre e a sua esposa conhecessem melhor as dificuldades que Abraão e Sara enfrentavam e, assim, passassem a ver a família peregrina ainda com mais simpatia do que até então.

De facto, doravante, Abraão e Sara passaram a ser frequentemente alvo da generosidade do casal Casebre, e os seus filhos a frequentar mais a casa de Marinho, a estar sempre presentes nas festas (designadamente nos seus aniversários); com frequência, Abraão era chamado a trabalhar para a D. Beatrizinha, para a Sra. D. Estela e também para o Sr. Mário Casebre, que, assim, lhe proporcionavam ganhar um razoável complemento ao salário que recebia na Brinquema; não raramente, tanto a Sr.<sup>a</sup> D. Estela como a Sra. D. Magnólia Casebre, ajudavam Sara, oferecendo roupa para os miúdos e mimando estes com guloseimas.

Quanto ao Sr. Mário Casebre, se ele já antes era bastante amistoso para com aqueles garotos alegres e sempre respeitosamente cumprimentadores, desde então redobrou a sua simpatia para com eles, mostrando-se invariavelmente afável, chamando-os, sempre que os tinha por perto, para lhes dar, hoje 25 tostões, amanhã 2 escudos, no outro dia uma vez mais 25 tostões, e sempre dizendo "é p'r'ás castanhas, é p'r'ás castanhas", mesmo que não fosse o tempo delas. Por vezes, trazia uma caixa de bolos que entregava a Sara, dizendo, sempre aceleradamente, como era seu hábito, "é p'r'ás crianças, é p'r'ás crianças".



## X Quadro

Nesses tempos do pós-guerra, entre a população pobre de bens materiais e de recursos intelectuais e os que integravam a elite local, pulsava um escasso número de cidadãos que, mesmo possuindo formação académica, enfrentavam enormes dificuldades para poder garantir ao seu núcleo familiar as condições necessárias a uma sobrevivência aceitável.

Nessa situação se encontrava o Dr. Traqueia, Médico que ainda há bem pouco tempo se havia instalado em Buarcos, residindo numa casa cujo telhado, devido ao invulgar número de empenas, formava um bico no seu ponto mais elevado. Esta moradia situava-se numa quinta localizada no lado Sul dum caminho derivado da Rua da Senhora da Encarnação que, procedendo da zona ocidental, sector onde se situam a Igreja da Misericórdia, a casa do seminário (residência paroquial), a Igreja Matriz e mais a Ocidente a Capela de Nossa Senhora da Conceição, percorre a coluna dorsal da colina, donde o castelo e o casario branco cheio de luz orientam permanentemente o olhar perscrutador para o mar que, a Sul umas vezes se espraia, lânguida e preguiçosamente, e outras, se agiganta ameaçador, passa pelo topo da Rua Capitão Guerra, rumo à capela que lhe justifica o nome e, lá mais acima, à Serra da Boa-Viagem.

Estando assim localizada a sua habitação, para lhe aceder tinha forçosamente que subir a Rua Capitão Guerra, no topo desta voltar à direita, percorrendo o troço da Rua da Nossa Senhora da Encarnação até ao sítio onde, de novo à direita, tinha início o caminho conducente ao lar familiar.

Aparentemente, a vida do novo clínico era, para a época, justamente confortável. Senhor de uma quinta (não muito extensa, diga-se em abono da verdade), tendo um solar localizado num miradouro donde desfrutava um dos mais belos panoramas que Buarcos-Figueira da Foz oferecia aos que lá viviam ou tinham a graça de por lá passar, o Dr. Traqueia sofria amarguras que não sonhara certamente quando se preparava para exercer uma das mais meritórias profissões, quando, estudante, acalentava a esperança de futuramente poder cumprir a missão que cabe ao médico realizar a favor da saúde pública. Fora para ele difícil suportar a situação de médico sem pacientes que o pudessem compensar pelos serviços clínicos que nunca sonegou aos que o procuravam. Os doentes que socorria eram quase na totalidade de recursos reduzidos e ele, face à penúria destes, não cobrava os honorários que lhe eram devidos, apesar de deles precisar como de pão para a boca.

O seu estado de alma, nesses tempos em que tentava dar início à actividade profissional para qual ao longo de árduos anos de estudo se dedicara sem restrições, estava de tal modo depauperado, que, não raro, os que o viam passar rua acima rua abaixo, notavam com tristeza que a sua saúde mental estaria demasiado periclitante.

Quantas e quantas vezes ele, vindo de casa descia a rua e, de repente, como que sobressaltado, voltava para trás para, a escassos metros acima, retomar o rumo

anterior. Foram, seguramente, tempos de sofrimento aqueles; todavia, os seus males nunca afectaram o seu dom de bem-fazer. Tratava os doentes que a ele recorriam mesmo sabendo que eles não tinham quaisquer possibilidades de lhe pagarem os serviços prestados.



## XI QUADRO

Estábamos em Maio, no dia em que o Marinho comemorava mais um ano de vida de privilegiado da fortuna, e Lia, Isaac e Jacob levantaram-se cedo e, mal acabaram de tomar o pequeno-almoço (pernas para que te quero), zarparam para casa do aniversariante, que sempre os convidava para virem juntar-se aos muitos convivas que com ele sempre celebravam esta data natalícia.

Sara, durante toda a manhã, não lhes pusera mais os olhos em cima e, mesmo à hora do jantar (designação, em Buarcos, da refeição do meio dia), fora preciso ir lá buscá-los, porque as brincadeiras e os preparativos para o lanche, que iria ter lugar lá para as cinco da tarde, os aprisionavam com mão de ferro.

Os garotos vieram a correr para casa, jantaram em grande alarido e, de imediato, lá se escaparam para o palco das operações, pois não queriam perder pitada do que por lá se passasse. Esperava-se que o Júlio Isidro (primo do aniversariante), os manos Tó e Raquel, filhos de Maria Florista chegassem logo ao princípio da tarde.

Mal passaram o portão do quintal, deram de caras com um grupo de meninos que, por o festejado ainda estar a jantar, se entretinham a colher flores, fazendo pequenos ramos, e tentando apanhar borboletas que, como flores

esvoaçantes, lhes trocavam as voltas, pousando aqui e ali; levantando rápido voo mal uma mão se aproximava, subindo à altura dos ramos das árvores e rasando as enormes papoilas vermelhas e rosas de cores e tamanhos diferenciados.

À medida que as horas iam passando, o bando ia engrossando cada vez mais, ficando a trupe completa por volta dos vinte minutos para as cinco.

Então, a D. Estela chamou para a mesa aquele típico rancho de infantes que, desfilando pelo corredor central do jardim, subiram até ao terraço junto à casa, onde, por estar uma tarde de sol, de temperatura muito amena, fora colocada uma comprida mesa coberta de iguarias que aguçavam o apetite de miúdos e graúdos. Havia sobre a linda toalha branca, em torno de grandes bolos, de entre os quais sobressaía o bolo de anos com velinhas que dentro de alguns minutos o aniversariante apagaria com um largo sopro, pãezinhos com variados conteúdos, bolinhos de todas as espécies, beijinhos de preta, chocolates, rebuçados, amêndoas de Páscoa, pratinhos de arroz doce, tacinhas de leite creme, copinhos de leite, de sumos variados, etc. Era um nunca mais acabar de guloseimas!

Apesar de quatro ou cinco adultos andarem por perto, cuidando das crianças, muitas delas já tinham nas fatiotas algumas medalhas e caritas besuntadas que, para as fotografias que se seguiriam, teriam de ser eliminadas ou, pelo menos, disfarçadas.

Apagadas as velas, o coro de todas aquelas gargantas cristalinas de meninos e meninas fazia-se ouvir a cantar os parabéns. Depois era a debandada até junto do poço, situado à direita, a meio caminho para o portão. Aí chegados, todos

procuravam as melhores posições para a fotografia. Então a D. Estela, aproximando-se, punha ordem naquele pelejar por um melhor lugar. Colocava à frente os mais pequenotes e, aos mais altos, da retaguarda, obrigava-os a subir para cima da tampa do poço e dos bordos do tanque.

Nesta fase da festa, não raras vezes ocorriam cenas que provocavam risos e gargalhadas trocistas. A Raquel, menina gorduchinha que precisava sempre de uma mãozinha de ajuda da D. Estela para poder encavalitar-se no poço ou no tanque, era, entre outros, motivo de grande hilaridade.

Estes dias de anos do Marinho eram marcantes, fossem eles aqui celebrados ou, lá em cima, na quinta dos padrinhos do homenageado. Eram dias felizes, esses! Vinham as crianças cansadas para casa, sim! Mas a alma vinha transbordante! A mente cheia de memórias, das quais, muitas jamais seriam cobertas com o véu do esquecimento! Dias felizes, sim, esses!



## XII QUADRO

Entretanto, Abraão tentava equilibrar a vida, trabalhando na Brinquema, fazendo uns biscates de fim-de-semana e, ao regressar, à tardinha, da Fontela, cortando cabelos e fazendo barbas, ou cultivando a terra.

Sara Piedade, além de cuidar da casa e dos quatro filhos, esforçava-se, não se poupando a sacrifícios, para ajudar o marido a salvar o pouco que ainda lhes restava.

Sempre que o tempo o permitia, passava os dias na fazenda a semear, a sachar ou render a terra, a regar as hortas e os canteiros de flores que se concentravam em torno do poço, em suma, a amanhar o solo fértil, donde colhiam alguns proventos, e a tratar o porco e alguma criação.

Para os miúdos, o passar ali os dias era uma festa. Enquanto ela lavava a roupa no tanque e a punha estendida ao sol a enxugar, tratava dos animais ou se ocupava com tarefas agrícolas, os filhotes não se cansavam das brincadeiras. Subiam às árvores, colhiam, para uma grande cesta, a fruta, que era abundante e de boa qualidade; faziam represas no ribeiro onde chapinhavam e punham a navegar os barcos que inventavam, faziam, com uma corda que prendiam nas pernadas mais resistentes das árvores, balancés ou escorregavam por uma tábua abaixo, que colocavam em plano inclinado; iam apanhar pinhas, colher, nos silvados, amoras deliciosas, procurar ninhos, designadamente, de tentilhões, pintassilgos, melros, rouxinóis e cotovias.

Nesta azáfama andavam todo o santo dia, até que, à tardinha, o pai, depois do trabalho diário na Brinquema, aparecia, com a sua bicicleta à mão,

ao cimo da barreira da Rosa Gata. Nesses dias ele vinha realizar os trabalhos mais duros que a terra exigia para que as colheitas fossem compensadoras. Não raras vezes, Sara fazia a ceia na granja e, só depois de terem tomado a refeição, regressavam a casa, já cansados. Ela, com o loirito ao colo, ele, levando Jacob às cavalitas, e Isaac e Lia (os dois filhotes mais velhos) seguiam a pé, queixando-se de dor de pernas, ou penduravam-se na bicicleta, que Abraão levava à mão, carregando no selim uma cesta bem cheia de fruta e produtos hortícolas colhidos, quantas vezes, Já depois do pôr do sol.

Porém, essas estadas na fazenda nem sempre decorriam de igual modo. Por vezes, acompanhavam-nos outros miúdos — como o Túlio, o Frederico, o Jonas, a Nelita, e, não raro, era Matilde, a filha mais nova do casal Pedrosa, locatário de Abraão, que partilhava com Sara e os seus garotos estes agradáveis momentos em contacto com a natureza, deixando sozinha na loja a sua irmã Celina, principalmente se as idas ao campo eram apenas de curta duração e, presumivelmente, não coincidentes com o espaço de tempo em que as probabilidades de o pai delas aparecer no estabelecimento. Nessas ocasiões Matilde escapava-se toda satisfeita e a irmã não ficava menos contente, por assim se ver livre do pau-de-cabeleira que os pais lhe impunham, e, consequentemente, poder dar azo a um namoro mais liberto com Carlos Roberto, caso este, porventura, a visitasse.

### XIII QUADRO

Sempre estas pequenas e inocentes aventuras decorreram sem acidentes, até à tarde em que o pai das duas jovens surgiu, sem ser esperado, no estabelecimento. Celina estava ao balcão com o namorado, quando o pai apareceu à porta. Este, vendo o parzinho de namorados ali sozinho, logo se mostrou indisposto, sem, no entanto, exteriorizar grandemente a tempestade que se levantava no seu espírito. Foi de imediato bater à porta da retrete, deu uma olhadela pelo quintal e, não vendo Matilde em parte alguma, dirigiu-se a Celina, já visivelmente alterado:

— Celina, onde é que está a tua irmã?

— Ah pai, foi com a D. Sara e os miúdos à fazenda. Ela não se demora, pai — redarguiu esta, nervosa e cheia de medo.

— Mas que resposta de merda é essa? hã? Eu e a tua mãe não estamos fartos de vos dizer que não queremos que fiques aqui sozinha? Quantas vezes será preciso repetir-vos isto para que não o esqueçam? Vocês põem-me fora de mim; dão comigo em doido. Estou a ver que isto já não vai a bem; só lá vai com pancada, e da rija.

Vendo assim irado o futuro sogro, Roberto afastou-se despercebidamente para a rua e, uma vez aí, achou por bem

ir-se embora. Era prudente ausentar-se dali, para não acirrar ainda mais os já descontrolados ânimos do Sr. Pedrosa. Este, exaltado como nunca a filha o vira, ao pressentir que o rapaz, vexado com aquelas tristes cenas, se havia ido embora, retirou-se para o compartimento contíguo e aí esperou que a filha desobediente regressasse.

Entretanto, Matilde, cabriolando com os miúdos, enquanto Sara Piedade se ocupava com os trabalhos mais urgentes, ia, por barrancos e outeiros, matagais e valados, ao assalto às figueiras e ameixoeiras abandonadas, colher êrvedos, apanhar pinhas para lhes extrair os apetitosos pinhões. Saltando aqui uma barroca, pulando ali um silvado em que se arranhavam pernas e braços e, às vezes, mesmo a cara, correndo por entre tojos e outros espinheiros, que lhes rasgavam as roupas e dilaceravam a pele sem que por isso se importassem, trepando a pinheiros e outras árvores de grande e médio porte, galgavam terras de cultivo, pinhais e matagais, desde a orla dos ribeiros que confluíam ao fundo da granja dos seus pais até, muitas vezes, chegarem lá cima, a meio caminho para a Serra da Boa Viagem. Quando o calor e o cansaço apertavam, ou avistavam algum desconhecido, davam meia volta e percorriam o caminho de retorno. Chegados junto da mãe, logo cada um pegava no que lhe competia levar e regressavam à vila, subindo a barreira da Rosa Gata, percorrendo o caminho que, ladeado pelas propriedades do Dr. Albino Gonçalves, dos Delgadinhos, do Gama e do Dr. Traqueia, entre outras, desembocava na Rua da Senhora da Encarnação, e, finalmente, desciam a Rua Capitão Guerra, ao fundo da qual os esperava a sua casinha, tão apetitosa depois das brincadeiras e correrias estafantes.

Sempre assim havia sucedido até então; porém, nessa tarde, o que os esperava era radicalmente diferente do habitual. Ao subirem as escadas, Sara e os filhos pararam a meio, surpreendidos com o que ouviam, vindo lá de baixo, da loja.

Matilde acabara de entrar no estabelecimento e já a irmã a informava, quase em segredo:

— Ah Tilde, olha que o pai está lá dentro à tua espera. Prepara-te, mana. Ele está furioso por me ter aqui encontrado sozinha com o Berto.

Ao tomar consciência do que possivelmente a esperava, Matilde ficou branca como a cal da parede e, entregando a Celina o saco das pinhas e o cesto de figos que trazia, suplicou, quase inaudível e com as lágrimas prestes a rebentarem-lhe dos olhos:

— Lina, por amor de Deus, esconde-me tudo isso muito bem, aí debaixo do balcão. Eu vou lá dentro; vou pedir-lhe desculpa.

— Tem cuidado! Olha que Ele está que nem uma fera! — Disse Celina.

Então, sem demora e quase em pânico, a jovem dirigiu-se ao compartimento contíguo onde o pai a aguardava. Da porta, ainda, saudou o pai e, humildemente, implorou, sufocada pelo pranto que não conseguia já controlar:

— Pai, Por amor de Deus, perdoe-me. Eu nunca pensei que o Berto não estivesse a trabalhar. Foi azar meu, pai. Eu sei que fiz mal; mas perdoe-me só desta vez.

O Sr. Pedrosa, sentindo uma como que zoada nos ouvidos, permanecia surdo a todas as súplicas e, à medida que a filha se aproximava dele, mais a sua ira crescia. Levantou-se, num salto do mocho onde estava sentado; lançou-se contra a pobre rapariguinha que, desequilibrando-se, caiu no soalho, e, de punhos cerrados, socou-a sem dó nem piedade.

Entretanto, Celina que, através do postigo, espreitava o que se passava lá dentro, não suportava mais o muito que sofria por ver que, por sua causa, a irmã estava a ser cruelmente sovada, desatou aos gritos, a pedir socorro a Sara e, irrompendo pelo compartimento adentro, explodiu:

— Pai, por amor de deus, não faça isso. Não vê que mata a minha irmã? A Tilde não é culpada. Se tem que castigar alguém, faça-o com justiça; bata-me a mim, que sou a mais velha. Além disso, se houve erro, quem o cometeu fui eu.

Devido a esta reacção da Celina e à presença de Sara e dos miúdos, que acorreram de imediato atendendo ao pedido de socorro, José Pedrosa suspendeu o pontapé que ia desferir em Matilde, que, estendida no chão, se contorcia de dor.

## XIV QUADRO

Por esses tempos de fim dos anos 40, em que o mar era ainda abundante, era a fonte principal donde brotava o maná com que o Criador sustentava as populações costeiras, era frequente verem-se, principalmente ao crepúsculo, grupos de pessoas que, à babugem das águas, recolhiam bivalves, como as saborosas conquilhas, ou, durante a maré baixa, apanhavam, nas rochas, lapas, mexilhões, pequenos caranguejos e, por vezes, mesmo sapateiras ou santolas.

Acontece que, num desses dias, em que o mar, com seu canto de sereia e exalando o cheiro forte do iodo produzido pelas muitas espécies de algas nele abundantes, atraía as gentes que aproveitavam para desanuviar das canseiras com que o dia as presenteara.

Foi num desses cálidos fins de tarde, que Sara e Abraão, com os filhos sempre a eles atrelados, se juntaram à vizinha Agostinha e ao seu miúdo Aldónio Luís, e, como rancho que parte para a romaria que em breve alegrará com suas danças e cantares, aí vão todos, rumo à fascinante praia da areia branca, profusamente salpicada de embarcações de todas as cores e diferenciados tipos e tamanhos.

Deixando para trás o casario, ultrapassam o farol e atravessam o extenso areal, na hora em que o astro rei rasa

já a superfície marinha. Quando chegam à orla das águas, os raios de sol, atravessando o caleidoscópio das mansas ondas, desdobram-se em múltiplas cores, como sucede com a formação do arco-iris.

A paisagem estava de sonho! Era, nesse breve instante, digna, não só da pena do poeta, do pincel do pintor, mas também do ouvido atento do compositor que aí podia ouvir e registar as notas musicas emitidas pelo suave marulhar das águas, o pianíssimo glissando produzido pelo leve sopro da brisa crepuscular, as alongadas notas fortes executadas pelos bandos de gaivotas que volteavam no ar ou pousavam no solo, o cântico dos espíritos aquáticos audível apenas pela alma do artista.

Face a este quadro, diria Steinbeck que a "canção da família" continuava a ressoar por todas as partículas do microcosmos circundante. E assim era! Sara e Abraão, sentados na proa de um bote, contemplavam aquele imenso palco, sobre o qual se estendia já o manto das sombras da noite, que se adivinhava clara, uma vez que o céu se apresentava límpido, não se descobrindo névoa alguma ou mesmo neblina. Na abóbada celeste começavam já a ver-se os luminosos pontos estelares; a Oriente, o nosso satélite (astro de artistas e sonhadores) mostrava já, em todo o seu esplendor, a redonda face de Lua Cheia.

A Agostinha, essa fora pela beira-mar fora, com a arraia-miúda atrás, em busca do apetecível marisco. Neste percurso, porém, Isaac, que tinha já o sentido da vista bastante diminuído, perdeu-se do grupo, sem que isso fosse apercebido por Agostinha ou pelos outros garotos.

Em concordância com o pensamento de Steinbeck, "a canção do mal fazia-se agora ouvir". Isaac, vendo-se sozinho e sabendo que o mar, mesmo calmo, é perigoso, afastou-se dele e encaminhou-se para a estrada marginal, fazendo o percurso de regresso, por entre as embarcações que o escondiam dos olhos de quem voltava já a penates.

Entretanto, com a chegada de Agostinha e dos garotos ao ponto de partida, Sara, logo aflita, perguntou por Isaac, que não voltava com os outros. Tomando consciência dos perigos que o menino corria, partiram, de imediato, sob a pressão da angústia que deles tomara posse, à procura deste. Abraão foi em direcção ao Cabo Mondego e as duas amigas em sentido contrário. Num abrir e fechar de olhos, exploraram uma longa faixa de praia, situada entre a linha da rebentação e o areal enxuto.

Até ao momento em que se reencontraram, junto ao bote onde os outros miúdos haviam ficado, à guarda de Lia, que tinha então nove anos, Abraão alimentava a sua débil esperança, pensando que Sara e Agostinha já o teriam encontrado, e estas, ainda que tomadas pelo desespero, esforçavam-se por alentar vacilantes e fugazes pensamentos positivos. Porém, ao encararem-se, de mãos vazias, o pânico apoderou-se inteiramente dos seus espíritos: Sara chorava convulsivamente; só imaginava já o seu menino levado pelo mar ou por qualquer malfeitor; Abraão tentava manter algum controlo de si próprio. Agostinha, porém, conseguiu recuperar um pouco de sangue frio, e, afastando-se, dirigiu a sua atenção para o espaço que os separava do casario, a norte. E em boa hora tomou esta atitude, já que, pelo facto, "a cação da família, de novo começou a fazer-se ouvir". A uma distância relativamente curta, a Ti' Rosa,

uma varina que bem conhecia Isaac e a sua família, gritava a plenos pulmões:

— Ah boa gente, ah 'miga, não s'afflijam mais. O vosso menino está aqui, são e salvo. Encontrei-o lá riba, quase ao pé do salva-vidas. Ah tchopa, ele diz que perdeu os irmãos e ia a fugir do mar.

Mal acreditando no que ouviam, Sara e Abraão, acompanhados pelos miúdos, correram para a Ti' Rosa e para Agostinha, que trazia já pela mão o garoto.

## XV QUADRO

Já na rua se ouve a Ti' Glória chamar pelo neto, que, travesso como é, não lhe dá tréguas. A mãe deste garoto endiabrado, nunca se incomodou grandemente com este filho, que passava os dias na rua ou em casa de amigos. O Túlio, coitado, se não fosse a sua avó, era um rapazinho que, nos dias de hoje, seria designado como "menino de rua".

A Antonieta, assim se chamava a mãe do gaiato, era costureira e passava, por isso, os dias fechada em casa, agarrada à máquina de costura, não se incomodando com as refeições do filho nem querendo saber se ele andava com meninos decentes, ou se se fazia acompanhar de vadios, amigos do alheio; se era ou não um delinquente à rédea solta.

O pai, esse, passava a vida no mar. Quando não andava na pesca do bacalhau, lá longe, nos bancos da Terra Nova, estava no navio, procedendo a trabalhos de manutenção e limpeza da embarcação ou preparando a próxima viagem, ou então fazia-se alistar em alguma companhia de traineira, indo para a dura faina da pesca, sempre que o traiçoeiro mar desse mostras de o permitir.

O que lhe valia era que a avó, trabalhando, como criada, ao fundo da rua, na casa da D. Beatrizinha, se mantinha vigilante, sempre alerta, para, à mais leve

suspeita de que o seu neto poderia estar a cometer alguma tropelias, vir logo em busca dele, inteirar-se do ocorrido e tomar as medidas julgadas, no momento, mais adequadas. A simpática velhinha andava sempre intranquila, numa sarabanda que nem lhe permitia desempenhar-se com continuidade das tarefas de que a sua patroa a incumbia. Espreitava às janelas para observar onde e com quem andava o Túlio; gritava por ele, logo a seguir, se não o vislumbrava na via pública; saía depois porta fora, correndo, a perguntar às vizinhas ou aos que passavam na rua, se não tinham visto o seu neto, "aquele malvado", que não lhe dava descanso.

Num desses dias, quando Sara Piedade saía para se ir aviar à padaria e à loja do Casaca, o rapazola esgueirou-se pela escada acima, indo direitinho aos quartos dos miúdos, que ainda dormiam, para os obrigar a saltar da cama, porque, como dizia, tinha "na mona um plano do caraças".

Ao desafio, porém, só Isaac e Jacob, sempre prontos para tudo o que fosse brincar lá fora (nos quintais vizinhos, na via pública, na praia ou no campo) se levantaram.

Quando Sara regressou a casa, já os três meliantes estavam prontos para a saída. Foi só tomar à pressa o pequeno-almoço, e pernas, ala, para que vos quero. Correndo rua acima, num ápice se escaparam à vigilância da Ti' Glória e de Sara. Passam o portão da D. Estela, o do Americano; dão os bons dias à ti' Casimira e ao Sr. António, que vendem as suas couves ao portão grande da Quinta do Cerrado; deixam para trás a garagem do Dr. Medeiros e, logo a seguir, engrossam o grupo a sabidona Sãozita e a inocente Nelita. Umas dezenas de metros mais

acima, Túlio entra no pátio onde mora e de lá traz, numa mão, uma nassa contendo armadilhas para apanhar pássaros, caixas de fósforos cheias de minhocas e outros iscos, dois pratos rasos e, na outra, uma cabaça com água. Às costas transporta também uma palma.

Na posse daqueles apetrechos, lá vão rua acima até à porta do Catula, virando aí à direita. Agora já estão livres dos olhares curiosos dos adultos e dos outros seus amigos de rua que começam já a enxamear por todo o lado. Avançam sem parar, tendo à esquerda o muro alto da cerca do Sr. Casebre e à direita um paredão que limita a Norte a quinta do Cerrado, que é agora visível na sua extensão total, uma vez que fica situada num plano abaixo que se alonga daí até às traseiras das construções que ladeiam a marginal e se alarga desde a rua Capitão Guerra até ao pinhal, a Leste, onde se salienta o cabeço do farol. Chegados ao ângulo sudeste da cerca do Sr. Casebre, flectem para Norte e depois de percorridas umas dezenas de metros, tomam de novo, entre valados, a direcção Leste.

— É só mais um pouco — disse Túlio, que, após uma curta pausa, acrescentou:

— O nosso acampamento vai ser ali, logo depois do caminho que vai para a esquerda, até à Rua da Senhora da Encarnação. Eu estive aí ontem à tarde, com o Carrasqueira, o Tó Pineca, o Samagaio e uns filhos da puta que moram lá para os Vais. Andámos a arranjar canas das mais compridas, para fazermos uma cana de pesca para cada um de nós. O Ti' Berlanja disse que para a semana nos leva à pesca, na sua bateira. A minha até já está pronta. Foi o Zé Garnim que me ajudou a fazê-la.

Escutando esta conversa animada do Túlio, ultrapassaram o desvio, para a esquerda, e seguiram em frente pelo caminho, que continuava a ser ladeado, a Norte, por alto e cerrado valado, em que canas, silvas, heras, madressilvas e outras plantas que entrelaçando-se formavam uma intransponível cortina e, a Sul, por um campo de milho, um couval, razoáveis renques de feijoeiros, batatas, cebolas e, circundando tudo isto, aboboreiras que ostentavam os seus enormes frutos. Quanto a tempo, nada de melhor se poderia desejar: no céu, completamente límpido, o sol brilhava docemente, acariciando com seus dardos luminosos a Natureza que, sem ele, perece, mas que, com ele a bombardeá-la, indefesa, sem que se possa resguardar, igualmente morre.

A amenidade da manhã convida à vida ao ar livre, à convivência íntima com a Natureza que, com os seus excitantes ingredientes, condiciona os comportamentos humanos e quase intima à explosão da libido de cada um em particular.

Tendo assentado arraiais num espaço relvado, situado quase junto ao portão fundeiro da quinta do Dr. Traqueia, entre o caminho que a ele conduz e o milheiral, os miúdos dão início à sua tarefa, colocando no terreno as armadilhas, munidas de isco, e Túlio arma a palma numa clareira, pondo no local correcto os pratos cheios de água para neles virem beber as aves incautas.

Ainda não se tinha sentado devidamente no seu posto de vigia e já um melro bem gordo se dessedentava naquele bebedouro ali aparecido como que por encanto.

Não hesitando, Túlio puxa com firmeza os fios que, aí a uns seis metros dele, fazem erguer a rede da palma que se abate, enquanto o diabo esfrega um olho, sobre o infeliz prisioneiro que ainda agora voava livremente no ar e enchia a atmosfera com o seu canto de trovador.

Saudando o feito com grande alarido, foram todos, correndo, assistir à recolha do melro e à recolocação da palma para que outros pudesssem ter igual sorte.

Entretanto, nas armadilhas espalhadas pelo terreno, vários pássaros foram caindo na esparrela, atraídos pelo isco, e Simão, que viera seguindo o grupo, por dele fazer parte a Sãozita, aproxima-se calmamente e, inebriado como está por tudo o que o rodeia, deixa-se absorver pela magia da sua feiticeira, que até então viera de mão dada com Isaac, e, com ela, abraçados, penetram numa clareira atapetada por fresca e verdejante relva a que se oculta, aos olhos dos restantes miúdos, entre o canavial e o milho alto e viçoso, a uns trinta ou quarenta metros de distância. Recolhidos em tal alcova, tendo por dossel aquele magnífico céu matinal, por reposteiros a vegetação circundante e um macio e fofo leito invejável, em tudo igual àquele outro em que Amadis de Gales deflorara a sua "mui bem amada" Oriana, e respirando uma atmosfera plena de fragrâncias, inundada de luz e cor, os tenros amantes deixam-se tomar pela sedução, e entregam-se, como já de outras vezes, à satisfação do desejo sexual que já se manifesta (principalmente na Sãozita, a mais velha dos dois) com intensidade nada usual nas suas idades.

Beijam-se e mordem-se na boca; apertam-se furiosamente com braços e pernas e, deixando-se cair, rebolam-se no chão; ela arregaça a saíta, tira com toda a

mestria as cuequitas e coloca os dedos de Simão no seu sexo; a ele, despe-o também com agilidade, manipula-lhe o pénis e chupa-o, para que endureça mais e mais; então, abre as pernas como mulher adulta e sabida e puxa para cima de si o rapazito, dizendo-lhe, ofegante, com um misto de ternura, ânsia e tremor na voz e nos gestos, que começam a descontrolar-se sob a pressão de tanta excitação:

— Mor, depressa, fode-me; mete-me a picha toda na cona; mais, mais, mais dentro; mesmo até ao fundo.

Então, sentindo Simão bem dentro de si, dá início a um já controlado movimento de coxas, a um leve levantar e baixar do sexo, ajudando, com as mãozitas, o seu namorado a penetrá-la mais profundamente e a aliviar um pouco a pressão, a fazer o movimento de avanço e recuo, alternada e ritmadamente.

Finalmente cansados, mas felizes por se terem assim amado tão intimamente, prolongam aquele enlevo de amantes: ela, apertando-o, pelas ancas, para que ele fique dentro de si o mais que seja possível, e ele, beijando-a na boca, nos olhos, puxando-lhe amorosamente os cabelos e mordiscando-lhe as orelhas ou o nariz, aperta-a contra o solo, sem se querer desprender daquele corpinho doce e aveludado, sem ousar retirar-se do sexo quente e húmido da sua menina querida, que o ensina a descobrir as delícias da ternura, do amor consumado em coito ardente.

Porém, como tudo tem um fim, o amoroso casalinho vai-se do êxtase despertando e, afastando mansamente, com imensa docura, os seus corpos um do outro, vestem-se e sentam-se na viçosa relva, de mãos dadas.

Ainda um minuto não era passado, após terem assumido aquela postura contemplativa do mundo circundante, quando Isaac, primeiro, e logo a seguir, a Nelita e Jacob surgiram no perímetro onde a Sãozita fora Princesa amantíssima do seu Príncipe encantado que agora, tão presente e tão distante, a contemplava com surpreendente timidez e receio de que algo pudesse denunciar o que ali havia sucedido.

Então, a Princesa dominadora, levando Isaac pela mão e deixando Simão para trás, vai, com os que estão com ela, juntar-se ao Túlio que, entretanto, ficara sozinho a arrumar os apetrechos e a acomodar na nassa as aves que conseguira apanhar.



## XVI QUADRO

Corria mais um Outono do Pós Guerra Mundial e no cineteatro Os Caras Direitas era levada a cena a peça "CALDEIRADA À Pescador". Do elenco de artistas amadores que tornaram possível este espectáculo faziam parte a Celina e a Matilde, filhas do casal Pedrosa, inclino de Abraão. Tendo este casal direito a um camarote para assistir aos espectáculos em que as suas filhas participavam, cediam eles por vezes esse privilégio à família de Abraão. Quando tal sucedia, os garotos rejubilavam como se lhes estivesse a proporcionar o usufruto da mais maravilhosa realização de suas vidas.

À medida que a noite se aproximava, crescia mais a excitação por anteverem os maravilhosos cenários, ouvirem as músicas que iriam ser executadas, e, principalmente, por assistirem no camarote ao desenrolar emotivo da peça teatral representada por artistas amadores que eles bem conheciam.

---

---

---

## XVII QUADRO

Ainda não havia uma hora que Romeu passara na sua grande mota, rua abaixo, rumo à Figueira da Foz, e já voltava, em grande velocidade, desaparecendo rapidamente ao cimo da rua.

Túlio, Isaac e Toneca, que andavam a brincar no meio da rua, até ficaram apavorados, porque ele parecia que ia cego. Se eles não tivessem fugido rapidamente para a berma da via, teria havido, pela certa, um desastre de graves consequências.

Observando o sucedido, todos se interrogavam sobre o que poderia ter acontecido ao Romeu, porque de costume ele ia de manhã cedo para as feiras, uma vez que negociava em gado. Desta vez, porém, fora diferente. E porquê? Não tardou muito, para se saber o que, porventura, se estaria a passar.

A avó do Túlio, que estava a trabalhar em casa da D. Beatrizinha, veio à porta para dar uma olhadela à rua e se juntar a duas varinas que comentavam a vida devassa que aquele homem levava.

Os miúdos aproximaram-se e ouviram, excitados com os comentários que o Túlio ia fazendo, as mulheres dizerem em voz alta:

— Aquele putanheiro agora deu para andar por aí a foder as mulheres dos outros. Vê lá Rosa, que no outro dia, mais ou menos a esta hora, foram dar com ele a montar a mulher do Dinis, aquele pobre homem que não faz mal a uma mosca, que é mesmo um santo.

— Ah tchopa — replicou a outra —, tu desculpa, ele é mas é um corno estúpido. Se fosse o meu homem matava-me. E olha que era o que aquela porca precisava. Tem lá em casa um rancho de filhos e dá-lhes exemplos destes. Ela é uma porca sem vergonha.

— Ah mulher — retorquiu a primeira —, porque é que só a condenas a ela? Esqueces-te que aquele bode tirou os três à Marquitas, forçando-a, que quase violou a Celeste Gandaresa e que esta, se é verdade o que se diz, foi vencida por ele quando estava sozinha na fazenda, a tratar dos animais. Ele é que precisava um tiro nos cornos, que o capassem ou lhe metessem uma faca no bucho.

Ouvindo isto, o Túlio, que sabia onde era a fazenda do tio Dinis, desafiou os outros para irem até lá espreitar "o gajo montado na mula". No caminho, o Túlio, que era o que tinha a escola toda, foi afiando um pau que, como ele afirmava, era "para lhe meter pelo cu acima, quando ele estivesse a esporrar-se".

Chegados ao local, logo viram a mota encostada ao canavial e ouviram lá dentro do palheiro os dois que ruidosamente e à mistura de palavrões, copulavam como animais.

Os miúdos, excitadíssimos, ainda tentaram ver, através das frinhas da porta, o que se passava lá dentro, mas sem sucesso. Então o Túlio teve uma ideia que pôs logo em prática: dirigiu-se à mota, chamando os companheiros para junto de si, esvaziou-lhe os dois pneus e pô-la a apitar furiosamente.

Feito isto, começaram a apedrejar a porta e o telhado do palheiro, fugindo de imediato, antes que a fera saísse de pistola em punho a correr atrás deles. Então, foram em grande correria alertar os moradores da zona da Senhora da encarnação, os quais sem demora, acorreram ao local, porque os miúdos gritavam que andavam ladrões a roubar os animais do tio Dinis. O tio Toneca, que estava na labuta de moleiro, dentro do seu moinho de vento, pegou num foeiro e galgando num ápice a distância que o separava dos currais, foi surpreendido (ele e os que o acompanhavam), ao verificar que o que ali se passava era diferente daquilo que os garotos haviam anunciado. Não se tratava de furto nenhum; ou antes, o furto não era de natureza material, mas sim, de natureza moral. Adivinhando o que lá dentro sucedera, o pobre moleiro, envergonhado por ter constatado que afinal o que se dizia daquele porco sujo e daquela infeliz era verdade, retirou-se cabisbaixo, como se fora ele o apanhado em flagrante, enquanto que o mulherio e a garotada apertaram mais o cerco, gritando impropérios e rogando pragas.

A Aurora Ruiva era das que estavam mais exaltadas. Não se cansava de berrar a plenos pulmões:

— Cadela danada, de noite não fodes com o teu homem, para guardares a rata em jejum para este cão tinhoso, que só destrói lares. Se é assim tão garanhão, que cubra as

vacas e as éguas com que convive nas feiras. Tu não tens vergonha de pores os cornos ao teu homem com este tinhoso? Já pensaste nos exemplos que dás às tuas filhas? No modo como os teus filhos, pobres meninos, te julgarão? És mesmo porca. Qualquer palheiro te serve para foderes com esse bode. E tu, porco-sujo?... Que a terra te seja tão leve como os fardos que puseste na vida de tantas desgraçadas que fizeste. Que os raios todos caiam sobre ti e te transformem em carvão; que sejas maldito em vida e na morte, animal imundo.

E, no meio de insultos e imprecações deste jaez, lançadas em rajada por muitas bocas, Romeu, de olhos baixos, recolheu a mota no palheiro e, com a pistola na mão, foi-se dali, tão depressa quanto possível, deixando para trás mais uma sua vítima, impiedosamente abandonada e assim sujeita ao vexame popular.

## XVIII QUADRO

Hoje é dia de feira dos Quatro Caminhos. Para esta encruzilhada, situada no ponto em que a estrada que liga Buarcos a Tavarede se cruza com a que desce da Serra e segue em direcção à Figueira, se encaminham, desde madrugada, numerosas pessoas, levando, em transportes de tracção ou a pé, os suínos que aí pretendem vender.

Sara Piedade fora para a fazenda, ainda noite escura, deixando os miúdos a dormir e o marido a fazer os preparativos costumeiros para sair para o trabalho. Ela percorrera, célere, nervosa e com bastante medo, o passeio que liga o fundo da sua rua ao largo dos Caras-Direitas; cortara à esquerda e, ultrapassando rapidamente o poço pequeno, a loja do Caçao, voltara à direita, seguindo em frente até ao portão da Maria Piçarra; descera, depois, pela direita, uma pequena rampa, penetrando na vala, ladeada de altos valados que formavam, na realidade, um autêntico túnel, curso de água que se encontrava já completamente seco, por o Inverno ter sido pouco chuvoso. Percorrendo, enquanto o diabo esfrega um olho, esta etapa, chegara ao caminho que desce da Rosa Gata, procedendo da Travessa do Dr. Traqueia e que segue, pela lomba acima, até à Serra e, andando agora mais umas escassas dezenas de metros, pisara o solo que era seu.

Aí chegada, tratou, o melhor que pôde, o porco que, há uns dois ou três dias, se mostrava com pouco apetite, parecendo estar atacado por maleita que grassava na região. Tratou-o como se ele fosse um menino, dando-lhe alimentos saborosos, comidinha bem cheirosa que pudesse despertar o apetite do bicho. Com esforço e alguma habilidade, lá conseguira que o bácoro ingerisse o suficiente para aparentar um certo ar sadio. Depois, para encurtar caminho, leva o animal, preso por um cordel, pela quinta do Brasileiro, até ao Alto da Fonte, fazendo o resto do caminho para a feira acompanhada por gente conhecida que para lá se dirige também. Sara vai preocupada, por temer que os compradores notem que o suíno não está muito bem. Todavia, António Castanheira, a quem ela havia contado, ao chegar ao perímetro da feira, o que se passava com o animal, logo a tranquiliza e dispõe-se a ajudá-la.

E se bem o diz, melhor o faz. Vai dar uma volta pela feira, sinaliza a compra de três lindos e gordos bácoros, que o vendedor, um serrano seu conhecido, se compromete a levar-lhos a casa, e, ao voltar, vem despreocupadamente a conversar com um marchante que anda à procura de negócios compensadores.

Parando junto de Sara, inspecciona o suíno e pergunta à vendedora, aparentando não a conhecer, o preço do bicho. Ouvindo que por este apenas é pedida uma nota e meia, exclama:

— Que pena eu estar já comprometido com o Zé serrano! Se não tivesse já comprado, ficava-lhe eu com o raio do porco.

Ora, este lamentar-se, desperta a atenção do marchante que, virando-se para observar a rês, diz:

— Oh *Sr.ª Maria*, é mesmo uma nota e meia o preço deste suíno? Não desce um pouco o preço? Ele até parece que não está muito bem; treme um pouco.

— Pudera, com o frio que está — diz, a rir, António Castanheira.

Um tanto hesitante, o homem fecha o negócio, paga e transporta, para a sua camioneta, a rês adquirida. António Castanheira, satisfeito, pisca o olho a Sara e afasta-se, enquanto que esta, ainda nervosa, por temer que o negociante se arrependa e volte com a palavra atrás, dobra cuidadosamente as três notas de cinquenta escudos e parte, apressadamente, sem olhar, sequer, uma vez para trás.

Ultrapassa já o desvio, para a esquerda, que conduz à Figueira, passando pelo palácio do Souto Mayor e o Ninho dos Passarinhos; Surge já, à direita, o pinhal do Patracola e, mais adiante, o Forno do Tijolo. Contornando, mais além, o fundo da Rua do Alto da Fonte, chega ao largo do Poço da Vila, acena um adeus à D. Emilia Carriça, que se encontra à porta da sua mercearia, dá os bons dias a algumas mulheres que lavam já a roupa, rodeando o poço grande, ou enchem nele as cântaras onde transportam água para consumo doméstico e, flectindo um pouco para a direita, entra na farmácia. Desta, sai pouco depois e segue para a direita, junto às casas. Andados escassos passos, dá de caras com a Balcoa, que regressa já da praça, onde fora vender a costumeira grande canastrada de produtos cultivados por ela na sua fazenda (nomeadamente feijão verde, hortaliças, tomates, pimentos, pepinos, cebolas), e com ela fica-se um

pouco à conversa acerca do que lhe havia sucedido com o raio do porco, de como estivera hoje a praça, do que tinham que ir fazer ainda durante a manhã, disto e daquilo. Despedem-se logo, porque as suas vidas não lhes dão tréguas.

Sara, apressando-se, cumprimenta, com um aceno de cabeça, o Sr. Roque, que está à porta da sua fábrica de peixe, e, adiante, a mulher do Cação, que sai da sua drogaria. Uma dúzia de metros mais além, sorri um olá à Maria Papoila, que regressa a casa carregada de compras.

Agora, já a meio do passeio que dos Caras Direitas vai até ao fundo da sua rua, entra no estabelecimento do Sr. António Casaca, para se aviar de umas compritas. Saúda o simpático dono da loja e a Sr.<sup>ª</sup> Aninhas (mulher deste), que se põe logo a queixar das dores que a não deixam descansar um momento.

Ligeira, passa finalmente em frente da montra do "Café Refilão" e entra na Rua Capitão Guerra.

Ao dobrar da esquina, enfrenta-se logo com a carroça dos cães e com os homens que dão caça a todos os desgraçados bichinhos que andam na via pública. Avista depois, à porta de casa, o seu Isaac, que, aflito, se abraça ao Tirone, o cão querido de que, ao longo da vida, a família não mais esquecerá.

Acelerando o passo, logo se chega ao filho, perguntando:

— Filho, então o que é isso? Não tenhas medo; eu estou já aqui. Vá, agarra bem o Tirone e traz esse maroto para dentro. Não vês que ninguém to quer tirar?

— Oh 'nha mãe, ele fugiu p'rà rua, quando eu abri a porta — disse o garoto, que acrescentou nervosamente:

— Eu ainda fui atrás dele, mas o maluco correu tanto... Depois fiquei aqui à espera e ele veio às arrecuas, a fugir do laço. O homem queria caçá-lo. O Tirone veio mesmo até ao pé de mim e eu agarrei-o com força. O homem perguntou-me se ele era meu e disse para não deixar o cão na rua. Mandou-me levar o Tirone p'ra dentro.

Atalhando aquele rosário de queixas agitadas, Sara redarguiu:

— Está bem filho, acalma-te; tudo passou já. Vá... Vamos para dentro; vamos comer.



## XIX QUADRO

Aproximava-se o ano de 1950. O Natal não tardaria a pertencer ao passado. Sara havia engravidado pela quinta vez e as ideias que desde há uns meses (não muitos) fervilhavam na cabeça de Abraão tomavam contornos definidos e definitivos. De facto, na sua mente cada vez mais se acentuava o desejo de dar à sua vida uma volta significativa, uma mudança de rumo que lhe permitisse libertar-se da dívida que tinha para com o Sr. Garcia, embora este não estivesse a fazer qualquer exigência nesse sentido, ou mesmo tivesse manifestado um leve sinal de que pudesse querer alterar a sua postura de credor amistoso.

Nos últimos tempos as coisas davam mostra de querer progredir, eram prenúncio de que vinham aí melhores dias. Não obstante, Abraão, que manifestara já em diversas fases da vida ter características de alguma instabilidade, de um inconformismo que por vezes lhe embotava a capacidade de análise dos prós e dos contras das decisões tomadas, decidira vender a casa da vila para arrumar de vez a questão da dívida e, com o remanescente fazer na fazenda uma casa que passaria a ser a habitação da família.

Como sempre havia sucedido até então, ele tudo planeara sem consultar a mulher. Idealizara a casa de rés-do-chão e primeiro andar que ele próprio construiu durante o ano subsequente à venda da casa da vila; decidiu que, entretanto, alugaria ao Sr. Caieiro um anexo ao casarão

onde, no Verão, sempre se instalava a Colónia; todavia, porque fosse o preço estabelecido pelo locatário demasiado elevado, decidiu cortar os dois enormes pinheiros e um gigantesco eucalipto que tinha na fazenda e com a madeira assim obtida construir um barracão onde se acoitariam enquanto não estivesse pronta a casa com que sonhara.

## XX QUADRO

Esse Natal, o último da infância passado perto dos amigos que haviam feito naquela rua de boas memórias, os quatro garotos passaram-no felizes e contentes. Tiveram a Alegria de ter, na medida do possível, mesa em conformidade com as festividades do nascimento do Menino Jesus, tal como ficaram radiantes com a posse inabitual de novas roupas e brinquedos oferecidos por amigos como a família do padrinho de Benjamim e o casal Casebre e, como acréscimo à felicidade sentida, tomaram parte nas festividades em casa da D. Estela, onde, como em todos os Natais passados, fora construída uma extensa lapinha, junto à qual, principalmente Isaac e Lia, se demoravam a contemplar os carreirinhos, ladeados de musgo, por onde os pastorinhos e os Reis Magos se dirigiam ao tosco estábulo onde o Menino jazia entre palhinhas, tendo por companhia Maria e José, além da vaca e a mula que o aqueciam com o seu bafo. Tudo nas festividades natalícias dava um colorido especial, um outro sabor à vida, tanto de meninos, como de jovens ou mesmo adultos. Mas, para Jacob, Isaac e Lia tinham encanto especial as celebrações religiosas na Igreja da Misericórdia. Era lindo e tocante o cunho pessoal que o Sr. Prior Alfredo Abrantes imprimia à realização da liturgia, era emocionante o facto de participarem nas celebrações, incorporando o grupo de meninos e jovens que no coro, com suas vozes argentinas, enchiam a nave com cânticos que tocavam profundamente aqueles coraçõezinhos inocentes, era

maravilhoso beijar com devoção o pé do Menino Deus, ao som do "Alegrem-se os Céus e a Terra" antes de abandonarem a Igreja ainda aromatizada pelo incenso queimado no turíbulo.

Depois, na rua, antes da debandada, eram as boas festas dadas pelos catequistas Tio Augusto Parado, D. Beatrizinha, D. Marquinhas, e outros; dadas por gente amiga como a Sr.<sup>a</sup> Jacinta e o seu marido, a D. Miquinhas, a D. Maria Florista, a Alice Casaca e tantos outros que se iam encontrando no caminho para casa.

## XXI QUADRO

Buarcos era, nesses tempos, terra em que os seus habitantes tinham a alegria de viver, não deixando passar Natal, nem Senhora da Boa Viagem, nem Santo Amaro, sem dar largas à sua alegria. Podia a miséria ser muita, a doença ter-lhes entrado em casa; ainda assim, vindo o Carnaval, a Páscoa, o dia da Senhora dos Navegantes ou o da Nossa Senhora da Conceição, as mágoas eram secundarizadas, dando lugar às vivências próprias das festividades. Podia a morte ter-lhes ceifado entes queridos; mesmo assim, o S. João da Figueira, a Senhora da Encarnação não deixavam ninguém indiferente. Era Buarcos uma vila piscatória onde os seus lídimos filhos, apesar das agruras da vida em terra e das amarguras no mar, faziam da existência um hino à alegria.

Terra de gente de pele tisnada pelo sal e pelo sol, de voz áspera mas fala cantante, de linguagem brejeira e mesmo muitas vezes marcadamente ordinária, de atitudes momentaneamente exaltadas ultrapassando o inadmissível, mas de coração dócil, que esquece rapidamente as agressividades, que se condói com o sofrer alheio, que domina a tristeza com chalaças, jocosidades, com sadio humor, que responde ao infortúnio virando-lhe as costas, sempre em busca de algo que lhe acrescente a felicidade, que seja motivo de alegria.

Buarcos foi a freguesia onde o Sr. Prior Alfredo Abrantes exerceu o seu apostolado ao longo de quase meio século. Enquanto responsável pela condução da vida espiritual do católico Buarcos, este prior presidiu praticamente a todas as celebrações religiosas aí realizadas: rezou missas e novenas, baptizou bebés e deu a primeira comunhão a meninos e meninas, absolveu os que haviam recorrido à confissão, a novos e velhos serviu, como alimento espiritual, o pão convertido no Corpo de Cristo, celebrou matrimónios, ministrou a Extrema-Unção e acompanhou na última viagem os que haviam partido para não mais voltar ao convívio dos vivos. No ministério em que fora investido, sempre se mostrou eficiente e afável, embora, por vezes, com a insubordinação de miúdos e graúdos, perdesse a calma que é indispensável ao êxito da missão eclesiástica. Com virtudes clericais e insuficiências próprias do homem que não deixava de ser, o Prior era factor importante no modo como aderiam aos conceitos e práticas da Igreja Católica tanto os paroquianos pertencentes às classes mais simples e pobres, como à classe média ou à escassa burguesia local. No exercício das incumbências quotidianas foi Pároco bem amado pelos que mais proximamente o seguiam, aceitável ou visto com indiferença por muitos, malquisto por alguns; porém, como exímio organizador de procissões que, bem ao jeito medieval, percorriam as ruas da vila, ele era unanimemente admirado pelos que em Buarcos habitavam e pelos muitos forasteiros que aí vinham maravilhar-se com tais cortejos religiosos que só ele, nas redondezas, sabia assim realizar com tanto esmero e pompa.

Como era emocionante contemplar a procissão do Sagrado Coração de Jesus (festa da Primeira Comunhão de crianças e jovens), com andores maravilhosamente ornados,

com os meninos e meninas que pela primeira vez haviam comido o pão consagrado; com pálios, estandartes e, envergando opas brancas, muitos rapazes e homens em desfile; com uma filarmónica, atrás, a executar música sacra. Eram de igual modo motivo de atracção, a procissão da Senhora dos Navegantes, que uma vez por ano saía da sua capelinha, situada na marginal de então, mesmo junto dos Caras Direitas; a da Senhora da Conceição, que, no dia oito de Dezembro, saía da capela localizada na varanda sobre o mar, à entrada dos Vais, indo, sempre que possível, ao longo da praia, até à Ponte do Galante, donde regressava fazendo, em sentido contrário, o mesmo trajecto.

Em todas estas manifestações de culto participavam com júbilo os genuínos filhos de Buarcos; porém, aquela que cativava, encantava indistintamente todos os paroquianos e os muitos visitantes que aí afluíam, era a festa da Senhora da Encarnação, em que, como ponto alto, se realizava a excelência das procissões. No dia oito de Setembro, a Senhora, deixando por uma curta tarde o altar, na Sua capela onde tantos devotos ao longo do ano se prostravam para rogarem a sua intercessão nas suas vidas ou agradecer os dons com que haviam sido agraciados, descia lá do alto, em andor ricamente ornamentado, acompanhada por um magnífico séquito celestial e uma moldura humana cada vez mais compacta e alongada, graças às centenas e centenas dos que, no percurso, se juntavam ao cortejo, abandonando as densas alas por entre as quais este acabava de passar.

Ao sair o magníficente andor para o largo do cruzeiro, em frente, fazia-se ouvir forte e prolongada salva de foguetes que perdurava enquanto se organizava a procissão e se perfilavam os muitos devotos que desejavam acompanhar a Senhora ao longo de todo o percurso.

Desfilando já rua abaixo, o cortejo que, após a filarmónica, era seguido por bastantes fiéis, cessava o estalejar dos foguetes, culminado com a explosão estrondosa de uma série de morteiros. Iniciando a descida da Rua Capitão Guerra, ficava já para trás a Rua da Senhora da Encarnação, donde, para a esquerda e em frente, se desfrutava uma paisagem de encanto, abrangendo a vista (para lá da lomba percorrida longitudinalmente pela Rua do Alto da Fonte, que vem do lugar dos Condados até ao Poço da Vila) a cidade, que então se aninhava ainda junto ao rio e ao mar, a extensa baía e as casinhas brancas de Buarcos aglomeradas no declive que desde a Rua do Castelo se estende até à praia.

Estava o primeiro troço do trajecto elegantemente engalanado; porém, o que agora se cumpria era de um encanto tal que ninguém, por mais insensível que fosse, o faria indiferentemente, sem se maravilhar com tantas lindas colchas pendentes de janelas e varandas, com todas aquelas fabulosas arcadas feitas de luzes de mil cores, bandeirinhas e pendões, de estrelas e toda a sorte de motivos de beleza incomparável. Por esse quase túnel descia a procissão em marcha lenta e, em frente da casa do Senhor Mário Casebre (provedor da Casa da Misericórdia, que era o excelente promotor, a alma destas festividades), detinha-se, enquanto as filarmónicas, abandonando a execução em pianinho, faziam ouvir música sacra em fortíssimo, e, nos céus dos jardins da família Casebre, que assistia, junto ao muro dos mesmos, à passagem do cortejo religioso, rebentava uma gigantesca salva pirotécnica. Findo este momento de preito e homenagem, em que o Sr. Casebre, emocionado, sempre ficava com lágrimas nos olhos, prosseguia a procissão no seu trajecto, tornando-se cada vez mais longa, com os que a cada passo se lhe juntavam. Já a Senhora havia

deixado a marginal, virando costas ao mar junto ao Largo da Alegria, e ainda a última filarmónica não ultrapassara a arcada final da rua, não voltara ainda à direita, tendo como acompanhamento uma rua apinhada de gente. De regresso ao ponto de partida, o cortejo sobe as ruas do núcleo central da vila, rumo ao velho castelo (que não é mais que uma espécie de torre de menagem) e, aí chegado, flecte à direita e, tendo na retaguarda, lá mais abaixo, a Igreja de S. Pedro (padroeiro da paróquia), cumpre a última etapa, indo ao longo da via que constitui a coluna vertebral da lomba que sobe da Igreja Paroquial até à povoação da Serra.

Ficava já para trás a rua do castelo, ultrapassava-se o topo da Rua Capitão Guerra e, daí em diante, percorria-se, em sentido contrário, o trajecto inicial. Terminava assim a procissão de eleição dos buarqueiros.

Uma vez mais se fazia ouvir o estralejar dos muitos foguetes que cruzavam os ares. A pirotecnia realçava o recolher da Senhora à sua capelinha, onde era celebrado o culto de encerramento das festividades eclesiais.

E se todas estas manifestações religiosas geravam em torno do seu mentor uma atmosfera de sentido respeito, de elevada consideração, a expressão por ele conferida ao culto pascal acentuava esse sentir colectivo dos paroquianos, havendo quem se comovesse até às lágrimas, quando, na procissão do Senhor dos Passos, Maria vinha ao encontro de Cristo, Seu Filho muito amado, ou, no cortejo fúnebre do Senhor do Enterro, em que o esquife de Jesus Cristo era seguido por um elevado número de fiéis piedosamente recolhidos em oração e envergando todos pesado luto, à semelhança dos componentes da filarmónica que em todo o percurso executava, entre outras peças musicais,

exertos do Requiem em Dó menor de Scherobini, a marcha fúnebre da Sinfonia n.º 3 de Beethoven ou trechos de Cantatas e de outras composições sacras de Johanne Sebastian Bach. Em todo o trajecto, os participantes na cerimónia mantinham-se em total silêncio, só se ouvindo a música fúnebre executada pela filarmónica, além do poque-poque-poque dos passos das pessoas em movimento. Estas celebrações atingiam o clímax, quando depois, na Igreja da Misericórdia, o pregador, arrebatado, deixava, com a sua prédica, os fiéis num estado emocional tal, que, ao finalizarem-se as exéquias com o fechar do Santo Sepulcro, muitos dos participantes na liturgia pascal (principalmente Senhoras e crianças) não continham as lágrimas.

Era de atmosfera pesada a vivência da Semana Santa; porém, as marcas da tristeza, da emoção sofrida, desvaneciam-se logo na manhã de Sábado de Aleluias, com o alegre repicar dos sinos que, ecoando por quebradas e vales, ressoando do Cabo Mondego à Ponte do Galante, das salsas águas atlânticas à verdejante vegetação que revestia a suave vertente sul da serra, que é de baixa altitude, anunciavam que Cristo havia ressuscitado. A partir destas horas matinais, o reavido estado de alma jubilosa dos paroquianos aumentava gradualmente. Alegravam-se as mães e os filhos com as aquisições das amêndoas e folares da Páscoa (estes, bem grandes!... às vezes com três e quatro ovos!), com os beijinhos e outras doçarias; animavam-se com os preparativos das iguarias a consumir nas festividades e com o alindar da casa para, após a celebração da missa pascal, receberem a visita do Prior que, de casa em casa, ia abençoar as famílias e dar a beijar a Cruz do Redentor.

## XXII QUADRO

No Domingo de Páscoa, cedo ainda, e já os fiéis (novos e velhos) se dirigiam para a igreja paroquial, onde era celebrada missa cantada a que conferiam grande solenidade os sublimes cânticos do coro sénior que, acompanhados pelo órgão, enchiam a nave, em que o aroma do incenso queimado no turíbulo, reforçava a atmosfera de espiritualidade.

Finda a Missa, saíam alegremente os que respeitosamente a ela haviam assistido, saudando-se uns aos outros com os votos de Páscoa feliz. Os que moravam mais próximo da Igreja não se detinham por muito tempo. Apresavam-se a felicitar os amigos e conhecidos e logo corriam para casa, porque não tardaria a visita do cortejo pascal e, para o receber dignamente, havia sempre algo a aprontar à última hora. Em simultâneo, o Prior Alfredo Abrantes e o Sacristão Beleza e mais dois ou três rapazes, na sacristia envergavam os paramentos adequados à missão de que se iam ocupar ao longo do dia, um levava a Cruz, outro a campainha, um outro a caldeirinha da água benta e o Pároco o hissope. Assim saíam da sacristia, onde grande número de miúdos os aguardavam para os seguir de porta em porta, enquanto houvesse forças e lá ia o festivo cortejo direito à primeira casa.

Todos os garotos queriam levar a campainha, alguns tentavam levar a caldeirinha. Era um despique que Prior e Sacristão geriam com simpatia e muita alegria. Entrando nos lares, o Prior espargia água benta sobre os que dele faziam parte, sobre os móveis e paredes e saudava os anfitriões, dizendo "a paz de Cristo habite esta casa". Dava a cruz a beijar aos presentes, o sacristão recolhia, normalmente de uma bandejinha, a oferenda monetária da família e, de um pratinho coberto por um lindo naperon, as amêndoas da Páscoa. Trocavam-se umas palavras, tão alongadas quanto a proximidade do prior com os anfitriões, enquanto, não raro, se molhavam os lábios e se comia um pedacinho de folar. Depois, eram as despedidas, "até para o ano, se Deus quiser", e aí iam casa após casa, sempre com a miudagem na peugada. Fosse Páscoa molhada ou enxuta, nunca o ritual era deixado por cumprir.

## XXIII QUADRO

Realizada a escritura de venda da casa (deixada por Sara e os filhos com muita amargura), espera-os mais uma dura provação por que têm que passar, na travessia deste deserto que parece não ter jamais o fim tantas vezes desesperadamente desejado. Vai decorrer um período de enormes carências de toda a ordem: os proventos, de princípio, estão reduzidos ao magro salário de Abraão acrescido dos poucos tostões resultantes de um ou outro corte de cabelo e barbas e da venda de que Sara se ocupava, na praça de Buarcos, de alguns produtos da terra; a habitação da família, já composta por sete pobres criaturas, sendo uma a bebé de poucos meses ainda, vai ser o barracão, de chão numa parte cimentado e noutra térreo, que não oferece as mínimas das mínimas condições de habitabilidade, é impróprio para que alguém lá possa viver. A amargura de Sara era incomensurável. Como poderiam sobreviver numa habitação assim miserável, com o vento e a chuva a entrar por todas as frestas entre as tábuas e as telhas; a água a encharcar o canto que servia de lareira, a invadir o espaço onde se cozinhava e tomavam as refeições. Tudo era triste, deplorável. Uma existência assim era detestável. Viver nestas condições era um inferno, era insuportável. Só o saber que tinha cinco crianças que dela tanto dependiam lhe dava alento para continuar a lutar pela sobrevivência; só elas a consolavam, lhe proporcionavam, com suas brincadeiras e momices, ténues alegrias que, por

curtos momentos, a faziam esquecer a realidade que impiedosamente os avassalava.

Entretanto, ao longo de semanas, os materiais destinados à construção da casa que Abraão, nos meses subsequentes, foi construindo de raiz, foram sendo transportados para a fazenda, vala acima, pelo carro de vacas do Manel Fontela. Transportou-se primeiro a pedra para os alicerces, os adobos de cimento com que foram sendo construídas as paredes exteriores, as telhas, os tijolos e tijoleiras, o ferro e, finalmente, os sacos de cimento, as madeiras e os vidros.

Nesse ano em que a casa, em cada dia que passava, foi tomando forma, o descanso foi coisa que não existiu para Abraão nem para Sara. Ele saía, manhã cedo, para o trabalho, na Brinquema, donde voltava ao fim do dia, pronto para fazer crescer um pouco mais a sua casa. Ela, que não tinha mãos a medir, dava início aos seus muitos afazeres diários, bastante antes do nascer do sol, voltando à cama já altas horas da noite. Fazia o café que ambos tomavam; dava o peito à bebé e, com a canastra à cabeça, lá ia derreada para a praça, vender o que conseguia produzir na sua fazenda. Sempre infernizada, com medo que na sua ausência algo de mal pudesse suceder aos miúdos, tentava demorar-se o menos possível. Corria para a praça, que ficava no largo do pelourinho, e, assim que concluía a venda, corria, sem perca de tempo, a fazer umas compritas, a levar à sua comadre Beatrizinha (uma benfeitora da família) hoje uns figos frescos e bem madurinhos, que ela tanto apreciava, amanhã um casal de borrachos, um frango ou uns queijinhos frescos por ela primorosamente confeccionados, e, rápida, voltava a casa, esfalfada e derreada como fora, agora carregada com a canastra cheia de

cavacos que a sua comadre sempre lhe fornecia. Ao chegar, de retorno, sempre encontrava já os garotos a girar por todo o lado e fazendo tropelias na maior parte dos dias. Aqueles garotos endiabrados davam-lhe água pela barba. Se chovia, vinha encontrá-los todos molhados, fazendo represas no caminho público, onde, mal caía um aguaceiro, logo se formava uma levada, ou, tantas vezes, com os pés e pernas cobertos de lama até aos joelhos, ostentando o que diziam ser as suas botas de borracha de cano alto. E se ingénuas brincadeiras como estas a punham fora de si, outras, mais perigosas, exasperavam-na, deixavam-na completamente desvairada. Então, pegava no que lhe vinha à mão e, se não fora aqueles fedelhos fugirem para longe até que a fúria lhe passasse, ela bem lhes chegaria a roupa ao pelo. Assim foi um dia, quando regressou a casa, enervadíssima por ter chovido a cântaros durante uns bons vinte minutos, e, por isso, estarem, presumivelmente, os seus meninos isolados pelas ribeiras de grossa corrente. Ao entrar no tugúrio que lhes servia de habitação, encarou com Lia, que tinha o bebé ao colo, e perguntou-lhe por onde andavam os rapazes. Esta, receosa pelo que pudesse vir a suceder, disse timidamente à mãe que o Jacob levara a masseira para a ribeira, apesar dela a isso se ter oposto, e os outros dois lá foram atrás dele. Ouvindo isto e adivinhando o que poderia estar a acontecer, pegou numa cana e correu à ribeira. Chegou-se à margem e o que viu pô-la em polvorosa: os patifes dos seus filhos tinham prendido a masseira a um choupo, com uma corda, para que esta não fosse arrastada pela corrente, que era bastante forte, e meteram-se os três lá dentro, como se esta fosse a sua embarcação. Sara, então, tentou acalmar-se para não provocar um naufrágio, atirou fora a cana que levava para os ameaçar, e saltou para baixo. Meteu-se à água, que corria forte, e, após ter ajudado os filhos a

saltar para terra firme, desatou a corda e tirou da ribeira a masseira que transportou para casa.

Sobressaltos e situações alarmantes eram coisas que na vida de Sara não faltavam. O seu coração aflito transformava a sua existência num pesadelo constante. Era o medo de eles se magoarem, de por lá passar um malfeitor que os molestasse, de eles irem para junto do poço, arriscando-se a cair lá para dentro.

Sempre enervada e assustada, só imaginava, doentiamente, ocorrências danosas. Uma manhã em que, estando na praça a vender, se abateu sobre Buarcos uma violenta trovoada que dardejou a região com raios e coriscos, provocando elevados estragos em muitas habitações que não estavam protegidas por pára-raios e rasgando de alto a baixo algumas árvores das mais altas que foram condutores para as descargas eléctricas das nuvens, Sara correu para casa, apavorada, por pensar que também os seus filhos poderiam ter sido afectados pelos malefícios de alguma faísca que porventura tivesse caído por perto. Mal chegara ao cimo da barreira da Rosa Gata, deu um grito, chamando pelos filhos e ficou tranquila, porque eles responderam ao seu chamamento com grande algazarra. Os sempre irrequietos ganapos estavam, como sempre, no exterior da habitação. Após a forte trovoada que, por longo tempo, ribombara pelos quatro cantos do mundo, cairá uma granizada tal, que o chão ficara completamente coberto por grossa camada daquelas brancas bolinhas de água solidificada e os mafarricos saltitantes andavam de balde na mão a recolher os ovinhos brancos com que enchiam já uma larga e funda bacia que normalmente lhes servia de banheira.

## **XXIV** QUADRO

Isaac acordara hoje um pouco melancólico. Tomara o pequeno-almoço sem proferir uma palavra, sem que se lhe visse bailar nos lábios um sorriso (o que não era usual nele) e, vendo-o assim, a mãe interpelara-o:

— Que tens, filho? Hoje pareces-me um pouco triste; nem pareces o charepo do costume.

— Oh 'nha mãe, não é nada. Só 'tava a pensar ca Lia anda há tanto tempo na escola e eu nunca mais começo a aprender a ler. O pai 'tá farto de pedir ao padrinho da Rute para o genro dele falar lá em Lisboa, aos que mandam na escola, p'ra eu ir p'ra lá...

Ouvindo esta resposta, Sara emudeceu, sem saber o que responder, limitando-se a acariciar a cabecinha do seu filhinho que ela sabia estar a cogitar tristezas de menino precocemente amadurecido, que desejava ser alguém na vida, que recusava ser o que o padrinho da bebé dissera há dias a Abraão, quando este lhe implorava que se interessasse por Isaac, ou seja, recusava ser alguém que, de cesta no braço, andasse de feira em feira pedindo uma esmola, como ele vaticinara.

Agora, deitado na relva, tentava ele olhar o céu que o cobria; ver nele as nuvens nos seus diferentes formatos,

como cirros, nimbos, castelos, serpentes e outros bichos; visionar, para além delas, através de uma nesga de céu azul, os distantes Sóis e Terras de que ouvia falar aos mais velhos, aos anciãos (como António Casaca, João Tapiço, David de Oliveira) que nas conversas que mantinham, quando, debaixo da figueira grande, Abraão lhes cortava o cabelo ou rapava a barba, mostravam, a seu julgamento, muita sapiência. Isaac, cismando no que poderia haver nesse espaço cósmico, onde à noite se podiam contemplar a grande nebulosa que o povo denomina de Estrada de Santiago, as pequeninas estrelas que, cintilando lá muito longe, piscavam como pirilampos, disquinhos luminosos mais brilhantes e de luminosidade constante, e a Lua, que umas vezes parecia um fiozinho de prata, outras um meio queijo e outras um grande disco de luz que fazia da noite quase dia, procurava entender a existência do Céu, lá muito alto, onde os bem-aventurados, louvando Deus na sua imensa glória, descansam em paz, maravilhados com a luz perpétua irradiada pelo Pai Eterno.

E, sempre meditativo, veio-lhe à mente aquele dia em que o pai, sentado na cozinha, tendo na mão uma carta que tinha uma cercadura a negro, a lia amarguradamente, parando, a cada curta frase, porque as lágrimas e o sufoco, o muito sofrimento, não lhe permitiam continuar. Nela o seu irmão mais velho dava-lhe a triste notícia da morte da mãe que não sobrevivera ao desaparecimento do marido por muito tempo. Contudo, no meio destas dolorosas recordações, o menino conseguiu encontrar alguma consolação, quando pelo seu cérebro passou o pensamento de que os seus avós, tanto paternos como maternos, estariam lá nos altos Céus, entre os eleitos.

E, neste retorno mental a tempos já passados, relembrou a martelada que um dia dera no dedo mínimo da mão direita com a qual esmagou a unha que ficou defeituosa para sempre, e, em simultâneo, a manhã em que, ao levantar-se, correu pelo corredor até à cozinha para pedir a bênção matinal aos seus pais e, não reparando que o fogareiro estava colocado no chão, no meio da cozinha, tendo em cima uma panela de água que fervia, nele tropeçou e, em desequilíbrio, mergulhou na panela, até ao cotovelo, o braço esquerdo.

Recordando, com emoção, acontecimentos vividos nos últimos três ou quatro anos, manteve-se ali deitado durante largo tempo com os olhitos, que de dia para dia estavam cada vez mais privados da luz e da cor do mundo físico, postos naquela nesga de céu azul, que era mais fruto da sua imaginação do que algo que na realidade pudesse ainda ver com os olhos físicos.

Ali, tendo por leito a fresca e fofa relva, rodeado de verdura e flores que lançavam na atmosfera fragrâncias inebriantes, e por dossel o céu que retinha ainda muito nítido na memória e, tenuamente, na retina, a maravilha cósmica que durante a infância pudera contemplar e da qual vinha ouvindo referências, ricas descrições (para ele), quer por conversas dos mais velhos, quer por leituras do pai.

Entretanto, Isaac desceu à realidade do quotidiano, ao sentir por perto os patos, as galinhas que, grasnando, cacarejando, corriam, dando curtos voos para chegar mais depressa à eira, onde Sara, de joeira na mão, que sacudia para que os grãos de milho nela contidos fizessem aquele barulho muito peculiar, os chamava com o alongado grito de

"pio, pio, pequenina. pio, pio..."; ao ouvir, nas fazendas em redor, os falares e cantares dos vizinhos que trabalhavam a terra, o zurrar dos misteriosos e cismadores burros que erguiam para os céus distantes os seus longos pescoços, o mugir das mansas vacas. Então, como que despertando de um sonho bem sentido, ergueu-se, sacudiu a cabeça para afastar aqueles pensamentos, que, como tantas vezes sucederia no futuro, o invadiam e prostravam, e foi ao encontro de Jacob, que estava no tanque, junto ao poço, a brincar com o barco que ele próprio havia construído, moldando à faca, um troço de piteirão.

## XXV QUADRO

Chegada que fora a Primavera, que decorria amena e propícia ao trabalho ao ar livre, Abraão, que agora construía a nova casa a um ritmo mais acelerado, por ter abandonado o emprego e, portanto, dispor de muito mais tempo para o fazer, repartia as suas actividades pela construção, pela lavoura, que era então mais intensa, devido a ter ele arrendado, ao Fernando Brasileiro, a Quinta da Mira, pela pecuária e pelos cortes de cabelos e barbas dos fregueses que o procuravam na sua fazenda ou, aos Domingos, na loja do Manuel Feira, na Serra da Boa Viagem, onde este lhe havia cedido um pequeno espaço, ou, dos que, na ronda de Sábado, servia em suas casas.

Sara, essa tinha agora, além das tarefas de que já há muito se desempenhava, acrescido trabalho no amanho da terra e nos cuidados a ter com os animais e ainda, por vezes, na ajuda que prestava ao marido, quando os andaimes já iam altos, levando-lhe materiais de que ele precisava.

E os garotos? Como eles, apesar de estarem a viver dias dos mais negativos das suas existências, andavam satisfeitos, como se aquele fosse o melhor dos mundos possíveis! Com toda a jovialidade, ajudavam os pais, indo aviari-se à loja do Sr. António Casaca ou da Carriça ou fazer outros pequenos recados, apanhando erva para os coelhos, enchendo de pasto ou feno a manjedoura da Rola (a

primeira vaquinha que haviam comprado e que até parecia que, mesmo a olho nu, se via crescer), e, com a mesma alegre jovialidade, brincavam a infância, em liberdade no seio da natureza campestre, onde não havia tira de terra em pousio, onde searas, hortas, pomares, vinhas, pinhais formavam um manto de verdura – habitat de rica ornitologia e de coelhos em abundância, além de matreiras raposas, simpáticos ouriços-cacheiros, cobras e lagartos, doninhas, e, minando os solos, ratos, toupeiras e muitos vermes.

Passaram-se os meses e, finalmente, já depois de transcorridos os meses, estivais, foi dada por concluída a construção da casa tão ansiosamente desejada. Nela se instalou logo a família, rejubilando por ter então a possibilidade de melhorar as suas condições de vida.

## XXVI QUADRO

A nova habitação lá estava, com as suas duas portas e quatro janelas, mirando o vale, em frente, até ao Largo do Poço da Vila e, mais além o mar espraiando-se a perder de vista, à esquerda a vertente que trepava até ao Alto da Fonte e à direita a que subia até à estrada da Senhora da Encarnação. A habitação era constituída por quatro compartimentos bem pequeninos, dispostos de forma tal que lhe concediam a graça de uma casa de bonecas. Por uma porta central acedia-se a um minúsculo espaço quadrado que, à direita, tinha uma porta para o quarto de dormir dos três miúdos, à esquerda, uma outra para a sala de jantar e, em frente um lance de escada que conduzia ao primeiro andar, onde, por cima do quarto dos meninos, ficava o das meninas e, por cima da sala, o dos pais. Para a sala entrava-se também, vindo do exterior, por uma porta cuja metade superior, em vidro, lhe permitia uma boa iluminação. Entrando-se por esta porta, acedia-se, através de uma outra, à esquerda e subindo um degrau, à cozinha, que ladeava a direita da estrutura de dois pisos. Aqui penetrava a luz, por uma janela que, como todas as outras, abria para a frente, e por um postigo rasgado na lateral noroeste. Na parede das traseiras, por cima da lareira, abria-se a porta do forno, construído lá fora sob um pequeno telheiro e, no canto à esquerda da lareira, uma estrutura bem suigéneris para o fabrico diário dos queijinhos frescos.

O espaço exterior era igualmente bastante gracioso. Em frente da estrutura principal, havia um terraço para onde abriam, tanto as duas portas como as janelas dos dois quartos do primeiro andar e a do quarto dos meninos, no rés-do-chão. À esquerda deste terraço, encontrava-se, encostado à cozinha, um florido canteiro para o qual se debruçava a janela desta; mais afastado da parede, alargava-se um outro, de maiores dimensões, separado do primeiro por um carreiro de acesso ao terraço. Cravos, goivos, malmequeres, amores-perfeitos, rosas, rodeando uma pequena tangerineira, eram um encanto para os olhos e para as narinas amantes do que é natural. No canteiro encostado à parede da cozinha, entre a janela desta e a porta da sala, havia uma roseira e uma glicínia que trepavam, entrelaçadas, pela parede, ultrapassando o telhado da cozinha e chegando ao da estrutura mãe, agarravam-se ao beiral deste e percorriam-no até ao extremo oposto. Olhando-se, cá de baixo, para a zona alta da propriedade, descobria-se, por entre árvores, à esquerda e encostados ao caminho público, o estábulo, os currais e o celeiro, e podia-se admirar, em frente, um pouco mais acima, junto ao canavial de separação dos terrenos adjacentes, num primeiro plano, dois renques de figueiras ladeando o terraço e os canteiros profusamente floridos e densamente perfumados por apetitosas fragrâncias emanadas do seio da mãe Natureza, e logo, um nadinha adiante, a linda fachada enfeitada pelos policromados conjuntos florais que povoavam os alegretes existentes por baixo dos parapeitos das janelas, e por aquele corpo gerado pelo abraço amoroso de duas trepadeiras. Era fascinante, tanto na parte ascendente como na transversa, ao longo do beiral e sobrepujando as duas janelas do primeiro andar, contemplar uma tal simbiose de folhas de roseira e glicínia, e de muitas lindas rosas

mostrando-se emolduradas por muitos e muitos cachinhos de uma brancura de neve.

Principalmente durante a época de banhos eram diversas as famílias amigas que ali vinham fazer com eles grandes patuscadas ou simplesmente visitá-los; e todas elas eram unânimes no modo como expressavam as suas sensações, face àquele quadro, digno do pincel de um verdadeiro artista. Entre esses sempre desejados convivas, marcavam mais frequentemente presença a Sr.<sup>ª</sup> Cesaltina, que, não raro, se fazia acompanhar por familiares que vinham de Lisboa recobrar energias naquela terra de sol e atmosfera marítima e campestre, a Sr.<sup>ª</sup> Jacinta e família, a comadre Sílvia, com o marido e filhos, as duas filhas do saudoso Mestre de Bogas (Maria de Jesus e Maria Teresa), que, vivendo ainda no interior (na Beira-Baixa) tinham eleito a praia de Buarcos como terra de veraneio. Principalmente a Maria de Jesus, o marido e os seus dois filhos (a Irene e o Quim) ali retemperaram forças em Verões consecutivos e, não só os adultos adoravam estar por lá em alegre cavaqueira (quantas vezes recordando tempos idos!), como também se consolavam os mais novos em brincadeiras que nunca se esgotavam. Quantas vezes, ali, naquele tão maravilhoso recanto, habitado por gente simples, mas muito amistosa, gente que tinha prazer em acolher calorosamente os que vinham por bem, se deliciaram, viveram horas de plena alegria, absoluta felicidade, tantos amigos como estes, que sabiam valorizar as reconfortantes dádivas da Mãe Natureza e apreciar as confraternizações em liberdade, ao ar livre.



## XXVII QUADRO

E se aos seus filhos a Mãe Natureza oferecia aqui vivências de bem-aventurados, não evitava que eles experimentassem outras menos aliciantes e, quantas vezes, bem amargas! Assim foi naquele dia dois de Fevereiro do princípio dos anos cinquenta, que alvorecera especialmente gélido. Os campos, sobretudo nos lugares mais abertos onde a brisa boreal não tinha obstáculos à sua progressão, estavam cobertos por um alvo manto que durante a noite fora estendido por hábeis mãos invisíveis. Por toda a parte a brancura do gelo que se formara e da neve que caíra durante a noite, dava à paisagem um encanto especial de que os habitantes daquela região de clima particularmente ameno não tinham memória. Os prados, que se estendiam desde as bases das colinas até aos ribeiros que rasgavam os vales, ofereciam ao observador um panorama magnífico, coisa nunca vista por aquelas paragens.

Ainda manhã escura e não adivinhando o que o esperava fora de portas, Abraão preparava-se já para ir ao lugar da Serra, onde se celebravam as festas da Senhora da Boa Viagem, pois aí se deslocava habitualmente nos Domingos e Dias Santos para cortar cabelos e barbas a homens e rapazes que só nessas alturas tinham a preocupação de se mostrarem um tanto mais apresentáveis do que o que era habitual.

Com os filhos ainda a dormir e a sua mulher preparando-lhe já o pequeno-almoço na cozinha, este homem abre a porta e, face àquele mágico espectáculo, vislumbra a terra natal, todos os Invernos coberta de neve, onde passara o melhor tempo da sua vida; recorda os seus pais e irmãos e aquele menino que ele fora, a brincar com os amigos de infância; passam-lhe pela mente os caminhos, veredas e montes onde vivera uma boa parte da juventude e assim, com todos os sentidos a reviverem fragmentos da vida passada, despede-se da mulher e lá vai, rumo à Serra, por aquele caminho pedregoso através dos pinhais, parando uma vez aqui para contemplar um resto de neve pendente ainda dos ramos de um pinheiro, de um carapeteiro, um erva-deiro, um tojo ou uma outra qualquer criatura vegetal, detendo-se uma outra mais além, quer para observar um coelho que se agacha colando-se ao chão para passar despercebido, quer para aspirar a fragrância exalada por espécies arbóreas (entre elas o rosmaninho) que de lugares abrigados, na base das saliências do terreno, se elevavam até às suas narinas. Lá mais acima, numa elevação de terreno donde se descortina, para além da planície que se estende até à zona montanhosa, uma mancha negra formada pelas serras situadas a Leste de Coimbra, Abraão, com as mãos nos bolsos e ao ombro a maleta onde transporta os utensílios de barbeiro, detém-se uma última vez, regelado até à medula óssea, porém, com calor bastante na alma para que seja capaz de resistir ainda ao Vento Norte que cada vez mais sopra intensamente fustigando-lhe o rosto, e lança um olhar contemplativo para além da planície, à mancha negra atrás da qual fica a terra que o viu nascer.

À tarde, enquanto Abraão trabalhava para poder ganhar mais qualquer coisa para garantir melhor a subsistência da família, a Sr.<sup>a</sup> Aninhos e a sua neta Alice Casaca, que

haviam passado a viver, depois da doença desta, numa casa mandada construir pelo seu avô, na fazenda do Alto da Fonte, sítio exposto a todas as intempéries, vieram aquecer-se à lareira de Sara Piedade. Agasalhadas dos pés à cabeça, desceram a encosta, açoitadas pelo vento gelado e, uma vez chegadas à base desta, atravessaram o vale um pouco mais confortavelmente, porque este, mais abrigado, tinha já condições atmosféricas suportáveis.

Ao verem-nas percorrer o caminho que do pontão subia até à casa, as crianças rejubilaram de contentes, uma vez que a Alice era uma excelente contadora de histórias e portanto era pessoa capaz de acalmar a turbulência da garotada obrigada, por força das circunstâncias a não ir lá para fora brincar.

Sentados à lareira, cada um no lugar que costumava ocupar e com os sentidos bem apurados, os miúdos preparavam-se para escutar a Alice que de imediato tomou a palavra, contando, uma após outra, histórias que deixavam as crianças embevecidas. Era a história do "Mama na Burra" que com os seus companheiros ia à aventura por cidades e campos cheios de perigos, em busca de um mundo melhor; era a "Branca de Neve e os sete Anões", em que a narradora relevava especialmente a vitória do bem sobre o mal; era um nunca mais acabar de histórias, sobretudo de bruxas, fadas e duendes, que agradavam quer à garotada quer aos adultos, e, em parte, até mesmo à narradora, que se deliciava por sentir que estava a colaborar na formação da vida mental daqueles homens e mulheres de amanhã.

Esta tarde, em vez do frio intenso que se fizera sentir lá fora, dentro de casa, onde a lareira estivera sempre acesa, o calor, quer o do ambiente quer o humano,

fora uma constante que fizera passar o tempo sem se dar por isso.

## XXVIII QUADRO

Nesses anos do princípio da década de 50, os Invernos eram habitualmente bastante semelhantes a este, excessivos, e, no que respeita a rigor, as Primaveras não lhe ficavam atrás.

Num desses anos, decorrendo o mês de Abril, a Natureza, quase todos os dias, acordava particularmente bravia, fustigando com fortes aguaceiros os campos, já há algum tempo lavrados à espera que lhes lançassem as sementes que no seu seio gerariam o pão necessário à subsistência de tantas famílias que viviam em extrema dificuldade, dependendo da pouca terra que amanhavam. A manter-se nesta Primavera o tempo de Inverno, tanto as famílias que viviam recorrendo à actividade no mar como à exploração da terra iriam sentir, nos meses que se avizinhavam, necessidades de toda a ordem.

Com o mar varrido por enormes vagalhões, não era possível os homens aventurem-se a sair barra fora sem pôr em risco a própria vida; com a terra completamente saturada de água, os ribeiros ainda a transbordar, as árvores mostrando à evidência um desabrochar demasiadamente atrasado para a época, não era fácil, por muito optimista que se fosse, antever um ano agrícola promissor. Com uma natureza maléfica assim a causticar famílias que não tinham qualquer protecção social e que, portanto, dependiam

inteiramente das boas ou más condições atmosféricas, era logicamente natural o desânimo visível em cada rosto. As crianças iam para a escola, tiritando de frio e mal alimentadas, sem alegria, sem o mágico brilho nos olhos que tanto fascina quem os vê passar, os pais e mães daquela terra agro-pescatória vivem angustiados, mas ainda com a esperança a encher-lhes a alma e o coração de que Deus os proteja e lhes dê uma farta colheita, diferente do que o prólogo desta Primavera lhes anuncia.

## XXIX QUADRO

Perspectivando condições atmosféricas bem mais favoráveis à vida dos desprotegidos da sorte, dois meses decorridos, apresentavam-se, nesses dias, os campos da encosta da várzea inundados de luz. O Rei Sol, lá do seu alto trono celeste, ao Sul, dardejava profusa, mas suavemente, vales, encostas e colinas com os cálidos raios que produziam vida fecunda em tudo o que beijavam. Procedendo do imenso Oceano, uma suave brisa acariciava o areal, bafejava o Largo do Poço da Vila e, por entre a lomba do Alto da Fonte e a da Senhora da Encarnação, fluía amorosamente para o interior, produzindo um incontrolável frémito no verdejante corpo estendido naquele alongado leito. Tanto na fresca terra como no céu azul, a vida palpitante era perceptível pelos cinco sentidos. Estimulavam o olfacto, embriagantes odores e fragrâncias que enchiam o ar; maravilhavam o ouvido o canto das muitas espécies de aves pousadas nas frondosas árvores ou cruzando a morna atmosfera, o mugido das vacas que pastavam, presas perto do grande poço da tília ou, lá mais para cima, junto aos cursos de água, as cabras berrando e as ovelhas balindo, as galinhas, os patos e perus executando as suas partituras na grande orquestra da Natureza, o murmúrio da folhagem dos pomares, searas e canaviais, os cantares, assobios e gritarias de homens, mulheres e crianças; deliciavam a vista o dourado das espigas de trigo e de cevada, o colorido de canteiros de dálias, gipsofila,

goiveiros, amores-perfeitos, roseiras em torno dos poços, miosótis e malmequeres ao longo de levadas, tudo cores vivas contrastantes com os verdes de pomares, vinhas, milheirais, cercados de aboboreiras estendendo os alongados braços e ostentando os seus enormes frutos, do batatal, dos feijoais e tomatal, de plantações de couves, alfaces, pepinos, pimentos, cebola e alhos, de miríades de borboletas, joaninhas e outros insectos, de bandos de pombos, considerável número de tentilhões, verdilhões, melros, rouxinóis, pintassilgos, pardais e muitas outras espécies; excitavam o tacto a acariciante aragem, o terno contacto corporal com toda aquela flora e fauna paradisiaca; adoçavam o paladar o saborear o néctar de uma flor, umas quantas amoras silvestres, os suculentos figos, pêssegos e abrunhos, as apetitosas peras, maçãs, uvas e demais gostosos frutos do pequeno mas glorioso éden que Deus ali criara e o Homem acrescentara.

Em dias assim, aquele espaço territorial, sito entre ribeiros (qual Mesopotâmia donde procedia a peregrina família), tornava-se mesmo num verdadeiro vale encantado. A saúde, a paz e o amor, em suma, a felicidade, andavam por ali à solta. Labutava-se, claro; Brincava-se e tudo parecia estar no lugar certo. A harmonia macro cósmica concertava-se com o microcosmos familiar e o individual. Para o casal, amanhar a terra, tratar dos animais era missão que devia ser obedientemente cumprida, por um lado, porque assim se garantia o necessário à vida, por outro, pelo respeito e amor para com a Natureza (criação divina ao serviço do Homem); para os garotos, ajudar os pais era uma brincadeira: ir à verdizela para os coelhos, apanhar pasto para as vacas ou ir por esse pinhal acima (às vezes até à Serra), apascentando as cabras, eram divertimentos apetecíveis; participar na colheita dos produtos da terra,

nas desfolhadas, na debulha de feijão, grão-de-bico ou mesmo milho era para os miúdos uma festa, principalmente quando tinham a companhia de amigos que não raro vinham com eles brincar.

Em todos os recantos a vida manifestava-se, em pujança e esplendor. Tanto a vegetal como a animal apresentavam-se em toda a sua magnificência.

Cenários a este similares, pintados a cores deslumbrantes pela mão do Sublime e supremo Mestre de todos os Artistas, podiam, por aquelas paragens, ser contemplados, em muitos e muitos momentos ao longo dos anos, em tempos idos ainda nos finais da primeira metade do século XX.

A Natureza, embora submetendo o Homem a privações e provações bem duras, compensava-o benignamente, oferecendo-lhe, a ele, seu amante sempre fiel, que adulava, a pureza do seu ser, pureza para a manutenção da qual ele próprio trabalhava denodadamente, no fluir das horas, no decurso dos dias, semanas, meses, no suceder das estações e dos anos.

No sentir a sua existência como parte integrante da Natureza, Abraão e Sara não se poupavam a esforços, ao cultivar com esmero e amor os canteiros, as leiras, as hortas, as várzeas e encostas, em suma, toda a terra que o Criador confiara à sua protecção, e, em compensação, esta prodigalizava-lhes os produtos alimentares de qualidade que a flora e a fauna geravam, garantia-lhes uma atmosfera pura, ainda não poluída, e propiciava-lhes deleitantes vivências que os fortaleciam espiritualmente.

Abraão e Sara, contemplativos por natureza e experiência de vida, estavam umbilicalmente inseridos no ambiente campestre e, assim, desde sempre, entendiam, sem equívocos, o pulsar das paisagens rurais.

Um dia, já nos fins do mês de Junho, a manhã saíra do seu manto de sombras, como tantas vezes, fresca e bela. Fazendo-se, então, sentir uma particularmente amena temperatura e mal se adivinhando ainda os primeiros alvores do Sol que a Oriente se erguia por detrás da colina que dos Condados desce até ao Poço da Vila e já no vale, na pequena granja ladeada a Sul e a Oeste pelas ribeiras que aí confluem, Sara Piedade e o seu marido entregavam-se à árdua labuta do amanho da terra: ele, à picota, tirava do poço a água que ela, rasgando no solo com uma enxada os sulcos, conduzia até aos renques de feijoeiros de trepa, de odoríferos tomateiros suportando o peso de enormes e suculentos frutos rosados, de milho circundado por enormes abóboras e beterrabas; aos canteiros de significativo número de espécies de flores, como dálias, gipsófila, rosas e cravos, miosótis e goivos. Nada, naquele espaço entre o poço grande e o pequeno ficava sem rega: Sara Piedade, umas vezes a balde e outras com um ogadouro, espalhava água pelos alfobres de pimentos, pepinos, alfaces; pelo couval e pelas cenouras, e mesmo pelos poucos pés de hortelã e erva-cidreira.

Enquanto o casal, no desejo ardente de poder vir a ter farta colheita que permitisse dar aos filhos, que ainda dormiam, uma mais confortável existência, fornecia alegremente à terra a fresca seiva que ia manter viva toda aquela verdejante vegetação, aves de toda a sorte, cantando em coro o canto matinal de todos os dias, cruzavam os ares, transbordantes de felicidade, levando para os seus filhotes

a primeira refeição do dia, e lá ao cimo da pequena encosta, nas instalações destinadas à bicharada, os animais reclamavam o pequeno almoço. Então, aquele homem, numa atitude de tranquila verticalidade, encostado à varola da picota, contemplava toda a obra realizada naquele seu pequeno mundo verdejante, para ele amplo universo de beleza sem igual, admirava sobretudo as árvores que estendiam os seus ramos como que a oferecer os frutos amadurecidos, e num enlevo panteísta, ao sentir a presença de Deus em tudo aquilo, erguia o pensamento ao Criador, convencido de que Este se agradaria pelo modo como ele próprio continuava, naquele vale, a obra da Criação.

Ao fim da manhã, com o sol já no pico da abóbada celeste, depois de terem trabalhado ao longo das horas, umas vezes apanhando erva para os animais, outras sachando aqui e rendando além, Sara Piedade subia a pequena encosta em direcção à casa, situada lá ao cimo, para ir fazer o almoço, enquanto o seu marido, atravessando o pontão sobre a ribeira situada a Sul, ia à outra margem, à quinta do Brasileiro, que trazia de renda, soltar um pouco a vaca e outros animais que haviam estado presos durante toda a manhã. No leirão cimeiro ficava um pouco a apanhar algumas ginjas e peras para a sobremesa do almoço e, para matar o desejo da fruta que mais gostava, colhia um ou dois figos ainda mal amadurecidos.

Com a aproximação da uma hora, Abraão, antes de ir almoçar, sentava-se um pouco a descansar numa espécie de banco talhado na rocha que se encontrava, sobretudo, numa posição óptima para guardar os animais que pastavam à solta nos dois leirões que se alongavam até ao poço da tília, e daí contemplava o vale coberto de grande variedade de espécies vegetais, como eram os salgueiros, choupos e

vimeiros que se dispunham, sobressaindo dos canaviais e silvados, ao longo das correntes de água, as enormes pereiras e figueiras profusamente salpicando a paisagem, umas tantas nespereiras e marmeiroes, a frondosa e florida tília que, com uma cevadilha também ostentando as suas vistosas flores, rodeavam o grande poço, lá ao cimo, que nem nos verões mais secos e longos deixava de fornecer com abundância a água tão necessária à rega dos produtos hortícolas e leguminosas que ocupavam grande extensão do leirão fundeiro, era o viçoso milheiral, entremeado por feijoeiros e cercado pelos longos braços de aboboreiras expondo os seus enormes frutos, que cobria a baixeira em toda a sua superfície, era o pinhal, por de trás dele, cobrindo a encosta sul que descia da Rua do Alto-da-Fonte até ao vale.

Aí descansava um pouco enquanto guardava os animais que comandava com ordens verbais e algumas pedradas, e esperava com apetite que a sua mulher o chamasse para a refeição que tardava.

### XXX QUADRO

Era Domingo de Pascoela, dia em que o Sr. Prior Alfredo Abrantes realizava a visita pascal aos paroquianos residentes fora do perímetro central da Vila de Buarcos.

Terminada a Missa Dominical, aí ia ele com o seu séquito subindo a estrada da Nossa Senhora da Encarnação a visitar os Católicos que dispersamente por lá habitavam. Consumada a visita na Quinta dos Cavaleiros, deixava esta colina que segue até à Serra da Boa-Viagem, atravessava o vale por pinhais e quintas, ultrapassava o ribeiro procedente da Serra e, na lomba que o ladeava a Leste, esperava-o a família de Abraão, já na casa por ele recém-construída.

Então, ao abandonar os agrestes caminhos percorridos e dardejado por um sol excessivamente quente para a época, entra no portão onde se iniciava o caminho ladeado pelo estábulo das vacas e o celeiro, figueiras, um marmeiro e dois ou três pessegueiros. Daí até à entrada de casa caminhava sobre um tapete verde e bem cheiroso feito pelos garotos com rosmaninho, alecrim, murta, ramos de oliveira e outras odoríferas e verdejantes espécies vegetais. Acompanhado pelo Patriarca que respeitosa e amistosamente o viera receber à entrada da sua pequena granja, entra na habitação e oferece a cruz a beijar àquelas sete inocentes

almas que desde o amanhecer ansiosamente aguardavam este solene momento.

A sala, onde todos se reconfortam agora, é de dimensões reduzidas, mas, no entanto, é acolhedora e propicia aos visitantes pascais um convívio que, embora não muito alongado, gera uma saudável descontração. O senhor Prior toma uma fatia de pão-de-ló, molha os lábios num cálice de vinho caseiro e o Sacristão (o Sr. Beleza), recolhe o óbolo pascal que se encontra num pires coberto por um napron que Lia bordara para o efeito, e retira de um outro, também coberto por um idêntico guardanapo rendado, as amêndoas de Páscoa.

Concluído este ritual com o espargir de água-benta no interior da casa e, porque esta era a primeira vez que recebia a Visita Pascal, também no exterior em torno da mesma, o Celebrante, agora acompanhado por toda a família, desce o caminho por entre a vinha e outras árvores de fruto que admira, percorre a área de cultura e, atravessando o ribeiro por um pontão, segue rumo ao Alto da Fonte, aos Condados e, finalmente, à Serra.

## XXXI QUADRO

Paralelamente a cenários a este similares em termos de emotividade, outros ocorriam, não menos dignos de nota, no progredir da família para tempos mais promissores de conforto e qualidade de vida. Sucediam-se e repetiam-se, com mais ou menos variantes, trechos de vida, como o que ora se recorda, que moldaram o carácter daqueles cinco irmãos.

A tarde daquele dia de fim de Verão aproximava-se já da hora crepuscular, calma e serena, convidando à actividade fora de portas ainda por mais algum tempo. Na colina, coberta de pinhal e mato, que desce da serra entre dois vales que a separam respectivamente do Alto da Fonte e da Senhora da Encarnação, os filhos de Sara Piedade apascentam o rebanho de cabras. Desde o almoço que tudo decorria, como de costume, calcorreando-se todos os cabeços e outeiros, sem ser esquecido aquele de onde se avista, lá para Leste, uma mancha escura que o pai diz serem as serras para trás das quais fica a sua terra natal. Agora, necessariamente já cansados, aproveitam as últimas possibilidades para permitir aos pobres animais, alimentarem-se finalmente. Benjamim, o menino mais novo, percorre então uma vereda por onde há pouco havia passado, a cavalo, um destacamento militar. Ia o pequeno andando, e eis que vislumbra, brilhando, entre as moitas, um objecto

que lhe é estranho. Apanha-o, e logo, desatando aos pulos e a gritar, chama os irmãos para virem ver o seu achado.

— Olhem! Um tesouro. O pai vai vendê-lo e depois fica rico. Aposto com vocês que com esta única jóia vamos ser tão ricos como o pai do Tonito, quando veio da França.

Ao ouvir aquilo, o Jacob logo lhe tirou das mãos o objecto que para o Benjamim representava a possibilidade de realização de tantas coisas boas há muito sonhadas e chamando o irmãozinho à realidade, afirmou-lhe ser aquilo apenas uma régua especial de medições que, com certeza, algum dos militares havia perdido ou, então, caíra de um dos muitos aviões que há três ou quatro dias por lá tinham passado num desfile que tanto os amedrontara e aterrorizara mesmo a Lia, que pensava ser aquilo o sinal de uma guerra.

Ao regressar a casa, Benjamim foi de imediato mostrar à mãe o seu achado, que para ele continuava a ser a possibilidade de a família alterar a realidade até então vivida, se o pai o vendesse por bom dinheiro. Para ele não era preciso o pai ter de deixar os filhos e a mulher e ir para a França em busca de fortuna. Com a venda daquele objecto tão brilhante a realização de todos os sonhos até então sonhados poderia ser concretizada, tornando-se o seu pai um homem suficientemente rico para poder garantir aos seus uma vida confortável.

Perante este castelo de sonhos do seu Benjamim, Sara Piedade não sabia como proceder; não lhe queria alimentar falsos pensamentos de riqueza fácil, mas doía-lhe ter de chamar à realidade aquela loira cabecita.

## XXXII QUADRO

Ficando para trás a descida aos infernos, tendo estado em curso, nestes primeiros anos da segunda metade do século XX, o regresso ao mundo da luz e da cor, estabilizada a qualidade de vida em níveis perfeitamente aceitáveis, para a época, Abraão e Sara Piedade esforçavam-se, a tempo inteiro, para garantir aos filhos um crescimento saudável, tanto no plano físico como no psíquico, para lhes preparar um futuro de mais fartura e conforto do que o que o presente oferecia. Ele levantava-se ainda noite cerrada, geralmente para mugir as vacas e as cabras, ir depois, ao laboratório entregar o leite à leiteira que o vendia, de porta em porta, após a sua análise no laboratório. De volta a casa, comprava o pão para o pequeno-almoço e, ao chegar (no Inverno ainda com o crepúsculo a pairar sobre o seu vale, conferindo-lhe uma configuração fantasmagórica), fazia saltar da cama a miudagem, ajudava a Lia a aprontar a primeira refeição do dia, que todos comiam com grande apetite, e, acto contínuo, ia tratar dos animais. Ao longo do dia e, não raras vezes, desde o alvorecer até às horas em que a noite tudo torna próximo, tudo une num só corpo com a escuridão envolvente, Abraão dedicava-se ao amanho da terra, aos cuidados a ter com os seus animais, não se permitindo descanso, a não ser para uma sesta que não dispensava após o almoço, ou pequenas pausas para contemplar a obra feita.

Sara, por seu turno, logo que ouvia o galo cantar, saltava da cama, lavava-se e vestia-se, e, apressadamente, quebrava (quando quebrava) o jejum antes de sair para a praça, transportando os produtos que aí vendia.

Ao chegar, ocupava o lugar habitual, junto ao pelourinho, dispunha a venda em moldes de os fregueses poderem ver e apreciar, num relance de olhos, todos os produtos que a constituíam. Os queijinhos frescos e os ovos não chegavam para as encomendas; os figos, colhidos de véspera, à noite, desapareciam num ápice; peras, pêssegos, ameixas e outras espécies frutícolas (principalmente as temporâs) vendiam-se também rapidamente; quando, porventura, tinha à venda dois ou três coelhos, galinhas ou frangas bem gordas, patos ou um ou dois casais de borrachos, gerava-se disputa entre a freguesia; feijão-verde, tomates, pepinos, couves alfaces, apesar de serem de qualidade excelente, não se escoavam com a mesma facilidade, porque, neste caso, a concorrência era considerável. Concluída a sessão de trabalho matinal, apressava-se a fazer as compras de mercearia ou a ir visitar a comadre Beatrizinha, regressando a casa nunca antes das dez, onze horas. Então, sem parança, ajudava a Lia a arrumar a casa, corria às capoeiras a recolher os ovos acabados de pôr, a chamar a criação (que Abraão soltara logo de manhã), para lhes dar um ração de milho, dava erva aos coelhos, levava a vianda aos porcos e, depois, já cansada, juntava-se ao marido, a amanhar a terra, a tratar do gado. Cerca do meio-dia, subia a encosta, vindo a casa aprontar o almoço que Lia havia começado a preparar. Sem descansar um momento, logo após o almoço, enquanto o marido dormia a sesta, ela punha o leite das cabras a coalhar e ia, de imediato, para o tanque, junto ao poço grande, lavar a roupa, ou ficava a cosê-la,

ou a passá-la a ferro, confeccionando depois os queijinhos do leite que já havia coagulado. Durante a hora da sesta, Sara pedia a Deus que o marido não acordasse tão depressa, para que ela tivesse tempo de adiantar o muito que tinha para realizar.

Assim que este acordava, largava o que estava a fazer e juntava-se a ele, trabalhando ao seu lado até quase ao pôr-do-sol. Nessa hora tardia, enquanto Abraão recolhia os animais, procedia à tiragem do leite a vacas e cabras, ela preparava o jantar, com a ajuda de Lia, ajeitava a venda que levaria para a praça na manhã seguinte e, pelo menos uma vez por semana, punha o forno a aquecer, para, depois de todos irem para a cama, tender o pão, que entretanto estivera a levedar, e pô-lo a cozer.



### XXXIII QUADRO

Manhã cedo e já no Oriente o Sol inicia a sua ascensão ao céu em que aves de todas as cores e diferenciados cantos iniciam a sua faina diária. Elas cortam já a fresca e reluzente atmosfera, procurando os alimentos que ingerem, e levam nos bicos, aos filhotes que os aguardam ansiosamente nos ninhos, que tão cuidadosamente antes edificaram.

Na granja tudo é vitalidade, tudo é demonstração de que a obra do Criador está em plena actividade: As mansas vacas e os bezerrinhos seus filhos reclamam no estábulo a devida refeição matinal; as cabras e as ovelhas fazem ouvir as suas vozes pedindo que lhes venham abrir a porta do bardo, porque também elas Precisam de ir por valados e prado fartar-se do saboroso repasto; os suínos exigem, grunhindo, a primeira vianda; as galinhas patos e perus fazem uma algazarra nas capoeiras chamando os donos para os vir soltar, pois

têm pressa em vir para os largos espaços abertos em busca de tudo o que lhes possa servir de pequeno-almoço.

Ouvindo esta sinfonia, executada por tão exuberantes artistas, ninguém mais pode continuar dentro de casa insensível ao apelo clamoroso que do palco da vida reclama acção vigorosa, exige intenso trabalho, disponibilidade total.

Face a este apelo sonoro que de fora incita à vida, na continuação da obra a que o Arquitecto Universal deu início, Abraão e Sara Piedade, ainda que com vontade de permanecer um pouco mais entre lençóis, bocejando, espreguiçam-se gozosamente e saltam da cama. Então, Sara abre a janela, insufla o ar fresco

e puro que lhe invade a casa e a alma, espraiia o olhar contemplativo por sobre o orvalhado pomar e, depressa, consciencializa o que muito tem a realizar

ao longo do dia que a aguarda dentro e fora de portas.

## XXXIV QUADRO

Quanto ao decurso dos dias dos filhos do casal peregrino, naturalmente que este era, de algum modo, idêntico ao de tantos meninos e meninas que, por aquelas paragens essencialmente agro-pescatórias, viviam alegrias e enfrentavam tristezas, usufruiam promissoras épocas estivais e sofriam tempos invernosos; que jogavam às escondidas, ao trapo queimado, ao lenço, às prendinhas, à macaca, às cinco pedrinhas, ao prego, à pela, ao pião; que construían os seus próprios brinquedos, ou seja, moinhos de vento, papagaios de papel, barcos, carripanas e outros veículos, baloiços e escorregas, arcos e flechas; que brincavam aos bombeiros, soldados e ladrões, aos camionistas e lojistas, aos casais, aos médicos e professores; que iam a arraiais, às romarias de Santo Amaro e da Senhora da Boa Viagem e a outras festas populares; que assistiam a espectáculos realizados nos Caras-Direitas; que frequentavam a catequese e a escola e participavam nas manifestações comunitárias promovidas pela paróquia; que ajudavam os pais nos seus afazeres. Todavia, a infância dos cinco pequenos magos do Vale Encantado que, do Poço da Vila à Serra, se alonga entre duas lombas de vertentes de suaves declives, assumia peculiaridades geradas pelo ambiente natural em que a mesma se enquadrava.

Ainda que vivendo numa vila cujos habitantes se dedicavam, quase integralmente, às actividades piscatórias e afins, as suas vivências eram enriquecidas, tanto quantitativa como qualitativamente, pelo facto de a respectiva existência fluir, em boa medida, em espaço rural. Assim, os cinco inquietos aventureiros, além de terem vivido as mesmas experiências que todos os outros, colhiam os benefícios de uma prática de vida diariamente exercida no âmago da doce Mãe Natureza.

Com as suas vidas simples intimamente inseridas no mundo rural, cedo aprenderam a conhecer o ciclo da vida agrícola, desde o arar a terra até à recolha do fruto, passando pelo estrumá-la, lançar-lhe a semente, sachar as searas para as libertar das ervas daninhas, render o solo para que as raízes das plantas pudessem arejar, proceder à rega dos campos cultivados, tal como à poda das árvores, ao sulfatar e enxofrar as videiras. Participaram nas vindimas, na pisa das uvas, no tratamento do mosto em fermentação, na colheita das maçarocas de milho e consequente desfolhada; assistiram ao nascimento de coelhos, cabritos, bezerros; observaram galinhas e pombas no choco; viram o eclodir dos ovos e o consequente nascer dos filhotes; conheceram os diversos tipos de ninhos, desde os mais toscos, como os das rolas, até aos mais finamente construídos, como os dos tentilhões; descobriram luras cheias de gordinhos láparos. Aprenderam a mugir cabras e vacas; conheceram o processo do fabrico do pão (a moagem do cereal, o peneirar da farinha, o fermentar e amassar desta, o seu levedar, o tender o pão e, finalmente, introdução do mesmo no forno); observaram a mãe a fabricar os queijos (a pôr no leite o coalho e depois, com a coalhada já consolidada, o colocar esta dentro dos acinchos, comprimindo-a sempre até ela se libertar do soro). De igual modo assistiram à matança do

porco, à salga das suas carnes, à feitura dos enchidos e respectiva secagem no fumeiro.

Com uma educação assente em princípios morais da Igreja Católica ensinados por um clero profundamente conservador e leigos incontestavelmente seguidistas, e ainda alicerçada, por um lado, no ensino rigidamente tendencioso da escola oficial e, por outro, no de uma família de índole puritana, era de esperar que esta, mesmo com os acréscimos resultantes de vivências em divertimentos populares e outras manifestações públicas, ficasse seriamente amputada, drasticamente deficitária. No entanto, essa amputação foi debelada, em parte, o défice foi compensado pelos conhecimentos absorvidos no convívio com rapazes e raparigas que eram mestres na escola da vida, pelos saberes adquiridos, ao escutarem conversas entre os teenagers e entre os adultos que contavam histórias de namoros, de paixões, ciúmes, traições, infidelidades, crimes passionais, realidades que os pais de ingénuos meninos evitavam que conhecessem. Os três filhos mais velhos, esses apercebiam-se de que o mundo dos homens era muito diferente do que eles até então haviam conhecido, ao ouvir as apimentadas anedotas contadas pela Sr.<sup>ª</sup> Jacinta, ao escutá-la a conversar com Sara, referindo as aventuras amorosas do seu filho João e de outros rapazes e raparigas; censurando o escândalo provocado pela Adélia Rola, que abandonara marido e filhos, ainda bem pequenos, para ir viver com o amante, que gostava de fornicular com ela por entre hortas, canaviais ou searas, mas que não estava disposto a abandonar a família, a trocar o certo pelo incerto; apontando o dedo crítico a beatas que se dizia fazerem assédio sexual ao pároco, a mulheres, como a Francelina Periquito, a Isaura Marreca, a Chica do Rio de Baixo, que, mal os seus homens partiam para a faina do mar,

logo metiam na cama outros que lhes saciavam os desejos libidinosos.

E se, nesta fase de crescimento, estas abordagens de orelha à realidade nua e crua da vida eram aberturas palpitantes que os ajudavam a abrir os olhos para outras facetas da natureza humana, que lhes facilitavam a compreensão dos fenómenos que em si se começavam a manifestar, condicionando o funcionamento dos seus organismos, tanto a nível físico como psíquico, anos mais tarde, as vivências geradas pela observação directa de relações amorosas em curso e finalização em coito efectivo excitavam-lhes os sentidos de tal modo que só a masturbação ou a anuência de parceiras desejosas como eles de satisfazer os apetites sexuais, os apaziguava.

Se avistavam a Adélia Rola a rondar a fazenda do amante, logo se punham à coca, não querendo perder pitada do encontro amoroso que não tardaria a consumar-se.

Com alguma frequência, rapazes da vila e vizinhos, como o Ezequiel, o Afonso, o Fred, o Tó Carreira e o Loureiro Dias, se juntavam a eles. Nessas ocasiões os diabretes, muito mais excitados do que o que era habitual, atreviam-se a pisar terrenos perigosos, pondo mesmo em risco a sua segurança física.

Enquanto a Adélia e o amante se quedavam pelos beijos e carícias amorosas, eles mantinham alguma contenção: aproximavam-se do local da cena, mas sempre sem se deixarem ver, protegendo-se por detrás dos valados e cearas; contudo, logo que ele descia as calças e a estendia no chão, a penetrava animalescamente, grunhindo, soltando palavrões impróprios de um acto verdadeiramente amoroso, os

mafarricos, como ágeis onças, saíam dos seus esconderijos e corriam para campo aberto, para bem perto deles, e porque estes não davam pela presença dos ousados espectadores, eles viam e ouviam tudo ao vivo e, antes de largarem em correria louca, um ou outro mais aventureiro e sem vergonha gritava: "Ah ti Zé! Deixa a gente tamãe ir à cona da gaja; não queiras ser só tu a foder essa puta de merda".

Às vezes havia mesmo quem, atirando torrões, lhes berrava:

"Quando apanharmos cá a tua filha Rosa, vamos-lhe todos à cona; vais ver; inté s'há-de cagar toda, cabrão".

Sempre que o bando se juntava para andar à solta por terras de cultivo e pinhais, por entre arvoredos e canaviais, e principalmente quando nele estava presente o Fred e o Carrasco, era certo e sabido que algo aconteceria que os filhos de Abraão entendiam ser reprovável. Quantas vezes foram eles até à fazenda do João Tapiço, apenas com o propósito de provocar a Deolinda (mulher deste) que, ao sentir-se ofendida por estes patifes atrevidos, desatava a correr espalhafatosamente atrás deles, mordendo as próprias mãos, correndo-os à pedrada e proferindo todo o tipo de impropérios que lhe vinham à boca; quantas foram as vezes que aqueles safados tentaram, sem êxito, irritar o Patrão Tapiço, homem bonacheirão que havia estado no Brasil e, regressando a Portugal, comprara, a meio caminho para a Serra (à esquerda de quem sobe), uma quinta onde vivia pacificamente, amanhando a terra, tratando as suas estimadas vacas e criando porcos e outros animais domésticos.

Por vezes atreviam-se os velhacos a descer, mais para o lado do Casal dos Piratas, ao vale onde vivia a tia Ingrácia e a família do seu filho, o Manel Fontela. Não raramente, ficavam-se por mais perto; iam para o vale do lado ocidental, para as fazendas situadas logo abaixo da do Patrão Tapiço. Nessas sortidas, ninguém era poupadão: arreliavam o mais que podiam a mulher do João da Carne; faziam as suas diabruras aos quinteiros do Sr. Goldes; provocavam até à medula as Abelas; calcorreavam as terras do Canhoto, da Rosa Gata, das Marquinhas, sem se preocuparem com os danos que causavam.

Todos estes comportamentos eram já graves o suficiente para que fossem condenados por miúdos habituados ao respeito pelos mais velhos, ensinados a não prejudicar os outros. Todavia, como se tudo isto não bastasse, o Fred e o Carrasco induziam, por vezes, os mais imprudentes a cometer actos repulsivos que bem deveriam ser punidos severamente. Quando por ali apareciam despreocupadas raparigas, o

Fred sempre tentava arrastar os mais excitáveis (e quantas vezes os mais ingénuos!) para situações que punham em perigo as fêmeas desprotegidas.

Foi numa dessas ocasiões que, não fora o "loirito" desatar a berrar, e teriam sido violadas no ribeiro, entre a quinta do Fernando Brasileiro e a fazenda das Marquinhas, duas miúdas (de onze, doze anos) que tinham vindo às pinhas.

Estava o bando na assadura (Um córrego ladeado por duas elevações do terreno, onde os rapazes, que vinham frequentemente às pinhas, as abriam ao lume para lhes extrair os pinhões que logo torravam), quando as duas

garotas, carregando cada uma o seu saco de pinhas, passaram em baixo, vindo dos lados da fazenda das Abelas e, alegremente, se encaminhavam para o ribeiro, agora seco, como em todos os períodos estivais.

Ao vê-las, o Fred, levando atrás os mais canalhas, correu logo para elas. Chegando-se à Emilia (a mais velha), agarrou-a por um braço e disse-lhe:

— Ah Tchopa, deixa-nos ir à cona qu'a gente dá-te cinco tostões cada um.

— Porco, canalha. Deixa-me qu'eu grito — berrou-lhe a menina que, com um safanão que o apanhou de surpresa, se soltou das suas garras e fugiu com a amiga pelo ribeiro abaixo.

Não desistindo, o Fred e o Carrasco, impelidos, por um lado, pela humilhação sofrida, e por outro, pela incitação dos que também desejavam petiscar alguma coisa, desataram a correr na perseguição das meninas e, ao alcançá-las, atiraram-se a elas com raiva, deitaram-nas ao chão e, enquanto uns lhes prendiam os braços e as pernas, o Fred tentava despir a Emilia e o Carrasco ocupava-se de fazer o mesmo à outra menina.

Entretanto, os filhos de Abraão correram a chamar os pais para virem socorrer as pobres meninas, que se debatiam, impotentes, para se livrarem daqueles malfeiteiros.

Tomando conhecimento do que estava a suceder, Abraão, que andava ali tão perto a apanhara o milho na quinta do brasileiro, que trazia de renda, pegou de imediato num

cajado e, saltando para o leito do ribeiro, desancou aqueles patifes que, de sexo na mão, se aprontavam já para penetrar violentamente as suas vítimas.

Nunca aqueles malvados tinham ido tão longe. Desta vez ultrapassaram os limites do inimaginável. Abraão, de cabeça perdida, ao deparar-se com aquela cena horrenda, deu-lhes forte e feio: ao Carrasco, que estava já entre as pernas da menina mais nova, deu-lhe uma paulada nas pernas com tal violência, que o deixou, com as calças em baixo e uma terrível dor nas pernas, incapacitado para poder fugir; ao Fred, que tentava violentamente desflorar a Emilia, que resistia arranhando-o e mordendo-o, porque os outros tentavam, a custo, manter-lhe as pernas abertas, foi arremessada, à queima-roupa, uma pedra que lhe abriu uma brecha por detrás da orelha esquerda. Mesmo ferido e sangrando abundantemente, este conseguiu fugir com todos os outros, deixando ali sozinho o Carrasco, que, depois de vestir as calças, lá se foi arrastando, rumo à vila.

Então, as meninas foram acarinhadas por Sara e as outras mulheres que, ouvindo gritos de aflição e tanto alarido, acorreram ao local.

Foi um fim de tarde negro, aquele. Tão negro e tão marcante, que os "capitães da areia" não mais voltaram aos locais dos crimes.

### XXXV QUADRO

Duas, três horas da tarde de um dia escaldante dos começos do mês de Agosto. Sara, de chapéu de palha na cabeça, encontrava-se a lavar roupa no tanque, aproveitando o tempo enquanto o marido dormia a sesta. Benjamim, Isaac e Jacob cabriolavam com a Aurora no ribeiro, que ia seco, como sempre no Verão. Aqueles quatro diabretes por lá corriam, pulavam uns atrás dos outros; subiam às figueiras, choupos, salgueiros e outras árvores que bordejavam o curso de água. A menina, que ainda não contava três anos, andava, de chapéu na cabeça, com um baldinho, que a mãe lhe enchia sempre que ela o pedia, a borrifar a hortelã e a ervacidreira, que rodeavam, com algumas roseiras e outras plantas florais, o poço; ao longo da regueira, esparrinhava o precioso líquido pelos miosotis, goivos, cravos, mal-me-queres. A Rola (a melhor vaca leiteira que tiveram), deitada debaixo da oliveira grande, ali a duas dezenas de metros de distância, resfolegava, remoendo o feno há pouco ingerido; o Tirone (o cão querido de todos), com a língua de fora por tanta canícula, as cabras, as ovelhas, todos procuravam a sombra amiga, em busca da frescura possível.

E a Lia, onde andava ela? Claro, onde havia ela de estar assim tão sossegada, sem que ninguém lhe conhecesse o paradeiro? Estava a esbanjara um cacho de uvas já meio amadurecido que descobrira na véspera. Quando descobria os primeiros frutos maduros, não o revelava a ninguém para não

ter concorrentes. Nestas situações, o substantivo "partilha" era por ela completamente ignorado. Guardava o segredo quanto podia e por isso só se abeirava do seu tesouro, quando se sentia segura de que ninguém a espiava. Então, escondendo-se por detrás das ramagens, pé ante pé, lá ia ela, sorrateira-matreira, saborear a doçura do fruto maduro de que só ela conhecia o esconderijo.

Para não ser diferente de si mesma, lá estava ela escondida debaixo da parreira, alapardada, como dizia o pai, quando a apanhava em flagrante nestas poses de coelho. Colhia e comia, bago a bago, o fruto ainda não totalmente amadurecido, mas que lhe sabia como o melhor dos manjares. E era assim, sempre que se iniciava a época de qualquer espécie de fruta: em princípio de Primavera, com as nêsporas e os morangos; pelos meados de Junho, com os figos e peras de Santo António; e, assim, sucessivamente com os primeiros abrunhos, pêssegos, damascos, ginjas. E se esta atitude revelava a faceta menos boa de Lia, muitas outras mostravam o lado bom do seu carácter: condoia-se com a dor alheia, com os que passavam fome, sofriam maus-tratos de familiares ou de estranhos. Quando passou a laborar na fábrica de conserva de peixe, quantas vezes partilhou ela, com colegas de trabalho que nada tinham para se alimentar, o almoço (designação dada, em Buarcos, à refeição do meio dia) que Jacob lhe ia levar! Era alegre, leal, de boas contas e incapaz de tocar no que não lhe pertencesse. Fazia amizades com facilidade e granjeava a merecida confiança dos que lhe conheciam as qualidades. A D. Luísa, chefe da secção da fábrica onde, com treze anos apenas, passou a laborar, confiava-lhe as chaves de sua casa e, não raras vezes, mesmo o porta-moedas para dele retirar o dinheiro necessário para ir às compras do que ela lhe encomendava.

Lia, por ser a mais velha dos irmãos, fora a mais sacrificada, sendo obrigada a trabalhar ainda criança, e por essa razão, cedo ganhou o sentido de responsabilidade bastante apurado e, apesar da particularidade reveladora de algum egoísmo no âmbito da gulodice, desenvolveu qualidades de humanismo e seriedade muito apreciáveis. Aliás, no que concerne a educação (a obediência, o respeito pelos outros e pelos pertences alheios, os sentimentos de solidariedade) também nos outros quatro alunos desta escola de pais eram notórios. Todos tão iguais nas virtudes mas tão diferentes no estilo de estar na vida, no modo de ser e agir face ao mundo circundante. A menina: mimada, birrenta, sempre negativamente reactiva ao que não era a seu contento, berrando por qualquer contrariedade, mesmo só por se olhar para ela. Era frequente ouvi-la berrar "ele está a olhar p'ra mim", como se esse acto fosse uma ofensa. Enquanto ela, ao fazer uma tropelia, fugia à mãe para não ser punida, Benjamim, menino pacífico, alegre, amigo de cantar, loirito ingênuo e possuído de medos, submetia-se serenamente ao ralhete e à palmadita no rabisque. Jacob, esse, era um garoto bem castiço: habilidoso, inventivo (era ele quem imaginava as brincadeiras, quem inventava e fazia os brinquedos para todos), rebelde; envergonhado, escondia-se quando lá em casa havia visitas; reactivo contra as miúdas dizendo "são todas mulas", quando os irmãos o arreliavam atribuindo-lhe namoros com a Aurora, a Isabelinha, etc.; insubmisso, um tanto preguiçoso, mas diametralmente oposto à mana Lia, quando havia a oportunidade de partilhar guloseimas. Encontrava o primeiro figo maduro e logo corria para a mãe a oferecer-lho; davam-lhe uma gulodice, e logo a repartia com os pais ou os irmãos. E Isaac? Esse era um miúdo que sempre estava pronto a ajudar, a ir à lenha para a lareira ou para o forno, a apanhar erva para os coelhos ou mesmo para a vaca, a colher

os produtos agrícolas e a transportá-los, a regar, etc.; era alegre e tagarela, conversador, não só com os familiares e habituais amigos da casa, como o era também com visitantes raros ou mesmo estranhos, mas com alongados tempos de silêncio, submerso em meditações acerca das possibilidades de ter um futuro saudável, digno de ser vivido, quando lhe dava para mergulhar em pensamentos sombrios provocados por visões de pobreza, dependência total dos outros, apesar de sentir que tinha em si potencialidades que lhe permitiam ser cidadão de corpo inteiro, se as portas da escola se lhe abrissem do mesmo modo que aos meninos com visão normal.

Vendo-o frequentemente de semblante entristecido, sentado na soleira da porta, o pai, adivinhando o que lhe ia na alma e querendo afastar-lhe os negros fantasmas, sempre o interpelava:

— Em que estás a pensar, filho?

— Em nada meu pai — redarguia ele, sempre do mesmo modo, esforçando-se por aparentar uma expressão desanuviada.

— Mas, Isaac, não é possível estares um instante, por mais curto que seja, sem pensar em alguma coisa. A nossa mente está sempre em actividade, o nosso pensamento fervilha permanentemente — replicava o pai.

Todavia, contrastando com estas meditações amargas, ele mergulhava em silêncios, nos quais se comprazia em inventar histórias que a si próprio contava; se deliciava a recordar factos sucedidos quando vivia na casa da R. Capitão Guerra, nomeadamente relacionados com a Nelita, a Sãozita, as brincadeiras em que esta passava por estar

grávida, metendo uma boneca por dentro das cuequitas, depois dos beijos na boca e de contactos de sexos; com as tropelias levadas a efeito com o Túlio, o betinho do Necas e outros; com a festa de casamento da filha do Henrique Caneira, o namoro da Sílvia com o Álvaro e a fuga deste à polícia, depois de ter provocado uma terrível zara-gata no Largo d'Alegria; se amedrontava com a recordação do assalto, durante a noite, à loja da Olívia, que ficava quase em frente da sua casa; o suicídio de um homem que, depois de ter sido procurado durante três dias, veio a ser encontrado no poço da fazenda do Cação, junto da qual ele e os seus irmãos passavam quase todos os dias; as muitas mulheres espancadas por maridos violentos (com álcool ou sem ele) e incontáveis crianças suas amigas, maltratadas por pais indignos de o ser.

Nestas ausências ao tempo presente, em que se entregava à fantasia, mergulhava no imaginário que as histórias contadas pela Alice Casaca ajudavam a edificar, tomavam conta, por inteiro, do seu cérebro, cenários excitantes em que passavam mulheres escandalosas que, divorciando-se, tentavam atrair aos seus leitos maridos de outras; as duas amigas que se incompatibilizaram, por quererem ser namoradas do mesmo rapaz, um jovem oficial de cavalaria, que com elas, por mero acaso, fora à romaria de Santo Amaro; os adultérios e outro tipo de escândalos de que ouvia falar aos adultos. Quantas vezes ele se recolhia em si mesmo para reviver em pensamento simples acontecimentos passados, como a dor que se apoderara do peito do pai num mês de Maio de há um ou dois anos atrás e que o trouxera bastante incapacitado para o trabalho durante largos dias; a doença da Lia, nas vésperas da festa da Senhora da Encarnação, que deixou a família angustiada, porque cuspir sangue como ela o fazia era prenúncio de

tuberculose, doença que, felizmente, os exames radiológicos haviam descartado; o torrão com que o pai, sem querer, acertara no olho de Benjamim, quando, andando a regar o milho na fazenda que trazia de renda, na outra margem do ribeiro donde procedia a levada de abundante água, este chapinhava, com os outros dois garotos, seus irmãos mais velhos. Em tais ocasiões o seu cérebro fervilhava intensamente, desfilando em tropel incontidas torrentes de recordações como a aflição da mãe, quando, estando a lavar roupa no tanque do poço grande, que tinha o muro rés-vés com o solo circundante, olhou para trás e viu o seu Benjamim, debruçado para as águas, querendo chegar com as suas mãozitas de bebé de dezasseis meses, à imagem que nelas se espelhava e a consequente corrida desta, em silêncio total para que este não se assustasse; o acidente do Jacob, que ficara canhoto, ao ser-lhe esborrachado um dedo da mão direita, quando a Sãozita o entalara no portão de ferro da Deolinda Deus; os feitos do catequista Augusto Parado que, por ter dificuldades em deslocar-se, devido ao facto de ser coxo, estava sempre munido de uma longa e grossa cana, com a qual agredia desalmadamente as cabecitas dos meninos que, por algum motivo, mesmo insignificante que fosse, se desviasssem do que ele entendia ser correcto.

## XXXVI QUADRO

Aproximando-se já a noite daquele Domingo em que, como de costume, Abraão passara o dia, na loja de Manuel Feira, na Serra da Boa-Viagem, a cortar cabelos sujos e a raspar barbas hirsutas para conseguir ganhar alguns tostões mais, tão necessários ao sustento da família. Cansado e sentindo já o ratito no estômago, arruma na maleta os apetrechos de barbeiro, vai ao balcão comer uns carapauzitos fritos e beber um copo de vinho, dando, ao passar pela porta, uma olhadela para o exterior. Há pouco notara que o vento se levantava lá fora e que o mar se fazia ouvir a norte, talvez ainda junto a Mira, mas aproximando-se a passos rápidos das costas de Quiaios. O céu estava carregado, coberto de nuvens negras. A tempestade avizinhava-se, medonha. Abraão tinha que se apressar, se não queria ser apanhado por ela no caminho para casa. Engole rapidamente a bucha, pega na maleta e, despedindo-se, já ao sair da porta, diz para dentro:

— Bom, meus senhores, cá vou eu apanhar mais uma molha; e esta vai-me chegar aos ossos. Passem vocês bem por cá. Até Sábado, se Deus quiser.

Mal ouvindo já as boas noites que de dentro lhe desejaram, parte, quase correndo. Num ápice deixa para trás a povoação, passa junto ao cemitério e, entre pinhais, por aquele caminho pedregoso traçado na espinha dorsal da lomba

que, ladeada por dois vales onde correm os respectivos ribeiros, desce até à confluência destes. Abraão, com a maleta debaixo do braço e as mãos metidas nos bolsos, tentando evitar o seu enregelamento, acelera a marcha, fugindo à tempestade que a norte se adensa cada vez mais, se agiganta na sua perseguição. O vento uivante ruge, sopra-lhe nas orelhas, sibilante, gélido; as vagas do mar que, pelo estrondoso ribombar, se adivinham bravias, contornam já, a ocidente, o Cabo Mondego, açoitando ferozmente a costa; uma chuva miudinha, fria como a neve, começa, impelida pelo vento forte, a fustigar-lhe o rosto. Sempre apressado, aproxima-se do lugar onde vivem, isolado do mundo, Deolinda e João. Ouve já o rumorejar que vem do vale à direita, suficientemente forte para se poder identificar as vozes do casal que, na cozinha, está a cear, o resfolgar das vacas, no estábulo, que, antes de se deitarem, comem ainda à manjedoura o seu último repasto do dia, os galináceos que, na capoeira, se aninharam nos seus poleiros. Os cães, que já o pressentiram, começam a ladrar-lhe.

Mais abaixo um pouco, chegam-lhe aos ouvidos, agora da esquerda, do Casal dos Piratas, onde moram os Fontelas, as vozes de pessoas e animais, e ainda, mais longe, talvez no pinhal do outro lado do Alto da Fonte, para lá da casa do Sr. António Casaca, faz-se ouvir o lúgubre e compassado pio do mocho.

Sem demora passa a vereda à esquerda, que dá acesso ao local onde moram as famílias do tio Artur e do Carriço e nota que outros mochos se ouvem em redor, que as vagas do mar tenebroso deram já a volta ao cabo e se arremessam agora ruidosamente sobre a praia de Buarcos.

A tempestade intensifica-se, o céu parece querer desabar sobre a terra; cai a chuva em bátegas inclementes, inundando tudo, e Abraão, completamente encharcado, acelera mais os passos. Deixa para trás o troço de caminho traçado em vala funda e, ao chegar ao portal de acesso à fazenda do Sr. Ramiro, já junto ao início da vedação da sua propriedade, tendo à vista a sua casa, pára repentinamente.

Hirto, tinindo de frio, encharcado até à medula, fica hesitante. O que fazer? Atender ao pedido de socorro, à súplica angustiosa que lhe chega aos ouvidos, no meio da tempestade, e o deixa paralisado? Ou não fazer caso do que pudesse acontecer lá em baixo, no casebre do seu vizinho Armando Branco? Dizia-lhe o rifão que "entre homem e mulher ninguém meta a colher", mas o apelo que escutava era chorado por gargantas aterrorizadas de crianças. Desta vez não era, como de costume, o espectáculo degradante de um homem que sovava a mulher, o bruto que a arrastava no chão, por ribanceiras abaixo, presa pelos cabelos, mas eram as crianças que suplicavam apavoradas: "socorro que o pai mata a nossa mãe; por favor, Sr.<sup>ª</sup> Sara, chame os meus tios."

Não restavam dúvidas. O caso hoje era bem diferente. Que drama o esperava? Com que cenário se ia ele defrontar? Enquanto a passos rápidos se aproximava do casebre onde possivelmente se perpetrava um crime hediondo, passavam pelo cérebro de Abraão cenas já vistas muitas vezes: aquele velhaco homem a correr ameaçadoramente atrás da mulher, com um varapau ou mesmo uma forquilha; a arrastá-la pelo chão pedregoso, agarrando-lhe os cabelos; a arremessá-la, a pontapés e murros, para silvados ou tojais.

O pobre Abraão, sofrendo de frio e angústia, temendo deparar-se já com o crime consumado, dá um murro na porta,

que lhe é aberta instantaneamente pelo Tiago, o filho mais novo daquele monstro que tem no peito, não um coração humano, mas sim o de um verdadeiro demónio. Com a porta escancarada na sua frente, Abraão vislumbra logo um compartimento térreo (o único que constitui a habitação) e a desgraçada mulher, estendida no chão, coberta de sangue e nódoas negras. A miúda (a filha mais velha) atirada para um canto com um encontrão do pai, por ter querido defender a mãe, está banhada em lágrimas e sangra também. O Faz-Favor (como lhe chamavam os filhos de Abraão, desde o dia em que ele ameaçara um caçador que passava pelo seu pinhal, dizendo "faz fabor de boltar lá p'ra trás, porque s'eu lá bou, ou eu ou bocêa") parece um alucinado, um autêntico Lúcifer de olhos chispando fogo, rosto congestionado de raiva, mãos enclavinhadas num fueiro com que, às cegas, espanca a mulher, que já não sente as bastonadas, por estar desmaiada. Aquele bruto, espumando como um toiro enfurecido, pula em torno da vítima indefesa, dá-lhe pauladas à toa ou espeta-lhe o fueiro no ventre, no peito. Que fazer, face a este horrendo espectáculo? Não pode entrar dentro da casa alheia sem que o seu proprietário o autorize, mas também não pode permitir que a sua vizinha morra assim assassinada pelo marido tresloucado. Impotente, sem saber o que fazer, berra da porta, firme e imperativo:

— Seu criminoso, pare imediatamente com essa loucura. Não vê que já assassinou essa desgraçada mulher, que é a mãe dos seus filhos? Pare já e pense no que vai acontecer-lhe amanhã. Já pensou que acabará os seus dias numa prisão, amaldiçoado por Deus e pelos seus filhos, que ficarão sós no mundo, sem mãe, que lhes morre assassinada, e sem pai, que estará na prisão por ter sido um carrasco, um criminoso?

Ao ouvir estas palavras severas e duras, gritadas com vigor, em tom de ordens de autoridade, a fera amansa, fica como que paralisada, deixando cair no chão o varapau e, como que acordando de um pesadelo infernal, empalidece, fraquejam-lhe as pernas, perde o equilíbrio e atira-se para cima de um colchão que está encostado ao tapume de madeira que separa o tugúrio miserável que lhes serve de habitação do espaço coberto onde se abrigam os animais.

Vendo que as suas palavras haviam sortido efeito, avança um pouco, entre portas, e diz:

— Sr. Armando, se me dá licença eu posso ajudar. Vamos tentar salvar a sua mulher e tratar as feridas da cachopa. Por favor, aqueçam um pouco de água. Depressa, não podemos perder tempo. Vá, menina. E tu, rapaz, ajuda aí.

Então os pequenos acendem o lume e colocam-lhe em cima um tacho com água. O homem ergue-se, pálido como um cadáver, e diz:

— Oh! Faz fabor, entre. Está todo molhado.

Ouvindo isto, Abraão entra e, acto contínuo, abre a maleta, tira de lá algodão, água oxigenada, compressas e outros materiais similares, que sempre traz consigo, no exercício da sua profissão de barbeiro. Depois, com todo o cuidado, lava as feridas da vítima, desinfecta-as, tenta reanimá-la. Pouco a pouco o empenho daquele bom Samaritano começa a dar sinais de que vale a pena prosseguir. O pulso mantém-se regular, a respiração está um pouco mais regular. Ao ser-lhe desinfectado um enorme ferimento no baixo-ventre, Rita abre os olhos e contorce-se de dor. Após um penoso esforço, finalmente, a pobre, já reanimada, vai

amparada para o colchão que lhes serve de leito, deita-se e diz ao seu salvador algumas palavras de gratidão. Quanto à garota, essa não inspira grandes cuidados. Os ferimentos são superficiais. Depois de se certificar de que nenhum dos ferimentos da mãe ou da filha sangram já, depois de estar convencido de que aquela mulher resistente a todos os maus tratos, mais uma vez sobrevive e está fora de perigo, despede-se de todos, recomendando ao feroz marido mais calma, serenidade, mais compreensão e respeito por todos, enfim, harmonia, paz e, se possível, algum amor.

Triste, acabrunhado, no entanto, contente consigo próprio, o bom samaritano faz-se de novo ao caminho para casa, onde o espera o calor dos seus e da lareira, e a ceia reconfortante que o seu estômago reclama.

## XXXVII QUADRO

Decorrendo os primeiros anos da década de cinquenta, em Portugal seguia-se atentamente o desenrolar das operações militares levadas a efeito pelo exército israelita no Monte Sinai. Aos Domingos, em Buarcos, os paroquianos, quando saíam da missa, traziam consigo para casa o jornal publicado pelo Episcopado Conimbricense.

Abraão, quando não tinha de ir à Serra da Boa Viagem e, por isso, podia assistir à missa dominical, dava, ainda ao regressar da igreja, uma olhadela pelos títulos, lendo os que lhe despertavam mais interesse e lia depois, já em casa, para a mulher e para os dois filhos mais velhos, os artigos de possível interesse para as suas mentes de natural simplicidade. Nessas tardes de lazer, o fundamental para Abraão era ocupar o tempo material, realizando algo sem deixar de respeitar o preceito do sétimo dia; e assim guardava o dia estabelecido para o descanso (facto que raramente ocorria), dando, dentro do que era possível, uma ajuda na educação das crianças que iam ganhando o hábito de andar informadas acerca do que no mundo se ia passando.

Numa dessas tardes quentes de Verão, Lia, a filha mais velha do casal, ao ouvir ler a rubrica "À Sombra do Castanheiro", em que Ambrósio contava ao seu interlocutor uma história bíblica que dizia respeito aos Israelitas, que, regressando do Egípto, receberam de Deus, no Monte

Sinai, "As Tábuas da Lei", perguntou ao pai, em tom crítico, "por que razão os Judeus faziam agora a guerra precisamente no lugar onde Jeová lhes havia dado uma mensagem de paz e amor".

Abraão, perante uma questão tão melindrosa suscitada pela filha, ficou sem saber o que dizer e, para fugir à questão embaraçosa, respondeu que os Israelitas faziam esta guerra por razões que nem ele ainda havia entendido.

### XXXVIII QUADRO

Escoavam-se os anos e Abraão mais e mais sentia o desespero por ver que as hipóteses de se abrirem para o seu filho as portas do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, pareciam esgotar-se a cada dia que findava. O compadre Parreira por vezes ainda garantia que a sua filha Gina e o genro conseguiram internar Isaac no tal Instituto, mas Abraão já não acreditava. Então, ao ter conhecimento de que o Sr. Capitão Militão era o Director da Assistência da Figueira da Foz, dirigiu-se uma tarde a este departamento para expor a desesperante situação em que se encontrava. Fora bem recebido aí, mas o Sr. Capitão não se encontrava lá àquela hora. Face a mais este insucesso, Abraão não conteve as lágrimas. Vendo-o assim sofrendo, uma funcionária, desejando ajudá-lo, quis conhecer os motivos daquele sofrimento e, depois de saber do que se tratava, informou-o que o Sr. Capitão, dentro de vinte minutes, estaria a sair do quartel, acrescentando que talvez fosse bom ele tentar abordá-lo à saída.

Abraão nem quis ouvir mais nada. Agradeceu à Senhora a amabilidade e correu para o portão do quartel. Aí chegado, contou rapidamente à sentinelas o motivo das suas preocupações e, porque não conhecia o Sr. Capitão, pediu ao soldado que lhe fizesse um sinal, quando este se aproximasse.

Então Abraão afastou-se um pouco do portão de entrada e não precisou de aguardar muito tempo. Um Capitão (fardado, evidentemente) aproximava-se da saída e a sentinela fizera logo um leve sinal identificador.

No longo minuto que se seguiu, Abraão, de coração oprimido, dirigiu-se respeitosamente ao Sr. Oficial do Exército, dizendo:

— Sr. Capitão, peço perdão por...

— Eu não gosto que me saiam ao caminho — disse, com o cenho carregado, o Capitão, cortando-lhe logo a primeira frase.

Se Abraão já sentia o peso da situação em que se encontrava, com este corte cerce, pensou que nada mais havia a fazer, que todas as esperanças eram vãs ilusões. Contudo, quase esmagado, conseguiu ainda, num sopro de voz, dizer:

— É que eu tenho um filho cego.

Ao ouvir estas sete palavras, o semblante do Oficial desanuviou-se, a voz adquiriu uma tonalidade amigável e ele replicou:

— Bem, isso é caso que merece ser atendido. Logo às seis eu estou na Assistência. Vá lá para podermos ver o que é que se pode fazer a seu favor.

Ouvindo estas palavras tão acalentadoras, Abraão manifestou, com um "bem-haja" a gratidão que lhe ia na alma e despediu-se respeitosamente daquele Sr. Oficial do

Exército que veio a ser uma importante porta aberta para o futuro do seu filho.

Seis horas em ponto, e Abraão era convidado a entrar no gabinete do Sr. Capitão Militão. Exposta claramente e sem omissões a situação, o amistoso Oficial do Exército, que dirigia o Departamento da Assistência da Figueira da Foz, manifestou inequivocamente o seu empenhamento na procura de uma solução satisfatória. Ele mostrou-se de tal modo compreensivo e determinado a tudo fazer para que o garoto pudesse ingressar nessa escola de meninos cegos, que Abraão, ao regressar a casa, parecia ter adquirido uma alma nova, ter ganho a sorte grande.



## XXXIX QUADRO

Nos dias que se seguiram a alegria redobrara no seio da família; a esperança voltava a aquecer os corações, a brilhar nos céus do lar. Uma semana depois Abraão voltava, como lhe tinha sido recomendado, ao Departamento da Assistência. Então o Sr. Capitão Militão dera-lhe conta das diligências realizadas, as quais lhe permitiram saber que o processo do seu filho, existente na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, estava pessimamente encaminhado, praticamente votado ao abandono, com possibilidades de sucesso completamente nulas. A tarefa ia ser difícil, mas "a batalha tinha que ser ganha, custasse o que custasse", declarara o Sr. Capitão.

Seguiram-se semanas, meses de insistências junto da Provedoria da Santa Casa. Porém, os resultados não eram directamente proporcionais ao empenhamento do Director do Departamento da Assistência da Figueira. Houve mesmo um dia que ele confessara a Abraão, extremamente irritado, que suspeitava que havia alguém interessado em contrariar os seus esforços, em obstaculizar as suas diligências.

Nessa tarde, Abraão viera de lá mais abatido do que de outras vezes em que tomara conhecimento de que nem tudo se processava de molde a satisfazer os seus justos desejos.

Nessa noite Morfeu não o bafejou. Não o deixou pregar olho. Foi uma das poucas vezes que não dormira a primeira soneca à lareira. Subiu cedo para o quarto; mas, meu Deus! A angústia crescia mais e mais; o desespero avassalava-o por completo. Três ou quatro horas depois, quando Sara se veio deitar, já depois de ter fabricado uma fornada de pão, Abraão levantou-se, desceu a escada e foi sentar-se à mesa de jantar, onde, durante uma eternidade, permaneceu debruçado sobre a mesma. Psiquicamente esgotado, depois de longas horas de cogitações, pegou em papel e caneta e pôs-se a escrever uma carta.

Acabada esta, já de madrugada, subiu a escada e foi lê-la à mulher.

— Oh Sara, ouve lá uma carta que eu estive a escrever para o Dr. Oliveira Salazar. Vou pedir-lhe que se interesse pelo nosso Isaac; que lhe arranje uma vaga lá na escola para cegos.

Acordando estremunhada, Sara abriu muito os olhos, de espanto, e implorou:

— Abraão, não faças isso, homem. Eles vão mandar-te prender. E depois o que é que vai ser de nós, aqui neste ermo sem ti.

— Oh mulher, não te apoquentes. Ele não me pode condenar por eu pedir a educação para o nosso filho. Está descansada, que eu amanhã vou mostrá-la ao Sr. Capitão. Olha ouve cá o que eu digo:

«Ex.mo Sr. Presidente do Conselho  
Professor Doutor António Oliveira Salazar,

Tenho cinco filhos e quatro deles têm obrigatoriamente de ir à escola para aprender a ler e a escrever. O outro, que já tem doze anos, está impedido de frequentar a escola onde andam os irmãos, porque é cego desde muito cedo. Ele não é menos inteligente que os outros. Fez a primeira comunhão quando tinha dez anos e foi no seu ano o melhor classificado na catequese.

Desde os seus seis anos que tento interná-lo no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, uma escola da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa onde os meninos cegos aprendem a ler e a escrever e se preparam para ter um futuro sem precisar de andar a mendigar esmolas para viver. Tenho tentado que pessoas amigas que dizem ter conhecimentos na Santa Casa consigam a entrada nessa escola para o meu filho. Porque vejo o tempo da escolarização a fugir tão depressa, recorri há meses ao Sr. Capitão Militão, Director do Departamento da Assistência da Figueira da Foz, que tem sido incansável na tentativa de conseguir a entrada do meu filho nessa instituição. Mas porque o tempo corre e as dificuldades são muitas, veio-me ao pensamento que V. Ex.<sup>ª</sup>, conhecendo a situação, socorreria este pai aflito. Acalentado por este pensamento, não hesitei em dirigir a V.Ex.<sup>ª</sup> esta carta para pedir a ajuda essencial que me tem faltado.

Esperando a compreensão de V.Ex.<sup>ª</sup> e o perdão por esta minha ousadia

Com        toda        a        gratidão,        subscrevo-me,  
De V. EX<sup>a</sup>  
Atenciosamente  
  
Abraão Lusitano»

Ouvida a leitura da carta e com a promessa do marido de que só a enviaria se o Sr. Capitão a isso o aconselhasse, Sara ficou mais tranquila. Então, e apesar do galo ter já anunciado a aproximação da aurora, o casal dispôs-se a descansar ainda um pouco.



## XXXIX QUADRO

Estávamos em Junho de 1954. As manhãs surgiam alegres, de temperaturas amenas, de céus límpidos, com o Sol, em todo o seu esplendor, lá do lado Leste, a subir, a subir e a inundar os campos com a sua vivificante luz e calor. Como de costume, chegado o momento próprio, Sara foi com a venda para a praça e Abraão foi levar ao laboratório o leite tirado à Rola (a vaca mais produtiva do estábulo) nas ordenhas da noite e da manhã. O dia decorreu dentro da normalidade: tomado o pequeno almoço, Jacob foi para a escola, Lia — que tinha apenas 14 anos — foi trabalhar na fábrica de conservas de sardinha, marido e mulher ocuparam-se nas actividades do arranjo da casa, do tratamento da criação e dos restantes animais, do amanho da terra. A meio da tarde, Abraão pegou na carta e, com a esperança na alma, lá foi rumo à Figueira. Na Assistência, aguardou, visivelmente nervoso, pela sua vez. Quando entrou no gabinete do Sr. Director, este, depois de o mandar sentar, interpelou-o:

— Então, Sr. Abraão, o que é que o traz por cá?

— Bem, Sr. Capitão, eu escrevi uma carta dirigida ao Sr. Presidente do Conselho, mas gostava que V.Ex.<sup>a</sup> a lesse e me dissesse se a devo enviar ou não. Tenho receio...

— Deixe ver — interrompeu o Sr. Capitão que, recebendo a carta, de imediato a leu. Terminando a leitura, desenhou-se-lhe no rosto um amistoso sorriso e disse:

— Está óptimo, Sr. Abraão. Não há que hesitar. Meta-a já hoje no correio.

Ouvindo estas animadoras palavras, os olhos de Abraão adquiriram um brilho expressivo do seu contentamento e, com um largo sorriso, agradeceu mais esta indiscutível disponibilidade. Despediu-se (respeitosamente, como era seu hábito) e correu a meter a carta no marco do correio mais próximo.

## XL QUADRO

Na granja, decorriam agora os dias ainda com mais alegria. O casal, embora apreensivo, ao pensar que o seu filho ia ausentar-se do ninho familiar, sentia uma alma nova; a esperança era tão forte que se convertera em certeza. E não era só em casa de Abraão que se sentia essa esperança. Os amigos da família alegravam-se também por verem que desta vez o menino ia finalmente iniciar a sua escolaridade. Era a Alice Casaca (que a brincar se dizia sua comadre) que o acariciava e lhe dizia:

— Ah, Isaac, eu vou ter muitas saudades tuas, mas estou muito contente porque sei que vais para uma escola onde aprenderás o que precisas para seres como os outros, para poderes ganhar a tua vida sem precisares dos outros. O meu avô tinha razão quando ontem dizia ao teu pai que ele (que já tem quase oitenta anos) já não poderá ver, mas tu vais ser um homem importante.

Do mesmo modo se expressava a Sr.<sup>a</sup> Maria e o seu marido (o Sr. José Pedrosa), o Sr. Joaquim da mercearia onde a família habitualmente se aviava. Os amigos do casal, tal como os clientes de Abraão, mimavam genericamente Isaac com palavras e gestos amistosos e mesmo com ternura. Todos tinham como certa a ida de Isaac para o colégio, apesar de o único sinal positivo existente ser uma carta recebida, oito ou quinze dias depois do envio daquela em que Abraão

formulava o seu veemente apelo, carta em que o Secretário do Presidente do Conselho de Ministros afirmava o bom atendimento e consequente encaminhamento do assunto para a Santa Casa da Misericórdia.

Acontece que este clima de esperança, quase certeza, não tardou a dar lugar à certeza absoluta, aquando da recepção de um ofício da Provedoria da Santa Casa, no qual se dispunha que o menino se deveria apresentar nos seus Serviços Médicos para exames, a fim de poder dar entrada de imediato no Instituto de Cegos Branco Rodrigues.

Esse mês de Julho de 1954 não decorreu, em termos de percurso temporal, do mesmo modo que os que o precederam. Desde a recepção da referida carta, os dias voaram rapidamente, quase como os aviões a jacto que, lá na fazenda, mal se começavam a ouvir a Norte já se escapavam lá para Sul. O tempo deslizou veloz; voou num abrir e fechar de olhos. Estava já aí o dia da partida a bater à porta.

Isaac, nos dois ou três dias precedentes ao da partida, andou, apreensivo e melancólico, numa atitude de quem se despede, por todos os cantinhos e caminhos onde passara o melhor da sua infância, que se aproximava agora do fim. Mergulhou as mãos nas frescas e puras águas de poços, ribeiros e fontes, sugou o precioso líquido - mesmo sem sede física, mas com a alma dele sedenta; acariciou tudo o que era vegetal e absorveu avidamente os inebriantes odores exalados por pomares, vinha, searas e hortas; por moitas de hortelã e de erva-cidreira; por canteiros de gipsofila, roseiras, cravos e muitas outras flores. Não esqueceu o ninho de melro que havia encontrado dias antes dentro da ramaria cerrada de um vimeiro, tal como o de

tentilhão e de outras aves que lá ficavam no abrigo da folhagem de pereiras, marmeiro, salgueiros, choupos e loureiros. Acariciou as vacas, as cabras; abraçou com ternura os cabritinhos, os borreguitos e o bezerrinho; afagou os coelhos, beijou com amor o Tirone (o cão preferido de todos). Guardou no ouvido o gemer dos pinheiros e dos canaviais ao vento, a melopeia das águas saltitando de pedrinha em pedrinha, o canto das aves, em suma, a sinfonia executada permanentemente pela orquestra da Mãe-Natureza.

Fora-se despedir da Igreja Paroquial, do Prior desta e de alguns catequistas, do casal Casebre, da D. Estela, da D. Beatrizinha e outra gente amiga. Ao fim da tarde vieram despedir-se, lá a casa, os vizinhos com quem mais conviviam, ou seja, os Casaca, os Pedrosa, a Manuela e a Aurora.

Ainda nesse dia, Isaac dispôs que o seu arco (que era o maior de todos) ficaria para Jacob e que o deste ficaria para Benjamim. Quanto ao pião, nada havia a determinar, porque existia um só para todos. Relativamente ao seu mealheiro, confiou-o à guarda da mãe.

Deixando Buarcos, com mágoa por se separar dos que mais amava, de tudo o que lhe era conhecido como as próprias mãos, para ir ao encontro do que, então, desconhecia, que lhe era incerto, arriba a Lisboa com muita esperança no por vir e uma imensa vontade de recuperar o tempo perdido.



## XLI QUADRO

Por volta das onze e meia de uma manhã cheia de sol, apearam-se da automotora na estação de Sete Rios (que então era terminal da Linha do Oeste, por estar em obras o túnel do Rossio), onde amavelmente os esperava o Sr. Ramiro de Oliveira que os convidou a irem almoçar em sua casa. Todavia, Abraão, ainda que sentindo que o convite era franco e revelador de uma amistosa simpatia, teve de o declinar, por estar já comprometido com as suas primas Alexandrina e Prazeres, que viviam na R. Alves Correia.

Nos dias que se seguiram, Abraão foi bafejado pela indiscutível solidariedade dos poucos familiares e amigos que tinha em Lisboa. A recepção em casa das primas foi-lhe imensamente grata: tanto elas como o primo Filipe, marido da Prazeres, deram mostras de muita alegria por voltarem avê-lo e manifestaram-lhe inexcedível afabilidade. Elas e o primo Francisco Cardoso, proprietário do Hotel Tivoli, haviam-se preocupado com a estada dele em Lisboa, por um período demasiado longo, para as suas possibilidades financeiras, tendo este decidido que Abraão e o seu filho ficariam alojados no seu hotel e lá tomariam as refeições sempre que o desejassem. Assim instalados, na semana que se seguiu, Isaac fez os exames médicos exigidos para entrar no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, visitou com o seu pai a família do Sargento Joaquim Bicho (ao tempo habitando ao Poço do Bispo), foi ao Restelo visitar a família Oliveira,

e à Quinta Tivoli, na Venda Nova, porque Abraão fez questão em apresentar cumprimentos à Sr.<sup>a</sup> D. Alda Mergulhão Cardoso, esposa do seu primo Francisco Cardoso.

Em Isaac era visível a tristeza denunciante da saudade que lhe invadia o coração e a mente; porém, nos momentos passados no hotel (normalmente na portaria de serviço), a alegria acalentava-lhe a alma. Geravam esse clima simpático que produzia em Isaac um estado de espírito propício à tagarelice, ao riso, alguns empregados do hotel (amigos de Abraão, que eram oriundos da sua Terra Natal), a Maria Antónia, miúda de cinco anos, filha de André e de Idalina, que também haviam vindo lá da Aldeia procurar outro modo de vida na Empresa Tivoli.

Hora a hora, dia-a-dia, o tempo fluía célere até que, na tarde de Sexta-feira, dia 23 de Julho de 1954, Abraão, levando na sua companhia breve o seu menino, se encaminhou penosamente, passando uma vez mais pela casa da família Oliveira, para a estação de Pedrouços, onde tomou o comboio que os levou até S. Pedro do Estoril. Apeando-se aqui, dirigiram-se ambos, rumo ao Sol Poente, pela estrada paralela ao caminho-de-ferro e, depois de atravessarem uma ponte de madeira, cortaram à esquerda, indo desembocar na Marginal. Atravessaram esta para seguirem, ainda na direcção do Estoril, juntinho ao mar, que batia contra as rochas ali mesmo uma meia dúzia de metros abaixo. O pai, com a tristeza na voz, foi transmitindo ao seu menino aquela linda paisagem que enquadrava o Instituto, já visível mais além, onde em breve se separariam. No lado esquerdo era o vasto mar, límpido e sereno, salpicado de embarcações; eram os rochedos de formas e tonalidades caprichosas donde subia o marulhar do bater das ondas; era uma mais cavernosa, e portanto mais ruidosa, que Abraão, no

fraco conhecimento que tinha da zona, admitira ser a Boca do Inferno; era uma espécie de um pequeno castelo virado ao mar; era o restaurante a Choupana e junto a ele um pequeno chalé, e, logo após, o portão desejado da escola que ia abrir as portas do futuro a Isaac. No lado direito da Marginal alongava-se, a ela paralelo, o caminho-de-ferro, que era atravessado por uma passagem de nível por onde se acedia às quintas e pinhais que se avistavam espreguiçando-se ao sol de meia tarde.

Aproximando-se dos muros do Instituto, Abraão faz para o filho uma prévia descrição do exterior do edifício: há Leste uma faixa de terreno aberta até à orla marinha, e um muro que dela separa o espaço pertencente ao instituto; fazendo anglo recto com este há um outro, sobrepujado por um gradeamento, que limita a Norte um muito bem cuidado jardim. Chegados ao portão, detém-se um pouco. Abraão explica ao Isaac:

— Olha, filho, agora tens à tua frente o portão do Instituto onde tanto desejas entrar. Vá, vamos, e que Deus te proteja.

Abriu-o. Subiram seis degraus. Pararam num patamar que ligava o espaço jardinado da esquerda ao da direita. Atravessaram-no e subiram os restantes degraus que davam acesso à porta de entrada. Pressionado o botão da campainha, situado no umbral esquerdo, que se ouviu forte, lá dentro, logo uma empregada veio amavelmente abrir, convidando-os a entrar para um hall que se alongava até a uma porta de vidro, tipo guarda-vento, tendo à direita uma porta de acesso à capela e à esquerda a de um gabinete que, além de ser a sala de espera, servia também como gabinete médico, sacristia, sala de estudo de piano. Ultrapassada a

porta guarda-vento, entraram num segundo hall que tinha à direita a segunda porta da capela e, contígua a esta, a da cozinha. Na parede em frente havia duas portas: a da direita, fazendo anglo recto com a da cozinha, dava acesso à ampla casa de jantar, e a da esquerda à biblioteca. No lado esquerdo deste hall havia uma porta de entrada para o escritório e, mais adiante, no espaço entre a parede deste e a da biblioteca, localizava-se uma escada pela qual se ascendia ao segundo piso, onde ficavam os dormitórios e os lavabos, e se descia ao piso inferior, onde se situavam a aula pequena (por baixo da biblioteca), a aula grande (por baixo da sala de jantar) e outras diversas instalações.

Da aula pequena, subindo-se dois degraus acedia-se a um pátio situado a Leste do edifício, designado horta, e da aula grande, subindo também dois degraus, saía-se para o grande recreio que, localizado ao Sul da estrutura do edifício principal, era constituído por três sectores diferentes: a calçada, ocupando o maior espaço, e em declive, o cimento, ao fundo desta e do lado esquerdo, e o terreiro, em toda a parte ocidental, onde estavam localizadas as capoeiras, bem como um portão que abria para o lado do mar, mais propriamente para Sudoeste.

No extremo Sul deste pátio de recreio, confinado entre os referidos cimento e terreiro, lá estava o anexo formado pelas restantes salas de aulas, a escassos passos das águas oceânicas, que, por vezes, em tempos de invernia, galgavam rochas e muro e encharcavam o terreiro.

Todos estes espaços foram detalhadamente mostrados a pai e filho, num clima de considerável familiaridade e muita simpatia, pela Sr.<sup>a</sup> Regente, D. Maria dos Prazeres, que, após a recepção cordial que lhes fizera no seu

escritório, os conduziu a todos os cantos e recantos, fazendo em simultâneo as apresentações dos funcionários e alunos que iam surgindo no percurso. Logo ao fundo do segundo e última lance de escadas, quando ensaiavam o primeiro passo à esquerda, para entrar na aula pequena, apareceu o primeiro aluno a ser apresentado, o pequeno Pinheiro Beirão, que, curiosamente, desde então tem sido, ao longo de mais de meio século já decorrido, o amigo dilecto que nem o facto de decorrerem as vidas de ambos em duas regiões afastadas uma da outra, já mais a amizade sofreu o desgaste provocado pela separação, desmentindo-se, assim, o provérbio que reza, "longe da vista, longe do Coração".

Entretanto, o tempo esfumava-se. A hora do jantar estava aí. A separação de pai e filho entrava na sua fase final. Isaac foi conduzido ao lugar à mesa, que passaria, nos primeiros tempos, a ser o seu, e aí tomou a primeira refeição entre estranhos, da qual reteve para sempre a memória de uma abominável sopa de peixe, a angústia da iminente ausência total da família. Deixara já o conforto do braço paterno, embora pudesse escutar ainda a voz do pai que, junto à porta da sala de jantar, conversava com a Sr.<sup>ª</sup> Regente. Ingeridas umas colheradas daquela sopa de peixe a que nunca se habituaria, disse à empregada Rosa que não tinha apetite para mais. A Sr.<sup>ª</sup> Regente, adivinhando o que lhe ia na alma, permitiu que o neófito se levantasse e viesse para junto do pai saborear os derradeiros momentos da sua presença ali. E, de facto, foram estes bem breves, porque, terminada a refeição, logo os rapazes desciam em correria para o pátio.

Então, com lágrimas nos olhos e a voz completamente embargada, Abraão abraçou o seu filhote e despediu-se da

Sr.<sup>a</sup> Regente e das empregadas que por ali iam passando e Isaac, tristíssimo e lavado em lágrimas, era levado para o recreio por Pinheiro Beirão e Joaquim Calisto. Chegando lá baixo, logo foi rodeado pelo Folgado, o Milo, o Ângelo, o Matias e outros rapazes que ainda não haviam podido ir para férias de Verão ou por lá ficariam, como sempre, por serem oriundos de longes terras e filhos de famílias de parcós recursos económicos.

Estava-se a iniciar uma noite morna, de temperatura amena e atmosfera serena sem sopro de aragem e este ambiente povoado de sonoridades bem diferentes daquelas a que estava habituado actuou nele como um sedativo que ajudava a suavizar a adaptação à família escolar. Era o barulho dos caros na marginal e dos comboios que ali tão perto se movimentavam céleres; eram as correrias e vozearia de alguns miúdos mais travessos, como o Primor, o Carlos, o Jorge; era a música que no restaurante "a Choupana" se começava a fazer ouvir; eram as melodias que alguns alunos (para se começarem a exibir) tocavam ao piano, nos realejos e pífaros; era o marulhar tranquilizante que, do mar, chegava, quase imperceptivelmente aos seus ouvidos. Assim amistosamente envolvido, guardava as memórias das iniciais vivências colegiais, quando se fez ouvir a sineta que tocava a recolher. Então, na aula grande, os alunos formaram para, em seguida, subirem ao terceiro piso, onde ficavam os dormitórios e os lavabos. Aqui, o Sr. José, o vigilante que os alunos alcunhavam de Zé Quixote, indicou-lhe, num armário aí existente, a gaveta n.º 5, que lhe fora destinada para nela guardar os seus apetrechos de higiene, ou seja, a pasta e a escova de dentes, o pente, a saboneteira própria (se a tivesse), etc.

Estava a terminar o dia da entrada e Isaac ia passar, durante três anos, a dormir de cabeça virada ao Sul no dormitório pequeno, na segunda cama à esquerda da porta de acesso à varanda, miradouro do grande mar que começa já ali em baixo, à distância de um tiro de espingarda, ou mesmo de uma pedrada lançada por mão vigorosa.



## **XLI QUADRO**

O novo aluno, que ingressara no Instituto de Cegos Branco Rodrigues ainda não havia 24 horas, sentia uma profunda mágoa por se encontrar, pela primeira vez na vida, separado dos pais e dos irmãos que só voltaria a ver, na melhor das hipóteses, nas próximas férias de Verão, uma vez que a sua família era de parcós recursos e portanto não dispunha de meios que lhe permitissem pagar as viagens para ele ir matar as saudades que lhe avassalavam os sentidos e lhe ocupavam permanentemente o pensamento.

Filho de uma família simples mas rica em valores de índole educativa e nobreza de carácter, esta criança, agora entre estranhos, sem o carinho da mãe, sem a protecção do pai e o exemplo por ambos dado aos filhos, sem as tropelias dos irmãos, viera para longe dos seus para aprender a ler e a escrever pelo Sistema Braille e fazer a sua escolaridade.

Corroído pela saudade, porém atento à realidade que agora começava a conhecer, logo se fizera amigo do Pinheiro Beirão, um miúdo da sua idade que por simples acaso fora o primeiro a ser-lhe apresentado quando a Sr.<sup>a</sup> Regente mostrava, a si e ao seu pai, as instalações do Instituto, e não tardou a verificar que muitos rapazes e alguns meninos eram, por natureza, agressivos, tanto nos gestos como nas palavras. Logo no dia da sua chegada, depois do jantar, estando num grupo a conversar, foi socado por um dos novos

colegas que julgava ser ele o Pinheiro Beirão, que o estava a impedir de se aproximar do caloiro recém-chegado; no dia seguinte choveram impropérios que doíam, pois dois ou três dos mais patetas que por lá vegetavam começaram a chamá-lo, em tom de mofa, pelos nomes dos seus familiares e a referirem-se a estes com desdém e mesmo insultuosamente.

Esses primeiros dias foram bem difíceis de suportar, porque, como se não bastasse já o peso da separação do meio onde vivera a sua infância, o ambiente no Instituto era agora mais deprimente. Estava-se já em período de férias. O grosso dos alunos tinha já ido embora para as suas terras, e dos que restavam, por motivo de exames tardios, se foram também, nos dois, três, quatro dias que se seguiram.

Pinheiro Beirão (o amigo seguro desde os primeiros momentos) e o Calisto tinham feito nessa semana o exame de Quarta Classe. O primeiro partiu para férias logo no Domingo que se seguiu; e Calisto, esse manteve-se por lá ainda até meio da semana, revelando-se nesses poucos dias um bom companheiro para o recém-chegado aluno, que andava meio perdido naquele estranho ambiente, sofrendo o peso da ausência de tudo o que lhe era caro. Calisto, entre muitas atitudes simpáticas, dispôs-se, por iniciativa própria, a escrever uma carta para os pais de Isaac.

Pediu ao vigilante uma folha de papel de carta próprio para escrita Ballu; disse ao amigo para lhe vir ditar o que tencionava dizer aos pais e, sentados ambos numa carteira da aula grande, Calisto lá foi picotando, com a régua Ballu e o respectivo punção, as letras tradutoras do pensamento do neófito, letras que os pais, dias depois, leriam, cheios de ternura e emoção, mas com enorme

satisfação por visionarem, sugestionados por aquela carta, o que poderia ser um dia o seu menino.

Esta carta, embora dando apenas conta de que o filho estava bem e de boa saúde; que estava com saudades, mas entre gente boa e amiga que o tratava bem, foi mostrada a "meia vila de Buarcos", e todos os que a liam ficavam encantados (feitos basbaques) a olhar para aquelas letras em relevo, que podiam ser lidas tanto com os olhos como com os dedos sensíveis de um "ceguinho".

Entretanto, passados os primeiros dias de adaptação à disciplina do colégio, às partidas dos engraçadinhos, como o Zé Nobre, que o fechara, embora por momentos, na casa do tanque onde se lavava a roupa, dizendo que o fazia porque ele havia feito uma maldade qualquer, maldade que o próprio ignorava; que tinha a certeza de nunca ter cometido, a situação começou a melhorar de aspecto. Fora para férias a maior parte dos alunos; o Zé Nobre saíra também, por ter terminado definitivamente os estudos no Instituto; a vida exclusivamente intramuros cessara, porque durante Agosto e Setembro passariam a ir todas as manhãs à praia, logo ali ao lado, onde Salazar costumava veranear; a calcorrear, durante as tardes, terrenos acidentados que o vigilante escolhia para exercitar a destreza dos rapazes, para lhes despertar o apetite pela aventura, provocar a adrenalina produzida por situações de risco. Quando assim não sucedia (normalmente aos Sábados e Domingos) iam para o pinhal de S. João, para o da Parede ou o da Galiza, e por lá ficavam até quase à hora de jantar. Aí brincavam, subiam a pinheiros (os mais hábeis e arrojados), conversavam principalmente com senhoras e seus filhos que por lá vinham em busca de sombras e de lazer; lá lanchavam o pão com

manteiga ou marmelada trazido sempre pelo vigilante ou algum dos rapazes mais possantes.

E foi precisamente na sala de visitas do pinhal de S. João, no dia primeiro de Agosto, segundo Domingo passado noutras cercanias bem diferentes daquelas a que estava habituado, que o filho da Sr.<sup>ª</sup> Cesaltina e a sua jovem esposa o vieram encontrar.

Tendo ido nessa tarde ao Instituto para o visitar, fora-lhes dito por uma empregada que provavelmente os rapazes estariam no pinhal, que então ocupava o espaço compreendido entre a marginal e o caminho-de-ferro, logo ali à direita desta, junto à bifurcação, e, portanto, para lá guiaram os seus paços. Mal saíram o portão, atravessaram a estrada, seguindo pelo passeio junto ao caminho-de-ferro que começava já a afastar-se para a direita, rumo à estação de S. João. Percorridas umas dezenas de metros, deixaram o passeio, entrando numa vereda que atravessava o pinhal e terminava na estrada que liga a marginal à estação. Percorrida meia vereda, avistaram, à direita, debaixo de pinheiros frondosos, um conjunto de pessoas adultas descansando e a rapaziada, de sangue na guelra, a andar de cá para lá, a correr, a pular, a subir às árvores, a jogar ao trapo queimado, a saltar à corda, ou, simplesmente, sentados, dizendo umas chalaças.

— Olha, lá está o Isaac — disse a jovem esposa.

O marido, então sorrindo e apertando-a contra si, fez um reparo bem curioso:

— Mor, já viste bem o pirata do Isaac? Olha onde ele está? Não há nenhum em cima de um pinheiro tão alto. O

*safado comporta-se como lá em Buarcos. Até parece que anda lá a apanhar as pinhas para lhes extrair os pinhões para torrar. Só lhe falta o saco para as transportar.*

*Aproximando-se o casal, dirigiu-se ao vigilante que, ouvindo o que pretendiam, chamou sem demora o magrizela, que, também de imediato, se deixou escorregar tronco abaixo.*

*O casal apressou então um pouco o passo em direcção ao garoto e, já com a mão sobre a cabeça deste disparou-lhe:*

*— Olha o nosso Isaac...! Sabes de quem é esta mão que te puxa o cabelo, maroto?*

*— Ora, não sei eu outra coisa! É o filho da Sr.<sup>ª</sup> Cesaltina, o Sr. António Alberto que esteve lá na fazenda com a Sr.<sup>ª</sup> D. Marina e os pais dela. Então não me havia de lembrar? — Exclamou ele, com a alegria e a admiração estampadas no rosto e prontinho para continuar a debitar os argumentos demonstrativos do seu reconhecimento inequívoco. Cortou-lhe, porém, o discurso um beijo da Sr.<sup>ª</sup> D. Marina, a jovem esposa, que lhe disse:*

*— Mas de mim não te lembras, pois não?*

*— Oh!, ainda a vi há menos de quinze dias, quando estivemos lá em casa dos seus pais. Ah, é verdade, e como está o Sr. Sargento e a Senhora...*

— Os meus pais estão bem e mandam-te beijinhos — atalhou D. Marina, acrescentando, depois de uma curta pausa:

— A minha sogra é que não tem estado muito bem. Nós até a mandámos vir para nossa casa. Mas, agora está muito melhor do que há quatro dias atrás, quando chegou. O teu pai é que a veio trazer à estação e, ao despedir-se, pediu-lhe que procurasse saber como é que tu te estás a adaptar. Pelo teu aspecto e pela forma como te vimos lá em cima do pinheiro, parece que tudo está bem! Ou engano-me? — Perguntou ela a sorrir.

— Não. Não se engana. Se não fossem as saudades que tenho, eu até dizia que estou feliz. Tratam-me muito bem.

Ouvindo-o atentamente e lendo-lhe no semblante e nos olhos a verdade do que afirmava, interveio, acariciando-lhe o rosto.

— Posso dizer isso na carta que vou escrever aos teus pais?

— Claro que sim. A Senhora e todos os empregados são muito bons. Os colegas são quase todos meus amigos. Só há aí um que é mau; mas esse vai para férias depois de amanhã.

E assim, escoando-se os minutos, passaram uma horita, enquanto António Alberto foi colhendo informações, em conversa com os rapazes mais velhos, com o vigilante e com os irmãos Sousas, dois empregados do Instituto, que outrora haviam sido seus alunos, os quais, por serem de recursos financeiros extremamente reduzidos, muito raramente de lá

*saiam, sendo, na boa acepção da palavra, mais pessoas internadas do que os próprios alunos.*



### XLIII QUADRO

Segunda-Feira, dia dois de Agosto, levanta-se a malta, como de costume, logo bem cedinho. Realizada a higiene matinal, formam os alunos no corredor que separa os dois dormitórios, descendo a escada, logo após a Regente o ter feito, saudando-os à sua passagem. Dirigem-se para a capela onde esta já os espera para fazerem conjuntamente as orações do amanhecer. Depois, mal estas cessam, disparam todos em correria pela escada abaixo, dando muitos deles um salto do topo para o patamar e deste para o fundo da mesma. Em seguida, évê-los, no ar livre da manhã ainda fresca, aos saltos e correrias no recreio, até às oito horas, momento em que soa a sineta a chamar à formatura para o pequeno-almoço.

Tomado este, ei-los de novo, escada abaixo, quais cabritos fartos de leite que acabam de ser soltos do aprisco para irem expandir as suas energias lá fora, onde o sol já começa a aquecer e os odores da Natureza circundante afagam os sentidos.

Então, é o frenesim de todas as manhãs de idas à praia: com as narinas invadidas pelo odor forte de algas e iodo emanados das límpidas e refrescantes águas, cheias de promessas de bem-estar e prazer, com os ouvidos acariciados pelo ressoar da música do marulhar das mansas ondas que rolam aos pés das rochas banhadas já pelo quente sol das

manhãs de Verão, os rapazes apressam-se a fazer os preparativos para a saída. Zé Quixote (como era o vigilante alcunhado pelos alunos) tem já pronto o rolo constituído pelo pano da barraca de praia e os respectivos paus de suporte e, verificando que nada falta, que todos já têm os seus fatos de banho e bonés, entrega a trouxa a dois dos mais velhos que, normalmente, por serem amblíopes e robustos, a transportam e, "ala moço, que se faz tarde", formam, três a três, e lá vão eles rumo à praia do forte onde Salazar habitualmente veraneia, e que fica logo ali ao lado.

Percorrido, em grande excitação, o troço do passeio compreendido entre o portão do Instituto e o do forte, entram neste último, em silêncio e muito bem aprumados, por estar a passar, mesmo junto a eles, o carro que saía, transportando lá dentro o Presidente do Conselho.

Logo que o carro se afastou, o vigilante Zé Quixote disse a Isaac, em jeito divertido:

— Hum!... Passou agora por nós o teu padrinho. Hum!... Se tivesses estendido a mão uns centímetros tinhás tocado no vidro da porta a que ele ia encostado.

Com este dichote, a galhofa volta a povoar o ambiente, injectando na malta a genica que os faz percorrer em tropel a escada que desce da esplanada à Prainha que se abriga entre rochedos e se alcança logo a seguir à fonte em forma de peixe de cuja boca brota grosso e cantante fluxo de límpida água fresca. Mal pisada a fina e branca areia, logo o bando se espalha pelo que nem chega a ser um semicírculo compreendido entre as rochas e a linha de água sobre a qual débeis ondas desmaiaram de prazer por terem a

dita de poder acariciar a alvíssima praia de macia areia, já a esta hora aquecida pelo Sol que tudo inunda de luz e cor.

Então o vigilante e o Milo (um aluno amblíope) apressam-se a montar a Barraca de praia para junto da qual correm todos, disputando o primeiro lugar para se libertarem das roupas e assim ficarem prontinhos, só em fato de banho, para o que desse e viesse. Agora, até que chegassem as onze, hora a que o Zé Quixote dava a ordem de avanço para a banhoca, os garotos e alguns dos poucos rapazes que não haviam ainda ido para férias, iam fazer explorações nas cavernas rochosas, onde não faltavam pedras com contornos curiosos, rochedos caprichosamente moldados pela força das ondas e efeitos da salinidade, concheiros petrificados e fosseis semelhantes. Por vezes os mais aventureiros iam, atraídos pelo desconhecido e surpreendentes achados, até quase à Praia da Zaruginha. Os menos audazes, porém, deixavam-se ficar por ali a molhar os pés na babugem das acariciantes águas, a apanharem lapas e mexilhões que a tia Eugénia, (a cozinheira carinhosa) lhes prepararia depois.

Passada a manhã, repetida ao longo de semanas estivais e dos anos, faziam, em sentido inverso, o percurso que os separava do Instituto. E assim eram passadas as férias dos que, por uma razão ou por outra, permaneciam no Cardanho (nome dado pelos alunos ao Instituto) durante os meses de Verão. Ia-se para a praia do Forte da parte da manhã e durante a tarde davam-se longos passeios pelo campo, calcaneando pinhais e campos baldios, que ainda por ali havia, acampando por volta das cinco para lancharem à sombra do arvoredo que ainda era razoavelmente abundante no Penedo, Murtal, Livramento, Alapraia e mesmo junto à

Marginal (em S. João e Parede). Nestes passeios pelos campos, o vigilante sentia-se realizado em proporcionar aos alunos o prazer da aventura, escalando pedregosas elevações de terrenos agrestes ou resvalando por eles abaixo; atravessando pequenos cursos de água, que naquela época estival iam normalmente secos. Procedia ele assim, para ver os seus rapazes alegres e bem dispostos e também, porque deste modo sabia ele que contribuía para o desenvolvimento físico dos mesmos e que estas correrias, estas caminhadas por terrenos acidentados, às vezes correndo até alguns perigos calculados, os ajudava a adquirir confiança em si próprios, a aperfeiçoar o sentido de orientação e o equilíbrio.

Grosso modo os dias sucediam-se sem que algo de novo, de imprevisto viesse provocar os nervos, os ânimos daqueles miúdos e adolescentes que, quando não andavam por fora, brincavam com os moinhos de vento feitos pelo Calisto, jogavam, nomeadamente, à bola, ao ferrolho, ao bilhar, ao domino, ao loto ou ouviam telefonia, as histórias lidas pelo vigilante ou pela Sr.<sup>a</sup> Regente, ou liam eles próprios um dos muitos livros em Braille que requisitavam na biblioteca.

Contudo, um dia veio em que uma nota dissonante se fez ouvir na melódica e tranquila canção do dia-a-dia dos colegiais: foram obrigados a ir temporariamente para a praia de S. Pedro, que, malgrado de todos, era bem pior. Para além de não ser conhecida pelos meninos deficientes visuais como era a do forte, que todos conheciam como os dedos das próprias mãos, tinha muita gente a circular por todo o lado ou deitada ao sol, factos que lhes limitavam os movimentos, os impedia de correr, saltar livremente na areia ou na água.

E porquê esta mudança de praia? Porque a Regente, por entender que os seus meninos também mereciam apanhar sol no peito como os outros frequentadores de praia, mandou a costureira retirar os peitilhos aos fatos de banho. Ora, logo na primeira manhã que os rapazes foram bem satisfeitos para o seu apetecível banho nas frescas e salgadas ondas, de peito ao léu, "S<sup>a</sup> Excelênci a Presidente do Conselho de Ministros, Professor Doutor António Oliveira Salazar", andando na esplanada sobranceira ao mar a passear-se, observou, com o seu olhar crítico de pudico Cristão, o escandaloso espectáculo de meia dúzia de miúdos e quatro ou cinco adolescentes banhando-se de peito nu. Acto contínuo, Oliveira Salazar manda um polícia cá abaixo dizer ao vigilante que Ele, Presidente do Conselho de Ministros, mandava que nunca mais voltassem àquela praia envergando aqueles calções sem peitilhos. Para o fazerem teriam que ser repostos os ditos peitilhos nos respectivos calções.



## XLIV QUADRO

Passado que foi o primeiro embate com a nova etapa do percurso da sua existência terrena, os dias passaram a ser a cópia, quase a papel químico, dos que os haviam precedido. Naqueles dois longos meses de Agosto e Setembro, só a guerra que Neru declarara a Salazar para anexar Goa, Damão e Diu e os enclaves de Dradrá e Ganaraveli, produzia ruído no ambiente tranquilo que se respirava em cada canto, que se ingeria em todos os actos dos habitantes daquela fortaleza ali debruçada sobre o mar, a contemplá-lo e a observar as inúmeras embarcações que navegavam rumo ao Oceano ou de lá voltavam para entrar no estuário do Tejo.

Neste fluir de tempo repetitivo, apenas modificado com as visitas, aos Domingos, dos amigos que os seus pais tinham em Lisboa, e pelas lições do vigilante que o ia ensinando a ler e a escrever, se chega ao dia 7 de Outubro, uma quinta-feira ainda de amena temperatura e serena atmosfera.

Nos dois ou três dias precedentes, a movimentação no Instituto foi-se alterando substancialmente. Chegavam novos alunos, como o Ferreira, o Maia, o Gonçalves; regressavam os alunos mais velhos, que frequentavam o curso superior de piano no Conservatório Nacional, como o Rocha, o Orlando e o Ângelo; voltavam outros alunos um pouco mais novos que frequentavam cursos médios de piano, violino, violoncelo e

de instrumentos de sopro, como era o caso do Fausto, Renato, Duarte, Álvaro e Altino, o Medalha e o Cruz; voltavam os do seu grupo etário, nomeadamente o Nunes, Calisto, Pinheiro Beirão, Vicente, Baião, Coelho, Alberto, Fernando e tantos outros.

Nos dias que se seguiram, o **Cardanho** adquiria uma nova feição: as Empregadas e até a Regente tinham outra alegria; a tia Eugénia, sendo sempre uma óptima cozinheira, esmerava-se ainda mais na culinária, a Rosa, a Maria, a Isabel, a velha Inês e a Maria José pareciam outras pessoas mais alegres, sempre sorridentes e muito prazenteiras; os pianos eram ouvidos em todos os cantos e recantos; Violinos, violoncelos, clarinetes, saxofones, trompetes eram estudados em qualquer espaço que no momento estivesse livre, designadamente nos vãos de escada, nos lavatórios, na casa do tanque de lavar a roupa, e até mesmo na casa de banhos.

Os dias, semanas e meses que se seguiram foram para os alunos recém-chegados e para alguns retardatários que não haviam passado para a Segunda Classe, tempos de trabalho intenso, porque a Prof. Palmira Mendes, Talvez por ser esse o seu último ano de docência e pelo facto de praticamente todos os seus pupilos terem já idades a rondar os 12 anos, se esforçava para, ao reformar-se, não deixar niguém repetente. Isaac e Ferreira correspondiam plenamente à vontade determinante da professora, sendo dois dos miúdos que mais se empenhavam; por nada deste mundo se permitiam perder mais tempo; queriam ganhar em aproveitamento os anos que os seus pais haviam desesperadamente perdido à espera de uma oportunidade para o seu ingresso naquela escola tão desejada.

Isaac desde logo deu mostras de grande responsabilidade e determinação, de ser senhor de uma elevada firmeza de carácter, de personalidade bem definida, Factos que lhe granjearam o apreço e a estima da Regente, dos Professores que sucessivamente o iam conhecendo, do vigilante e pessoal doméstico. Fazia amigos com facilidade, não se envolvia normalmente em querelas de rapazes, procurava ser agradável não só para com os superiores, mas também para com os seus colegas; tentava, mesmo quando as saudades apertavam o cerco, ser alegre.

Todavia, e ainda que estivesse convicto de que esta separação da família lhe era indispensável para que pudesse aprender a ler e a escrever pelo Sistema Braille, bem como fazer a sua escolarização, com frequência se lembrava, com muitas saudades, dos irmãos e das brincadeiras e jogos realizados ao ar livre, em íntimo contacto com a natureza; permanentemente trazia no pensamento os seus pais, pessoas simples e de recursos financeiros reduzidos mas inigualáveis na ternura que, a seu jeito e na medida do tempo liberto do muito trabalho que tinham que realizar, sempre tinham para com os filhos; recordava os grupos diversos de amigos que lá na terra continuariam possivelmente a usufruir a vida simples e sem grandes ambições, seguindo o exemplo dos pais, e tentava compará-los com os que agora ia fazendo dia após dia.

O primeiro ano escolar, encerrado naquele Instituto de Cegos, ali debruçado sobre o Oceano e separado do caminho-de-ferro somente pela Estrada Marginal, foi rico em revelações.

Habituado como estava às emanações que os seus sentidos captavam no meio rural a montante de Buarcos e,

portanto, situado entre mar e serra, bem no coração da Natureza, entre pinhais, vergéis de encanto indizível povoados por uma ornitologia riquíssima em espécies e numerário, onde a presença de homens e mulheres amanhando a terra e tratando os muitos animais domésticos era notória, aqui no Instituto, onde tudo era diferente, Isaac, embora saudoso do que lá longe deixara, apreendia agora novas realidades, captava diferentes mensagens do mundo circundante, adquiria saberes até então inatingíveis. O Mar que, nos Invernos tempestuosos, lá em Buarcos bramia ao longe, estava aqui rugindo a dois passos, povoado de rebocadores uivantes que, no meio da noite tenebrosa, não cessavam de encherem os ares com os seus pungentes alertas à navegação; o tang-tang dos comboios ali tão perto, o fluxo dos automóveis correndo como doidos junto ao gradeamento do jardim do Instituto produziam sensações que só palidamente se assemelhavam às que vivera lá na fazenda ao escutar os comboios distantes percorrendo o caminho-de-ferro que segue para a Beira-Alta ou o trânsito rodoviário na marginal, na estrada da Senhora da Encarnação ou do Alto da Fonte; aqui, durante o dia inteiro, ouvia por todo o lado, sonoros pianos, violinos, instrumentos de sopro e outros mais que, com os estudos musicais que realizou, afeiçoaram a sua sensibilidade.

Que concluir de uma tão profunda mudança no *modus vivendi* de um garoto que, habituado como estava a viver em plena liberdade, integrado num pequeno bando de familiares e amigos, qual avezinha à solta em largos espaços naturais onde parecia não haver fronteiras limitativas, e que agora se encontrava entre quatro muros, fazendo parte de uma comunidade largamente acrescida que, em princípio, tinha de se submeter a horários rígidos, disciplina apertada controlada por olhos e ouvidos atentos dos vigilantes?

Ao longo de 9 anos, Isaac, submetido aos condicionalismos constrangedores gerados pela escolarização em internato, tudo fez para que o precoce jovem por si incorporado suportasse a difícil juventude, fase marcante de crescimento psico-físico. Durante o seu 13º ano de vida, sentiu, em silenciosa solidão, as profundas transformações que em si se operavam; contornou com sucesso, logo na Segunda Classe, o primeiro obstáculo com que se confrontava devido ao facto de a sua professora, Palmira Mendes, se ter reformado no Verão de 1955, ou seja, fez a aprendizagem correspondente a este grau de ensino autodidacticamente, recorrendo às ajudas dos das classes mais adiantadas (o Folgado foi o mais marcante), do Sr. José (o vigilante) e do professor da 3ª e 4ª Classes (o Sr. Ferreira) que permitiu que ele e os seus condiscípulos Ferreira e Maia frequentassem (um pouco como assistentes) às aulas da 3ª Classe.

Esta etapa de sua vida foi dura, foi muito difícil, mas foi coroada de êxito nas provas prestadas em Junho, e foi, seguramente, um facto marcante na sua personalidade e na do colega Ferreira que souberam colher a lição de que na vida as dificuldades estão sempre à espreita, mas que estas, se houver forte empenho, um determinante querer vencer, serão minimizadas e muitas vezes completamente debeladas. Foi uma fase das suas existências que contribuiu largamente para que o sábio provérbio "querer é poder" fosse no futuro o seu lema e seu leme.

Os dois anos que a este sucederam foram ávida e alegremente preenchidos com o estudo das matérias inerentes à Instrução Primária de então e com a introdução dos estudos musicais. Em simultâneo com as aulas da 3ª Classe,

estudou, com o afável e comunicativo Prof. António Fernandes, Teoria da Música e Solfejo (cantado e rezado), passando a frequentar, meses mais tarde, aulas de piano e de violino leccionadas respectivamente pelo Prof. Joaquim Nunes Pinto (denominado pelos alunos "o Nosso") e pelo Prof. Américo Santos. Quanto às aulas de instrumentos de sopro, pelas quais era responsável o exótico Prof. Abílio Meireles, só anos mais tarde, quando estudava com o Prof. António Mimoso História da Música e Acústica, é que teve a oportunidade de as frequentar e, ainda assim, por um curto espaço temporal.

Até 1958, ano em que fez o exame de 4<sup>a</sup> Classe (Instrução Primária de então e de ensino obrigatório), o tempo parecia fluir com enorme lentidão, sucedendo-se os dias uns aos outros sem significativas alterações. Era o levantar às 6 horas seguido das orações matinais na capela e depois do pequeno-almoço; às 9 horas iniciavam-se as aulas que, alternando-se com períodos de estudo e pausas de recreio, decorriam até às 13, hora em que tinha lugar o almoço; a iniciar às 14, repetia-se a dose da manhã, com os respectivos intervalos recreativos e lanche; após o jantar, voltava-se à capela para as orações vespertinas, seguindo-se depois, antes de se ir para a cama cerca das 22 horas, um espaço de tempo mais alongado que era aproveitado pelos alunos para ler revistas ou obras literárias das cerca de duas mil existentes na biblioteca, para jogar ao domino, cartas, loto, damas ou bilhar, ou simplesmente ouvir telefonia, conversar ou permanecer lá fora no quintal, se as condições atmosféricas o permitissem, em qualquer actividade lúdica.

Todavia, quebravam este usual fluir dos dias, os fins-de-semana e dias feriados, as férias de Natal, as do

Carnaval e as da Páscoa, as festas dos Santos Populares e, principalmente, as longas férias de Verão que lhe ofereciam a doce dádiva de poder ir passá-las no seio da família, entre amigos dos quais tivera que se separar e no microcosmos onde vivera a sua infância e começara a desabrochar para a turbulenta juventude. Naturalmente, a estas calendarizadas ocorrências, outras não previstas e muito mais excitantes para os sentidos de um jovem eram-lhe reveladas sem pré-anúncio, exacerbando a avidez emocional, acicatando as emergentes forças da libido. Apesar da disciplina puritana imperar no seio daquela comunidade escolar, ainda que a regente e os vigilantes tentassem assegurar o cumprimento da ordem e da moral impostas pelo Regime Salazarista sustentado pela Igreja Católica, ele, tal como os seus condiscípulos, com a conivência de alguns professores e empregadas mais velhas e a condescendência sensual das mais novas, o facilitismo com que, não raras vezes, se insinuavam no espírito e na carne daqueles rapazes ávidos de fêmeas, Subtraindo-se à vigilância e, em qualquer recanto mais resguardado (que não eram assim tão poucos), agia em consonância com as transformações orgânicas em si operadas.

Nestes anos de caloiro, ao escutar as histórias amorosas protagonizadas por condiscípulos mais velhos e empregadas atrevidas que não estavam dispostas a reprimir a sua sensualidade ou por empregados que foram surpreendidos em práticas amorosas nocturnas, viveu-os ele emocional e intensamente, sonhando, bem acordado, em tornar suas estas vivências.

Foram marcantes as cenas amorosas protagonizadas pela Isa, uma fogosa empregada que, altas horas da noite, vinha, silenciosa, ao dormitório dos mais novos chamar o seu

colega e seu garanhão, o qual, de imediato, com os sapatos na mão, saía porta fora e lá iam os dois para a biblioteca, situada no primeiro andar, onde permaneciam uma larga meia hora dando rédea solta aos imperativos instintos do macho e da fêmea que, impulsionados pelo facto de os seus actos serem clandestinos, se entregavam com mais veemência e fulgor à satisfação dos desejos carnais.

a estas cenas nocturnasNão raras vezes, Frequentemente

Ora, estas cenas nocturnas eram, não raras vezes, captadas pelos ouvidos atentos dos que, permanecendo acordados mas fingindo dormir, esperavam excitados a hora do encontro entre aqueles dois aventureiros, que menosprezavam os riscos que corriam ao proceder levianamente, sem se acautelarem na saída de Isa do sótão onde os seus movimentos eram observados criticamente pelas colegas que com ela lá dormiam e nos denunciantes sons provocados pelo chamamento dela e a consequente retirada de ambos do dormitório onde a canalha, liderada pelo Milo, que os observava visualmente por ser amblíope, fazia tal algazarra que um dia a Regente, que dormia num quarto contíguo com porta para este, veio verificar o que se passava. Então, foi instaurado um processo de averiguações conduzido por um auditor externo que, depois de ouvidos alguns alunos e empregadas, culminou na expulsão daqueles dois que, não olhando a consequências, respondiam pura e simplesmente aos apelos dos fogosos corpos insaciáveis de prazer carnal.

E ocorrências de natureza semelhante não eram assim tão esporádicas; havia-as, embora com características menos condenáveis pela disciplina, em quantidade suficiente para alimentar o imaginário dos mais novos e satisfazer um pouco os desejos dos mais velhos.

Era a paixoneta do Folgado com a Rosalinda, o namorico do Nevada com a Lutegarda e com todas as que, neste âmbito, o favoreciam, os encontros amorosos do José Luís Piçarra e outros menos alardeadores que, aproveitando os dias de aulas de piano no Conservatório Nacional, complementavam em Lisboa, em pensões baratas ou casa de familiares ou de amigos, as relações amorosas que intramuros ficavam muito aquém do desejável, era o namoro do Luís Alegria com a Salomé que, autorizado pela Regente, assumiu contornos reprováveis.

O Alegria era um rapaz que perfeitamente se casava com o seu nome. Sempre sorridente, folgazão, disponível para tudo e para todos, mas tinha um bom quinhão de ingenuidade. A Salomé, uma empregada de idade idêntica à sua, gordochinha, muito atraente e volúvel, vendo nele a oportunidade imediata de satisfazer a sua sensualidade, rodeou-o de tal modo que este se prendeu de amores por ela. Alegria, que por ter um alto grau de visão, deixara de ser aluno e substituíra o empregado que anteriormente havia sido expulso. Ao abrigo do seu novo estatuto e porque sabia poder contar com a elevada simpatia que a Regente por ele nutria, expôs-lhe a situação e rogou-lhe que autorizasse o seu namoro com a mulher que tanto amava. Tudo parecia decorrer satisfatoriamente para o casal enamorado; porém, um dia à hora do almoço, sucedeu o imprevisível que deixou o Alegria completamente destroçado.

À porta do quarto da Regente havia um piano onde todos os alunos gostavam de estudar, para, quando as empregadas, vindo do sótão, passavam por de trás, no estreito espaço situado entre o banco do piano e um armário

áí colocado, tentarem a sua sorte desafiando-as para um escape amoroso.

Ora, para o Nevada, a Salomé estava sempre aberta e nesse dia, como de outras vezes, eles envolveram-se demasiadamente, soltando ela palavras denunciantes como "não! não! Não! Pode vir alguém! Aaii!... Olha que me Magoas!" e deixando escapar ofegantes suspiros e ais reveladores dos actos que praticavam, não imaginando que a Regente estivesse àquela hora metida no quarto. Não fora esta fazer demasiado barulho ao aproximar-se da porta e ao rodar a chave na fechadura, e depararia com os dois em realização de coito ou, no mínimo, em preparação para ele. Mesmo assim, a Regente ainda a viu, de pernas ao léu, de saia arregaçada, praticamente sentada sobre o tampo do teclado e a ele, de costas, presumivelmente a abotoar as calças.

Face a este quadro, a cólera da Regente abateu-se sobre ambos, declarando de imediato que ia ser implacável na punição a aplicar. Ela seria despedida logo que da Santa Casa da Misericórdia viesse a devida autorização e ele ficaria ainda até ao fim do ano escolar para não prejudicar o curso que nessa data concluiria. Com raiva estampada no rosto, desceu as escadas, meteu-se no escritório e acalmando-se quanto pôde, mandou chamar o Luís Alegria. Vindo este, pô-lo ao corrente do que se passava e, porque este não queria acreditar no que ouvia, mandou-o esconder-se atrás do armário, junto à janela, e, acto contínuo, intimou o Nevada e a Salomé a virem ali de imediato. Chegados estes, repetiu os impropérios lá em cima proferidos, relatou o que viu e o que não viu mas adivinhou, reafirmou as penas a aplicar, perguntou ao Nevada se ele não tinha vergonha de trair assim alguém de

quem se dizia amigo, e a ela, se era de sentimentos tão baixos, se não tinha remorsos por ferir tão sem piedade aquele pobre rapaz que tanto a amava.

Dito isto e porque os acusados reconheceram, ainda que com parcias palavras quase murmuradas, Disse:

— Luís, anda, já acreditas, ou queres mais provas?



## XLV QUADRO

Pendulando a sua existência entre Costa do Sol e Buarcos, Isaac, chegado o mês de Julho, ansiava pela viagem de comboio que o levaria à sua querida Figueira-da-Foz. Apesar de a primeira que fizera, quando tinha treze anos, lhe ter deixado um amargo de boca, ele sempre sentia a mudança da escola para a terra onde iria encontrar a família, os amigos e o tempo de lazer, como confortável prémio pelo bons resultados obtidos ao longo do ano escolar.

Após um ano de ausência do lar familiar, chegara o mês de Julho de 1955 e, Isaac, nervosamente antevendo a partida, a viagem, a chegada e o tempo de sol e mar a usufruir, reunia tudo aquilo que tencionava levar para férias. Tinha já arrumado na mala um exemplar da revista Relevinho e pedira já autorização para levar uma pauta Braille e um cubaritmo. No dia 4 de Julho (uma Segunda-Feira), logo após o pequeno almoço, juntou ao que tinha na mala, a roupa que levaria para férias e foi ao dormitório certificar-se se a Ti Maria Joana, a responsável pela rouparia, tinha já colocada sobre a sua cama a roupa que ele levaria vestida.

Até à hora do almoço, ele e os condiscípulos que iriam com ele no comboio da Linha do Oeste, que partiria cerca das 17

horas da Estação do Rossio, não tiveram sossego. Terminada a refeição, chega finalmente o momento mais desejado. O Folgado e o Ferreira juntam-se a ele e lá vão, acompanhados pelo Vigilante José Pinto rumo à estação de S. Pedro. Volta das 17 horas, o Vigilante deixa-os já sentados nos respectivos lugares depois de lhes fazer as recomendações da praxe. Tudo vai de vento-em-poupa. No Bombarral, estação em que o Folgado os deixa, e dali até Monte Redondo, terra do Ferreira. Dali em diante Isaac vai continuar a viagem sozinho e sozinho vai enfrentar uma penosa situação que o apanha de surpresa.

Logo na Guia, o Revisor veio dizer-lhe que teria que sair na Ameeira, porque aquele comboio, ao contrário do que era habitual, ia desviar para Alfarelos, e por isso ele teria que sair ali e esperar outra composição que vinha já atrás. Entrando o comboio na gare, o revisor veio confortá-lo e ajudou-o a descer, dizendo-lhe que não tivesse receio; era só uma pequena espera.

Deixado ali, já noite, e sem ninguém por perto que o pudesse ajudar, aquele jovem inexperiente sofreu a tal curta espera que parecia nunca mais terminar, apavorado, com a malita na mão, pensando que dali não mais sairia. Neste estado de alma, ouviu uma composição a aproximar-se, mas logo se desiludiu, porque esta passou por ele, lançando-lhe no rosto o ardente calor emanado da máquina, que era a vapor, e seguiu adiante. Tremendo, sem saber se de frio ou de medo, perscruta o ar, tentando adivinhar um som que lhe reverta a tranquilidade tão subitamente abalada. Nada. Só um esmagador silêncio, até que, finalmente, o desejado comboio se veio arrastando até à plataforma, onde ele ansiosamente o esperava, e aí parou.

Aflito, com medo que este partisse sem ele ter entrado, gritou para dentro:

— Vai para a Figueira?

Nenhuma resposta se ouviu, mas ele, de imediato e com mais força, quase berrando:

— Por favor, este comboio vai para a Figueira?

Ouvindo um «sim» lá de dentro, subiu, sem demora, indo sentar no primeiro banco, que às apalpadelas encontrou.

Tentou, então, a todo o custo, acalmar-se, e, nesse esforço, foi-lhe benéfica a proximidade de um casal de Buarcos que, reconhecendo-o, conversou com ele até ao desembarque, acompanhando-o até junto dos seus pais, que por ele esperavam já com grande preocupação.



## XLVI QUADRO

Durante estes quatro períodos de férias de Verão passadas em Buarcos / Figueira da Foz, o decurso dos dias não diferiu muito de qualquer um deles para os restantes. Voltou a colaborar na colheita dos produtos agrícolas (apanha e desfolha do milho, apanha da fruta, feijão e grão-de-bico e na vindima); a dar uma mãozinha no tratamento dos animais (principalmente dos de capoeira).

Claro que as suas férias não se confinavam ao labor na granja. Aproveitava os dias para, com os seus pais ou irmãos ir tomar umas banhucas no mar e, à falta destas, refrescar-se no tanque adjacente ao poço grande ou na represa de rega que o pai sempre no Verão fazia na ribeira.

Naturalmente, que a estes passatempos e brincadeiras que por montes e vales se realizavam, sempre se associavam os amigos Pinheiro Dias, Américo e Túlio e, não raro, a Aurora, a Manuela e a Maria e até mesmo a contadora de histórias Alice Casaca (o vídeo de então escutado atentamente pelo bando).

Aproveitava ainda estes meses de lazer para visitar o casal Casebre, a D. Beatrizinha, D. Estela e outros residentes de Buarcos que sempre distinguiram a sua família e se preocuparam com o seu futuro. Nunca faltava à missa dominical, acto que lhe proporcionava encontro com o Sr. Prior Alfredo Abrantes que para si sempre fora amistoso, lhe oferecia a oportunidade de cumprimentar as suas catequistas e reencontrar gente amiga que cada vez mais acalentavam a esperança de um dia o saberem bem alicerçado na vida.

Refira-se que enquanto tudo isto se ia desenrolando ao longo das semanas de veraneio, Isaac sempre subtraía ao tempo de lazer uma larga parcela para a correspondência que mantinha com os seus condiscípulos mais íntimos e, principalmente, para se adiantar no estudo de matérias a que se teria de dedicar no ano lectivo que se aproximava. Com frequência ele rejeitava as brincadeiras com os amigos por estar a aproveitar as disponibilidades dos irmãos que

estudavam com ele geometria, geografia ou história de Portugal.

Assim, em Outubro, ao voltar aos bancos da escola, trazia já na bagagem o conhecimento não só das figuras geométricas planas como também dos sólidos; sabia já de cor as serras de Portugal, cidades, distritos e províncias; tinha já conhecimento de factos históricos, o que muito contribuiu para que ao longo do ano escolar o estudo fosse em muitos aspectos suavizado.

E assim, de cá para lá, de lá para cá, fluíram sem sobressaltos os quatro anos da Instrução Primária.

Em 1958, porém, algo de imprevisto veio quebrar o plácido decurso do tempo calendarizado já no espírito de Isaac.

Haviam começado as férias da Páscoa e Isac nada mais esperava que não fosse festejar a quadra pascal com os muitos colegas que não iriam para junto das famílias, ir em longos passeios e aventuras pelos campos fora liderados pelo vigilante que os submetia a provas de ultrapassagem de obstáculos e, principalmente viver as emoções dos jogos do torneio de oquei em patins que era realizado na Suíça.

Mas não. Desta vez a tradição foi quebrada, porque o seu pai viera trabalhar para Sintra, como despenseiro do Palácio dos Seteais, unidade hoteleira incorporada agora na Empresa Tivoli, da qual era sócio maioritário o seu primo José Cardoso. Assim sendo, este, a um pedido do primo que já fora seu empregado quando tinha somente 16 anos, o mandou vir para trabalhar em Sintra, onde tinha necessidade de gente de sua confiança.

Ora, Isaac, ao tomar conhecimento do sucedido, quando o seu pai o viera buscar para ir passar aqueles dias de férias junto dele, lá no hotel em Sintra, vislumbrou de imediato que algo estava em curso no *modus vivendi* da sua família, que algo estranho se havia passado para que o seu pai deixasse mulher e filhos, lá longe, sozinhos entregues a sua sorte. Nesses dias de férias, sentado numa cadeira naquela despensa gelada, enquanto o seu pai ia desempenhando as suas funções de despenseiro, Isaac, embora tentando aparentar o contrário, cismava que não mais voltaria a usufruir do mesmo modo os tempos de Verão passados em Buarcos, que doravante tudo seria diferente e, por vezes, assaltava-lhe a dolorosa suspeita de que o pai tencionava separar-se da sua mãe e que por isso ela deveria estar a sofrer amargamente, abandonada, com quatro filhos à sua guarda.

Ainda que a presença do seu pai e a afabilidade da Luzia e da Esmeralda (filhas do seu padrinho, irmão de José Cardoso) e a amabilidade, tanto dos irmãos José Capela e Francisco Capela, como de bastantes outros empregados do hotel e do seu Director Alberto Vasconcelos, gerassem em torno de si uma atmosfera de simpatia, os pensamentos negros provocavam nele incontido sofrimento. Para ele, para a sua paz de espírito, melhor teria sido passar por inteiro aquelas férias com os seus amigos. Os sete dias passados nos Seteais constituíram para ele um infindável espaço de tempo em que o seu maior desejo era voltar ao Instituto, recomeçar as aulas.



## XLVII QUADRO

Cessando o pesadelo, Isaac regressou ao Instituto no Domingo de Páscoa, para, na manhã seguinte recomeçar o trimestre escolar que antecedia o Exame da Quarta Classe.

Ao longo deste tempo de aulas nada de significativo ocorreu que pudesse perturbar o sossego de Isaac. Ao contrário, as negras nuvens que haviam toldado o seu céu foram dissipadas, voltando a brilhar o sol que por detrás delas se escondia.

De Buarcos viera uma carta de sua mãe, pela qual ele ficara a saber que o pai, depois de uma discussão com a Lia, decidira escrever ao primo Cardoso, narrando-lhe a situação difícil em que se encontrava. Na carta salientara ele a sua preocupação com o futuro de Isaac, que, ao sair do Instituto quando acabasse os estudos, não teria possibilidades de singrar na vida se voltasse para Buarcos, onde não vislumbrava hipótese alguma de realização de vida digna, e, consequentemente, lhe pedia um emprego na Empresa Tivoli.

Tranquilizado com as notícias que a mãe lhe trouxera e com as visitas que o pai lhe passou a fazer praticamente todos os fins-de-semana, Isaac cumpriu paulatinamente as suas obrigações de colegial aplicado, terminando o trimestre com aprovação meritória no exame da Quarta Classe.

Finalmente, liberto de mais um ano das responsabilidades escolares, dá azo à imaginação criadora, planeando o decurso das férias que estão já a bater à porta. Combinou já com os tradicionais companheiros de viagem o dia da partida, e do facto dera conhecimento ao pai na última visita que este lhe fizera. Tudo está em ordem; tudo fora acertado com a Sr.<sup>a</sup> Regente. Agora é só mais um dia que o separa do reencontro com Buarcos, com aquela vida despreocupada, ao ar livre de ave do campo que, apesar de se ter adaptado bem à ao internato, só se sente realizada em plenitude, no sei da Natureza, usufruindo as dádivas do mar e sol, do tempo de bonança e do tempestuoso, sentindo as carícias do vento e da chuva, interiorizando a beleza da sinfonia executada pela divina orquestra que ao pôr e nascer do sol nos deleita os sentidos.

Se no decurso desta última etapa da Instrução Primária, tudo se processou sem que se assinalasse qualquer perturbação, já o mesmo não pode ser afirmado no que concerne aos dois meses e meio de férias de Verão que então se anunciaavam. Ao chegar à estação da Figueira da Foz, consciencializou ele que os dias de veraneio que o esperavam seriam, no todo ou em parte, diferentes dos vividos nos anos precedentes.

Desta vez só a mãe e a Lia o esperavam e nos dias que se seguiram, por não estar presente o Patriarca Abraão, o modus vivendi familiar foi profundamente alterado. A mãe foi forçada a assumir as funções de uma verdadeira Matriarca da família e, pelo facto, chamou a si todas as responsabilidades confiadas até então ao chefe de família.

*Ela, e só ela, naquela fazenda rodeada de pinhais e hortas, garantiu, na ausência do marido, além da segurança física da família, o total desempenho das tarefas inerentes à agricultura e à pecuária, os dois pilares fundamentais que suportavam a integridade vital da família.*

Distribuindo os afazeres por todos segundo a sua capacidade, cabia a ela o desempenho das mais árduas e exigentes. Contratando lavrador e mulheres à jorna, procedeu à sementeira da terra e cuidou do necessário ao crescimento e maturação das espécies agrícolas, e, quando chegou a hora da colheita ela e os filhos nada deixaram por fazer. No que concerne à pecuária, ela não foi menos aguerrida. Levantava-se bem cedinho e, antes de ir à praça vender produtos hortícolas, frangos, coelhos e os apetitosos queijinhos frescos confeccionados por ela com o leite das cabras, procedia à ordenha da vaca e das cabras e entregava o leite ao leiteiro que, por seu turno, o levava ao laboratório para, posteriormente o distribuir pelas portas das freguesas habituais.

E no que se refere a negócios, Sara confirmou a habilidade já antes demonstrada. Foi vendendo por bom preço porcos que para o efeito criara, cabras e até mesmo uma vaca que desde há algum tempo vinha dando sinais de rejeição de alimentos. No dia em que o negociante veio à fazenda ver o animal, esta mulher de armas, preparou uma celha cheia de água com farinha de alfarroba, umas baldadas de figos, bastante pedaços de abóbora e beterraba quanto baste, e com essa lauta refeição deixou a vaca em questão com barriguinha bem cheia e lustrosa. Seguidamente limpou a manjedoura, deixando lá somente umas ervitas para aparentar que a bicha quase a lambera.

Chegado o negociante de gado, logo ela se apressou a mostrar o animal, tecendo comentários que levaram o homem a reconhecer que realmente estava ali uma boa peça para talho. Acertaram o preço e logo ali fecharam negócio.



## XLVIII QUADRO

Fora ainda em 1958, que o pensamento de Isaac iniciara uma nova fase de crescimento, alimentado pelas vivências recentemente ocorridas em Buarcos e pelo conhecimento de factos políticos que indelevelmente marcaram as eleições para a Presidência da República, realizadas em 8 de Junho desse mesmo ano. Ao iniciar as férias, no final de Julho, sabia ele já que, um pouco por todo o lado, Humberto Delgado, Candidato de oposição ao regime Salazarista, era secretamente acarinhado pela população vítima dos poderosos que, protegidos pela bandeira "Deus, Pátria e Família", despudoradamente os exploravam, e, aberta e publicamente, era apoiada por um largo escol de cidadãos esclarecidos empenhados na luta contra a ditadura unipartidária.

Em Castelo Branco e em mutas outras cidades foram estendidas passadeiras, não vermelhas, mas sim de capas negras pelas quais o General Sem Medo se acolhia ao seio de multidões esperançosas na mudança. Em Buarcos, em Agosto, ainda se sentia o medo do que pudesse vir a suceder em consequência dos procedimentos do eleitorado então adoptados.

Os arregimentados do poder instituído tudo fizeram para que Américo Tomás saísse vitorioso. Organizaram comícios denegridores da oposição, vomitando impropérios. Um tal Gaspar ufanamente gritava do púlpito toda a espécie de insultos, designando os que lá fora se manifestavam a favor de Humberto Delgado, como cadáveres putrefactos, cujos

*grunhidos em nada importunavam o caminhar para a vitória esmagadora que no dia 8 demonstraria a força e a legitimidade dos governantes. Os detentores do poder em Buarcos reuniram, num almoço grátis, mineiros, pescadores e outros servos da gleba, dando a cada um, no final, 10 escudos para que votassem em Américo Tomás.*

Ainda que esta acção de campanha tenha tido como rosto um grande benemérito dos pobres da Terra, a contagem dos votos confirmou a estrondosa vitória da Oposição; todavia, não foi esse resultado reconhecido pelos burlões, que proclamaram a supremacia de Américo Tomás.

Como era natural, nesses dias de escuridão, a população de Buarcos foi atormentada, desta vez, não pelo mar bravio que tantas vidas ceifava, mas sim, pelo medo da vingança dos poderes instituídos. Já nessa noite, provocadores arregimentados pelos que perderam nas urnas mas se proclamaram como ganhadores, percorreram as ruas com bandeiras vermelhas hasteadas nos carros, clamando por vingança feroz.

## XLIX QUADRO

Pois bem, foi esta atmosfera familiar que Isaac veio encontrar. Não surpreendido pelo que ocorria na granja, Ele, logo no primeiro dia passado agora na companhia da mãe, dos irmãos e dos amigos, assumiu sem qualquer estranheza o papel de activo colaborador agrícola: ia com os irmãos apanhar as maçarocas de milho e, quando o carro de mão ficava cheio, transportava-o para a eira onde ao serão se fazia a desfolhada; colaborava na de bulha deste cereal quando já se encontrava seco, tal como no malhar o feijão ou o grão-de-bico; procedia ao arranque de cebolas, batatas, etc.; ajudava na apanha dos produtos que a mãe todos os dias ia vender à praça, como feijão-verde, tomates, pepinos, frutas diversas; apanhava erva para os animais e, não raro, acompanhava os irmãos no apascentar a única bezerra que a mãe não tinha ainda vendido e as duas ou três cabras que, tendo já comprador, ainda davam vida ao curral.

Assim Julho terminou, Agosto se passou e, ainda que havendo motivos para crer que as merecidas férias iam finalmente começar, por estar bastante avançada a faina agrícola e a pecuária estar confinada a uns poucos galináceos, Setembro preparava na sombra ocorrências inesperadas que deitaram por terra o sonho de umas idas à praia, de umas patifarias a levar a efeito com os amigos, de proceder às visitas habituais, e, acima de tudo,

usufruir as festas da Senhora da Encarnação, que atingia o seu auge no oitavo dia deste mesmo mês.

Decorrendo os primeiros sete dias, nada se adivinhava no horizonte que pudesse alterar o rumo do que havia sido projectado pelo bando dos capitães da areia. Para além dos pacíficos jogos de cartas, lançamento do peão, competitivas corridas com arcos ou de carripanas construídas quase exclusivamente pelo Jacob, dos jogos de bola e outras inocentes brincadeiras, esboçavam, quando se associavam aos rapazolas mais sabidos, cenários que de inocência nada tinham, fazendo-se passar por médicos ginecologistas que tentavam atrair aos consultórios as garotas mais espevitadas e, uma ou outra vez, iam à praia para, não só tomarem umas boas banhucas, mas também para, na água ou por trás de uma bateira tentarem realizar jogos de intimidades proibidas.

E eis que chega o grande dia da festa mais celebrada em Buarcos. O dia nasce luminoso e promissor e, decorrendo a hora em que o Astro Rei atinge o ponto mais elevado do arco que no firmamento desenha diariamente, algo de inesperado sucede que vem alterar radicalmente o programa que a família residente idealizara para o tempo que restava para o regresso de Isaac ao Instituto. Os Filhos estavam lá em cima, em casa, e a mãe estava junto ao poço grande a lavar roupa no tanque. Ali, tranquilamente laborando como sempre, de chapéu na cabeça, porque o sol estava quente, ela, sobressaltada, por ter ouvido um restolhar de passos vigorosos, olha para trás e o que vê?

Estupefacta, observa, Abraão que de surpresa viera precisamente em dia de festa. Sara não se conteve, e,

porque conhecia demasiadamente bem o seu marido, explodiu nervosamente não contendo as lágrimas:

— Meu Deus! Vieste sem avisar, porque julgavas que meias apanhar na festa, pobre de mim! Não tens emenda, hás-de ser sempre assim. Sempre desconfiado, doentiamente desconfiado.

— Nada disso, Sara Piedade. Vim, porque hoje e amanhã temos que aprontar tudo para irmos para Sintra no comboio das 18 horas.

— Mas tu não vês que é impossível. Temos aí tantos sacos de milho, de feijão e grão; cebolas, batatas e abóboras. E não vês que as árvores de fruta e a vinha ainda estão por apanhar? Tu não avisaste e por isso eu não vendi ainda as galinhas nem os coelhos. Ainda temos uma cabra, o porco o e a bezerrita.

— Não há problema. Eu de tarde vou já despachar tudo.

Dito e feito, Abraão, logo a seguir ao almoço que Sara Piedade rapidamente elaborara, desceu à vila para tentar despachar ao desbarato tudo o que tanto trabalho dera a criar. Foi à mercearia do Sr. Joaquim, onde habitualmente a família se abastecia, e ofereceu-lhe, a preços mínimos e mesmo a custo zero, a aquisição de cebolas, alhos, batatas, feijão, grão-de-bico, abóboras, milho. Enfim, toda a produção já colhida. Quanto às galinhas, coelhos e, à cabrita e ao porco que ainda restavam, o procedimento em nada se alterou, a não ser no que concerne ao facto de os que beneficiaram com toda esta pressa de partir serem agora outros. Quanto às colheitas que ainda teriam de ser realizadas, aos frutos que

ainda teriam de ser colhidos, os haveres que constituíam o rechei da casa e que não poderiam ser despachados, foram oferecidos por tuta e meia à Sr.<sup>a</sup> Prazeres, a vizinha amiga que se dispôs a ficar com a chave da casa e a tomar conta do que por lá ficava a esmo ao sabor do imprevisto.

Consumada a venda ao desbarato dos haveres móveis, só a bezerra, de nome Andorinha, teve a honra de ser despachada para Sintra, onde a esperava um estábulo para dormir, 70 fardos de palha para alimento e um espaço de terreno arável de cerca de 100 metros por 30, onde poderia reforçar o repasto com fresca erva.

Chegada a noite e depois de tanta correria. Lia, Isaac e Jacob, como resultado de insistentes rogos, lá foram autorizados a ir dar uma olhadela à festa que nos Caras-Direitas se realizava nessa noite, enquadrada nas festas religiosas da Senhora da Encarnação. De lá, cedo voltaram, em cumprimento da ordem que o pai lhes havia imposto.

## **TERCEIRA ETAPA**



## I QUADRO

Na Terça-Feira, dia 9 de Setembro de 1958, ainda mal o sol se vislumbrava, todos foram obrigados a saltar da cama, porque muita coisa havia ainda a realizar. Meteu-se à pressa em malas e caixotes tudo o que era para despachar e ensacaram-se os haveres que seriam transportados com a família. Abraão começou por ir à vila contratar um carroceiro que transportaria à tarde, por volta das 16h, o que fosse necessário e, em seguida, foi à estação despachar a bezerra. Nesse dia de má memória rapidamente chegaram as 18, hora em que o comboio para Lisboa deixaria a estação da Figueira da Foz. Não houvera tempo sequer para despedidas de vizinhos e amigos; nem mesmo fora possível a Lia ir à fábrica onde trabalhava despedir-se das colegas e da chefe, que era muito sua amiga, e informar que doravante não voltaria aí a trabalhar, porque ia viver em Sintra.

A meio da tarde, deixando para trás, com a tristeza na alma, a granja onde haviam passados os últimos oito anos, lá foram rumo à estação. Aí chegados, Apressou-se Abraão a despachar as malas e caixotes e, feito isto foi, já com atraso significativo, comprar os bilhetes de passagem. Na Realização destas operações, o pouco tempo que ainda restava para o embarque esgotou-se rapidamente. Em Breve souu o sinal da partida e eis que o comboio, após um primeiro estremeção, começou a deslizar sobre os carris, mas, felizmente, deixando em terra todos os membros da

família, bem como os respectivos haveres, graças à cooperação de passageiros que pelas janelas lançaram para a gare as bagagens que já no interior se encontravam e, pela porta, devolveram aos braços de Lia os dois irmãos mais novos que tinham entrado já na carruagem.

Naturalmente, com contrariedades desta natureza, mais que possíveis no decurso de uma viagem tão imprevisível, tão precipitadamente realizada, era de admitir que algo fora do contexto pudesse subitamente suceder. De facto, foram estes momentos de grande aflição: o comboio já em movimento, tendo dentro os meninos, além de algumas bagagens da família, Isaac, na gare, sujeito a ser arrastado pelo comboio, sem saber o que se passava, procurava, com os braços estendidos para este, uma porta para entrar.

Vendo o comboio, já em aceleração, a afastar-se da estação, Abraão, depois de verificar que nada nem ninguém havia seguido e que todos estavam sãos e salvos, não se deu por vencido e, prontamente, procurou remediar a situação. Consultou o horário, optando por embarcar na próxima composição que os levou até Torres Vedras, onde tiveram de esperar, durante tempos intermináveis, por uma outra que os transportou até à estação de Cacém. Ali chegados, fizeram transbordo para a linha de Sintra, última etapa da penosa viagem que trouxe estes peregrinos até à sua Jerusalém. Alcançando finalmente a estação da terra prometida, ainda com o sol a espreitar a Oriente, abaixo da linha do horizonte, Sara e os filhos ficaram encantados, ao contemplar a paisagem que a vertente da serra ante os seus olhos ostentava.

Deste vislumbre das maravilhas que pouco-a-pouco, no futuro, Sintra lhes iria revelar, logo se apartaram na camioneta da carreira que os conduziu a Morelinho, miradouro de onde se avista toda a vertente norte da serra de Sintra, no qual Abraão alugara a residência que durante dois anos foi abrigo da família que vinha em busca de uma existência mais promissora, de uma vida digna, liberta das carências que no passado próximo tão marcadamente se fizeram sentir.

Debeladas as dificuldades inerentes à instalação da família naquele espaço habitacional, constituído por uma casa (com três quartos, uma salita, e uma ampla cozinha térrea), capoeiras para galinhas e coelhos, um barracão destinado à bezerrita e aos setenta fardos de palha, para alimentação desta, que Abraão cuidara em comprar, e ainda um espaçoso terreno de cultivo, onde não faltava um excelente poço de fresca e límpida água bem como três ou quatro figueiras.

Pronta a instalação da família na nova residência, as preocupações de Abraão passaram a incidir sobre problemas que requeriam soluções inadiáveis, como a matrícula dos dois mais novos na escola, a procura de trabalho para Lia e para Jacob, e o modo de Sara poder ganhar algo com que pudesse ajudar a subsistência da família.

Doravante, o clã familiar, ainda que enfrentando dificuldades, à partida aparentemente inultrapassáveis, percorreu veredas mais libertas de escolhos e abrolhos, conducentes à conquista de um padrão de vida confortável, e, acima de tudo, promissor de um futuro para os filhos, sem nuvens negras a toldar-lhes o céu, a impedir que o sol os ilumine e aqueça.

De facto, os primeiros tempos nestas paragens não foram bafejados por ventos bonançosos; contudo, os obstáculos emergentes a cada passo, lá foram paulatinamente contornados:

A Lia teve a sua primeira oportunidade de trabalho no palácio da Quinta da Regaleira (então propriedade de um cidadão alemão) e, meses mais tarde, ingressou na Empresa Tivoli, vindo trabalhar no hotel em Lisboa; Jacob, depois de uma curta passagem pelo Café Império, em Lisboa, veio para o Café Paris, em Sintra, de onde, poucos meses volvidos, transitou para o Hotel Seteais, também pertença da Empresa Tivoli.

Quanto a Isaac, não se fez esperar o dia do regresso ao Instituto, a fim de dar início a mais um ano lectivo.

## II QUADRO

Em Outubro de 1958, ultrapassada a meta volante da Instrução Primária, inicia o 1º Ciclo dos Liceus, continuando empenhadamente a sua formação musical, ou seja, a estudar a teoria da música, solfejo cantado e rezado, com o Prof. António Fernandes, a História da Musica, Ciências Musicais e noções de Composição Musical, com o Prof. António da Encarnação Mimoso, Piano, com o Prof. Joaquim Nunes Pinto, Violino, com o Prof. Américo Santos e, ainda que somente durante curto espaço de tempo, uma leve aprendizagem de Instrumentos de Sopro, com o Prof. Abílio Meireles.

Esta fase da sua adolescência foi marcada por esforçado trabalho, notável determinação de querer recuperar o tempo perdido na espera angustiante de entrar para a escola onde deveria ter ingressado 5 anos mais cedo. Tentou e conseguiu atalhar caminho, fazendo num só ano estudos que estavam calendarizados para dois; juntou-se a colegas mais avançados nos estudos para, em grupo, estudar matérias circum-escolares e realizar regulares sessões de leitura de periódicos e monografias literárias existentes na biblioteca do Instituto.

Com significativa aplicação às actividades escolares e método de trabalho bem delineado e cumprido, atingiu a superação dos seus limites, permitindo-lhe este seu proceder trazer na bagagem intelectual, após nove anos de

internato, a Instrução Primária (duração quatro anos), o Curso Geral dos Liceus (duração cinco anos), a preparação musical atrás aflorada e, não de menor importância, as lições de vida dos seus professores António Fernandes, António Ferreira, Augusto Medina e, principalmente, José Machado Sá Marques.

E se Isaac, ao deixar para trás o internato, valorizava a acção construtiva dos seus mestres escolares, não significa isso que deixasse no esquecimento o convívio com os condiscípulos (irmão, filhos de outros pais que, com ele, sob o mesmo tecto, comeram à mesa do mesmo pão); não quer dizer que minimize o familiar relacionamento com as empregadas mais velhas (tias e até uma avó); que não acalente a memória do colaborante vigilante José Pinto, ou que não releve a benéfica acção educativa da regente Maria dos Prazeres que, além de se preocupar com a formação moral e religiosa dos seus «meninos», primava pelos cuidados que punha tanto na higiene dos alunos como na das instalações, ou na qualidade dos alimentos.

Mas se os factores aludidos foram determinantes do percurso de vida desde então realizado, também os sonhos amorosos, as experiências emocionais, as fugazes vivências com o sexo feminino, próprios da adolescência, contribuíram em larga medida para que Isaac fosse o que de outro modo poderia não ser.

Nele deixaram feridas os amores não correspondidos com as jovens empregadas Jacinta e Taís, e marcaram-no positivamente relacionamentos amorosos, a Carmelinda, a Nídia, a Lília, entre outras menos significativas.

Da Jacinta, que entrara ao serviço no Instituto como doméstica, quando ele ainda não completara 15 anos, retivera a amarga desilusão provocada pelo nega que ela lhe havia atirado à cara, com palavras impiedosas, quando este lhe declarava o amor que por ela sentia. Ainda se ela não lhe tivesse consentido aproximações de cariz amoroso, não o tivesse provocado com palavras e gestos de ternura e até mesmo de lascívia quando os dois se encontravam sós no dormitório onde ele estudava piano no horário das 11 às 13!? Mas assim, face ao anteriormente sucedido, era penoso sentir que, afinal, a primeira ilusão amorosa se desfazia como um castelo na areia batido pela onda traiçoeira que subira demasiadamente na praia.

Da Taís, apesar desta não se sintonizar com os seus afectos amorosos, não guardou ele a memória de um sentimento falhado, de uma infidelidade grosseira consumada pela mulher que se compraz no seu papel de agente provocadora de paixões para, no ápice da sua glória, lançar por terra mais uma das suas vítimas.

A Taís era uma gentil empregada que entrar ao serviço no Instituto, tendo somente 18 anos de idade. Mocinha de elegância notória, voz bem timbrada, fino trato mas um pouco altiva, de cultura acima da média, era o encanto dos alunos em geral e a fada encantadora de alguns. Por ela, Isaac, logo nos primeiros contactos, sentia que o coração palpitava mais intensamente, quando ela se aproximava, lhe dirigia a palavra ou simplesmente estava por perto servindo os pratos dos condiscípulos que estavam à sua mesa.

Em silêncio, a princípio, sofria, isolado na sua concha, sem ser capaz de vencer a timidez que lhe era própria. Temia que o sucedido com Jacinta se reeditasse e

mais uma vez ele tivesse que suportar os efeitos da rejeição. Sonhando acordado, escrevendo toscos versos que depois rasgava, procurando proximidades, tentando diálogos que não raro se convertiam em pesados silêncios, deixou que o fluir do tempo cumprisse a sua missão, até que, um dia, mau grado seu, a Carmelinda, uma outra empregada doméstica, também com 18 anos acabados de fazer, disse que era ela que hoje vinha limpar a biblioteca, porque a Taís tinha ido visitar o namorado, que agora era funcionário da Misericórdia.

Assim, num ápice, desabou a sua torre de marfim, que, embora deixando nele a mágoa causada pela súbita revelação, não lhe incendiou o cérebro, porque reconhecia que desta vez houvera jogo limpo, não se vislumbravam indícios de deslealdade.

### III QUADRO

Ainda não tinham passado dois anos do dia em que a família peregrina havia deixado Buarcos, para reconstruir a vida em Sintra, terra que se convertera na sua Jerusalém, e já ela começava a sentir uma crescente nostalgie dos idos tempos vividos em Buarcos, varanda debruçada sobre o extenso Atlântico que, em dias de bonança lhe vinha beijar a praia de brancas e finas areias, mas, sanhudo, em tempos de ferocidade, ultrapassava todas as defesas costeiras semeando terror e destruição.

Então, sob esta pressão dos filhos e da mulher, Abraão decide surpreendê-los e, na sexta-feira precedente das suas férias, ao chegar a casa, disse a Sara que preparasse as coisas para no Domingo de manhã viajarem para a Figueira onde gozariam uma parte dos dias de descanso indo depois passar os restantes dias em Almaceda.

E se bem o foi dito, melhor o foi feito. No Domingo, logo de manhã, lá foi a família rumo à Figueira, de onde, depois de uns maravilhosos dias de sol e mar, seguiram, primeiro, de comboio até Coimbra, e depois, de táxi para a aldeia deixada há 15 anos. Chegados aqui de manhã bem cedinho mas já com o sol raiando por cima das copas do arvoredo que a Leste se estendia por montes e vales, velhos, novos e miúdos, quase a aldeia por inteiro, vieram à ponte (sala de visitas) receber os visitantes,

manifestando grande regozijo por verem de novo Abraão e Sara de quem há tantos anos se haviam ali separado.

Enquanto para os filhos o retorno às origens não passava de uma oportunidade para passarem a conhecer primos e tios quase desconhecidos bem como outros aldeões de que os pais tantas vezes falavam com saudade, para estes era o recordar a mocidade ali vivida, era o voltar ao torrão natal onde os seus antepassados haviam nascido, crescido e morrido, era o avivar memórias dos dias de festa naquela querida aldeia em que, logo que o sol se erguia no Oriente, toda a população se mostrava, na verdade, exuberante, entregando-se a uma actividade visível em todos os recantos daquele pequeno lugarejo do interior.

Abraão e Sara Piedade recordavam em conversa com velhos amigos o labor intensivo nas cozinhas onde grandes quantidades de víveres eram preparados para o almoço, refeição principal do dia, que era compartilhada por familiares e amigos convidados que de Lisboa aí se deslocavam para comemorar o dia do Espírito Santo, padroeiro da paróquia.

Então, pela mente de Abraão, enquanto ia, sem falha, reconhecendo miúdos que nunca tinha visto como sendo descendentes deste ou daquele aldeão, passa o filme da Banda de Bogas, que, ao romper do dia, se faz ouvir, percorrendo, acompanhada pelos aldeões que atrás se vão juntando, todas as ruas e caminhos, parando junto às portas de casas e casebres para saudar, sem esquecer ninguém, os seus habitantes, sejam ricos ou pobres, novos ou velhos, e, recordando os seus tempos de garoto, visiona o fogueteiro, que depois de dar a alvorada com uma estrondosa carga de morteiros, não cessava de fazer estalejar, no céu, foguetes

que um após outro subiam para depois, na queda serem a alegria da miudagem que corria a apanhar as canas.



## IV QUADRO

Seis horas da Manhã e porque o vigilante Silva já se havia levantado e saído do dormitório, a malta ficara à vontade para, como de costume, fazer as suas tropelias, sendo o Estêvão normalmente o primeiro a dar a alvorada com uma sonora descarga de gases intestinais, dizendo "aí vai a primeira rajada de basombos. Vamos lá, malta! Vamos a acordar!" Começa então o corrupio para os dois enormes bacios localizados no centro do dormitório, onde uns despejam a bexiga e alguns os testículos. Agora é o Fernando de Freitas; e logo a seguir o Vicente, o Alberto, o Nunes, enquanto o Calisto, vai fazendo as suas sonoridades bocais batendo com as mãos nas bochechas, produzindo assim notas musicais.

O toque da alvorada foi, como de costume, sonoro; porém, a algazarra, comparada com o que era habitual, foi hoje uma pálida mostra. Estava um frio de rachar. Todos voltavam rapidamente para vale de lençóis. Nessa noite, em Bragança, a água, na canalização havia gelado. A temperatura chegara abaixo dos 15 graus negativos. Nesta manhã gelada, quando o vigilante Silva deu ordem para a malta se levantar, poucos foram os que se dispuseram a cumpri-la. Estava realmente frio e assim continuou todo o dia. Aquela rapaziada andava toda queixosa, clamando contra a baixa temperatura que os apanhara hoje de surpresa, mas, enfim, lá foi cumprindo as rotinas habituais, ou seja,

higiene matinal, orações matinais na capela, pequeno-almoço, um curto recreio e aulas, sendo a primeira, logo às 9, um ponto de francês com o rigoroso Prof. Charruadas.

Fustigados por um vento gélido siberiano, os alunos atravessaram o quintal, dirigindo-se ao salão, lá em baixo, junto ao Mar, acomodando-se cada um no seu lugar, para que, quando o professor chegasse, não houvesse perdas de tempo.

A temperatura ambiente estava demasiado baixa; era imprópria para consumo, e, para minimizar esta situação, o Zé Baião ligou o aquecedor aí existente, pondo-se debruçado sobre o mesmo, aquecendo as mãos, e eis que o colega Ferreira salta do seu lugar, afasta-o da fonte de ignição e com as mãos nuas apaga as chamas da blusa que, tocando em baixo nas barras incandescentes, pegara fogo.

Recordando este episódio em que o jovem Ferreira revela um grande espírito de abnegação, não pensando que, salvando uma vida poderia ficar gravemente lesado, vêm-me à mente outros em que o mesmo foi protagonista mas mostrando uma faceta do seu carácter de brincalhão. Vários passam em filme pelo meu cérebro; porém, deles apenas de dois aqui deixo uma sucinta narrativa demonstrativa do que entre aquelas quatro paredes era susceptível de suceder.

## I

Decorria o mês de Junho de 1958 e Isaac e o colega Ferreira encontravam-se na sala de aulas do Prof. Ferreira a prepararem-se para o exame de admissão ao Liceu. Sucede que na sala contígua a esta, fazia o mesmo o colega Zé

Maia, que normalmente era considerado pelos outros um jovem assustadiço. Pensando nesta faceta do Maia, o Ferreira levanta-se da carteira onde estivera a estudar, dirige-se para a janela dizendo para Isaac: — Oh pá, vou pregar um susto ao Maia. — Então, saltando rapidamente lá para fora, pega num pedregulho, aproxima-se da janela da sala onde o colega se encontrava, e eis que se ouviu, a seguir ao embate do pedregulho que de fora fora lançado, um grande grito pedindo socorro. Vem logo apressado o vigilante Silva, a doméstica Rosa e toda a malta que ouvira o grito do Maia, completamente desvairado. Perante este cenário insólito e a inesperada aparição do vigilante José que, estando de folga, pescava ali bem perto e vira tudo, Isaac pegou no pedregulho e arremessou-o cá para fora anulando assim a prova do crime.

Feito isto, regressou à sua sala de estudo, onde o colega Ferreira já se encontrava fingindo estudar. Então, contou ao amigo que o vigilante José gritara lá do meio das rochas, que ele, Ferreira, saltara lá para fora, quando o Ruço, um conhecido larápio, por ali passava, e, após uma curta pausa para escutar o ambiente no exterior, acrescentou:

— Oh Ferreira, agora, de certeza, vais ser chamado à Regente. O melhor que tens a fazer é lançares lá para baixo um punção, para quando ela te interrogar, tu lhe poderes responder que apenas lá tinhas ido procurar o punção e que, não o encontrando, havias desistido.

Naturalmente que a Regente duvidou que tal fosse verdade, mas para ficar tudo claro, sem neblinas, mandou o servente Manel ir verificar se era verdade ou não o que o Ferreira acabava de afirmar.

E foi assim que uma manhosa invenção resultou em cheio. Quando o Manel voltou mostrando na palma da mão o punção, a Regente, convencida de que de facto o que o Ferreira dizia provava a sua inocência, levantou-se da secretária, veio até ele, e, pondo-lhe no ombro a mão, disse, com o ar sério que lhe era peculiar:

— Oh Menino! Desculpa lá este mal-entendido. Aquele malandro do Ruço anda-nos a provocar. Cada vez mais me convenço que foi ele que nos roubou a criação que tínhamos nas capoeiras, deixando lá as cabeças dos bichinhos que degolou.

## II

Chegara finalmente o dia de S. Martinho, e o Ferreira lá arrebanhou os condiscípulos que com ele mais se sintonizavam. Foram todos para a sala onde ocorrera a cena anterior, levando o Ferreira uma sacada de castanhas bem assadinhas pela tia Eugénia, e para acompanhar, um palhinhos. A algazarra era notória. Não havia temores a recear, pois o Ferreira fora autorizado pela Regente para organizar aquela paródia inofensiva. Tudo ia de vento em popa. Isaac, já alegrete, fazia equilíbrio de pé em cima duma carteira; o Fernando Dias, o Maia e mais dois ou três estavam ouvindo num radiozito um programa com um ar muito macambúzio e eis que, o vigilante Silva abre a porta e dá as suas ordens com um ar de espião que cumpriu a sua missão:

— Menino Ferreira, vamos lá a parar com este magusto. Vai já à Sr.a Regente.

Apanhado de surpresa, o Ferreira, que tinha autorização da Regente para organizar aquela festinha, retorquiu

— Mas oh Sr. Silva, se nós temos autorização para estarmos aqui a festejar o S. Martinho, por que é que agora está querer levar-me à Sr.a Regente?

— Então, a esta pergunta salvadora, o vigilante, respondeu:

— Sim! Sim! Autorizou o magusto, mas não o palhinhas de cinco litros para um grupo de alunos tão pequeno.

Face a esta visão tacanha de um lambe botas da Regente, o colega Ferreira montou logo a estratégia que, felizmente, resultou em pleno. Chegado ao escritório, logo esta, com ar de grande seriedade mas também com alguma severidade na voz, diz:

— O Sr. Silva esteve a observar-vos e veio dizer-me que vocês têm lá um palhinhas de cinco litros! Ora se me tivesses dito que tinhas a intenção de comprar um garrafão de vinho, eu nunca te teria autorizado a organizar este magusto.

Perante esta declaração, o Ferreira respondeu, muito seguro de si:

— Oh minha Senhora! Mas o que lá temos é vinho branco.

Ouvindo isto da boca de um aluno que ela muito prezava, deu-se por mal informada e disse:

— Ai é branco? Vai lá festejar com os teus amigos, que um branquinho não faz mal a ninguém, e sendo no S. Martinho, até podem ser dois!!!

## V QUADRO

Sem uma plausível razão material, uma vez mais acordou Isaac com o episódio histórico do assalto ao navio Santa Maria a ocupar-lhe a mente. Por mais que fizesse para desviar o pensamento, não conseguia deixar de recordar o Portugal do princípio dos anos sessenta, em que começava a desmoronar-se o império que Salazar, promovendo a política do «orgulhosamente só», teimava em preservar. Martelava-lhe o cérebro, no fundamental, a queda do domínio na Índia, a revolta do quartel de Beja, com o Capitão Varela Gomes no comando, o início das guerras em África e, em especial, os acontecimentos que envolveram aquele paquete que a 16 de Fevereiro de 1961, numa tarde de Quinta-Feira de especial calor, anormal para um dia de Inverno, entrava na barra de Cascais, rumo ao porto de Lisboa. Insistentemente martelavam-lhe de novo os ouvidos as notícias então radiodifundidas sobre a morte do homem que ia na ponte de comando, o itinerário percorrido pelo navio até fundear a uma curta distância de águas brasileiras, e causava-lhe um natural arrepião a recordação de um místico receio e satisfação que se apoderou das mentes fervilhantes daqueles cerca de cinquenta alunos que frequentavam o Instituto Branco Rodrigues, situado numa varanda natural donde era possível, até mesmo aos alunos de baixa visão, ver passar as embarcações no mar em frente.

Tal forte e nítida visão do que havia então sucedido nesse dia 16 de Fevereiro, vendo bem, não é assim tão desprovido de uma razão causal; estas recorrentes visões do passado ainda não distante assenta no facto (que ele tenta ignorar) de a Taís ter ido com o namorado ver a chegada do navio ao porto de Lisboa. Ora, se a mágoa causada por sabê-la *in love* com o seu namorado não tivesse sido tão marcante nas suas fibras sentimentais, estes retornos ao passado teriam

sempre sido leves e breves e não suscitariam quaisquer tensões emocionais.

## VI QUADRO

Estava-se no princípio do mês de Junho, e os alunos do Instituto Branco Rodrigues, embora preocupados com a época de exames que se aproximava, viviam já momentos especiais na perspectiva de irem participar nas festas de aniversário da Associação Luís Braille. Nesses tempos já distantes esta associação era ainda a principal instituição privada de solidariedade social que aos cegos garantia algum apoio socioprofissional e que por esta condição estimulava o desejo, mesmo dos jovens alunos, de a conhecer de perto.

Esta, desde a sua criação em 1927, fora até então a única agremiação que reunira algumas condições que a tornaram um pólo onde convergiam os cegos que procuravam a emancipação possível na época. Ela era o produto da força de alma de uma plêiade de abnegados que em tempos de depressão e obscurantismo tentaram aplanar os caminhos que outros trilham hoje, ignorando, até menosprezando a obra feita em condições extremamente difíceis.

Nesse fim de Primavera, princípios de Verão, não só os alunos, como também os professores de instrumentos musicais, se esforçavam para que o produto do seu trabalho resultasse em pleno nas actuações que o grupo representativo da escola ia realizar, como em anos

anteriores, na festa de aniversário da Associação Luís Braille.

Embora não existissem as condições tidas como necessárias para garantir o êxito pleno dos executantes instrumentais, a confiança no sucesso por parte dos alunos era um facto visível. Os pianistas, muito em especial, exercitavam exaustivamente as principais peças que constavam dos programas a serem por eles executados.

E se é verdade que com a chegada "dos calores estivais" os alunos do Instituto de Cegos Branco Rodrigues se excitavam com a perspectiva de poderem participar nas festas de aniversário da Associação Luís Braille, não é menos real a euforia que deles se apoderava com a organização dos bailes dos Santos Populares, trabalho a que especialmente os mais velhos se entregavam de alma e coração. Apoderava-se deles, primeiro uma ânsia nervosa revelada nos comportamentos e nas conversas segredadas acerca dos sonhos amorosos que cada um ia edificando; depois um frenesim que se intensificava à medida que a realização dos ditos bailes se aproximava, frenesim que particularmente se exacerbava quando chegava a hora de se ir pelas vizinhanças (por exemplo o Lugar das Areias) convidar para o efeito as atraentes jovens que todos desejavam conquistar para amenizar tanta sensualidade contida.

Era esta época do ano a favorita dos alunos do Instituto. Com os primeiros dias de temperatura a subir nos termómetros elevavam-se também as suas temperaturas emocionais; as forças da libido manifestavam-se agora muito mais intensamente; era o tempo de se detectarem os amores clandestinos de alunos com as empregadas mais jovens

protegidos pelas mais velhas; era o período de intensificação dos trabalhos escolares devido à aproximação dos exames; eram todas as possibilidades visionadas de aumentar os contactos com o exterior, por exemplo através da realização dos exames, as idas à praia e os passeios de fim de semana, os meses de férias a passar nas suas terras com a família e os amigos e amigas de infância.

Ano após ano, ao regressarem os cálidos meses que antecediam as férias de Verão, que naquele tempo se prolongavam até Outubro, Isaac, tal como os condiscípulos do mesmo grupo etário, sentia na carne e na mente as forças imperiosas do sexo reprimido pelos condicionalismos gerados pela inevitável reclusão em que voluntariamente passou durante 9 anos, longe dos pais, dos irmãos, dos amigos e, neste caso, releve-se, do convívio com as raparigas que, nas férias e nos anos que antecederam o seu ingresso no Instituto, lhe proporcionaram momentos de descompressão. Esses eram dias em que ele mais se aventurava, libertando-se do medo de ser descoberto e castigado por infringir a disciplina colegial. Ia, ao fim da tarde, com a avó Eugénia (a cozinheira e uma das mais antigas empregadas) às quintas então existentes nas Areias de S. João do Estoril, convidar jovens, como a Odete, a Lina, a Fernanda, para virem aos bailes autorizados, que se realizavam nas festas dos santos populares; arriscava-se em namoros com a Carmelinda, aventuras com a Nídia e, uma ou outra vez, com a Lília.

## VII QUADRO

Com 16 anos de idade, Isaac, pelas razões já atrás suscitadas, só em 1958, concluiu a Instrução Primária que, ao tempo, eram os quatro anos de escolaridade obrigatória. Sucede que, em abono da verdade, o atraso de cinco anos resultante fundamentalmente da entrada tardia na escola foi no seu decurso factor de sofrimento tanto para os seus pais como para ele próprio, que precocemente sentia o peso de, por um lado, ver os irmãos e os amigos a frequentar a escola e ele, com os anos a esfumarem-se, a permanecer ali estagnado, sem esperança de futuro, e, por outro, ouvir sentenças bem difíceis de digerir, pronunciadas pelo homem que afirmava ser o seu genro pessoa bem relacionada na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e, nessa qualidade, tudo estar a fazer para que o ingresso do desesperado Isaac, na escola, fosse o mais breve possível. Era duro ouvir aquele homem dizer, em contraste com os por si proclamados bons auspícios de seu genro junto de altos funcionários da Santa Casa da Misericórdia, que para Isaac o futuro seria andar pelas feiras de cesta no braço a pedir esmola, e não era menos doloroso saber-se que as promessas benfazejas tinham como finalidade única escravizar o compadre Abraão, a trabalhar, em troca de promessas vãs, na sua quinta.

E se o iniciar a sua escolaridade somente aos doze anos foi já um revés gerador de angústias e maus presságios, não o foi menos, quando, ao longo da Primeira Classe, foi consciencializando que a sua professora, D. Palmira Mendes, se iria reformar no ano seguinte, deixando os seus alunos em compasso de espera, pelo menos, por mais um ano.

Hoje, porém, há distância, podem-se entender todas essas ocorrências retardadoras do ingresso no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, não como um factor negativo, mas antes, como algo positivo que teria que acontecer para que ele pudesse frequentar uma escola mais adequada, em termos de programas, às suas características intelectuais, mais em conformidade com a educação escolar, ao tempo promovida em Portugal.

Não fora assim, e Isaac teria frequentado uma escola programada pelo seu fundador no início do Século XX, que permanecendo quase inalterável durante mais de cinco décadas. Teria frequentado um colégio onde era privilegiado o ensino da música, arte para qual Isaac não se sentia suficientemente vocacionado. Em 1953, com onze anos, teria feito a Instrução Primária num colégio que lhe propiciava quase exclusivamente uma formação musical, e, assim sendo, seria forçado a esperar em letargo, até 1958, ano em que as grandes transformações curriculares que se vinham anunciando tiveram efectivamente lugar.

No final da II Guerra Mundial (presumivelmente ainda em 1945), Augusto Roque Medina da Silva (natural de Cabo-Verde, e Jorge Gonçalves (portuense) lançaram uma pedra no charco que, provocando ondulações imparáveis, vieram a gerar condições favoráveis às transformações curriculares iniciadas no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, em 1958.

Em pleno pós-guerra, quando a Europa se recompunha dos traumas por ela deixados, tanto um quanto o outro iniciou auto didacticamente estudos liceais, apoiados por uma voluntária que para tal se deslocava ao Instituto Branco Rodrigues.

Ambos de igual modo se empenharam na procura de conhecimentos renovados; porém, Jorge Gonçalves, por contrair uma tuberculose, veio a falecer sem realizar o seu tão acalentado sonho. Quanto a Augusto Medina, este, apesar de, por doença prolongada, se ter ausentado do Instituto, onde não mais voltou, porque, entre tanto, casara com a Enfermeira Alcina, que conhecera no seu prolongado internamento no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de

Lisboa, continuou empenhadamente a trilhar os difíceis caminhos conducentes à conversão do sonho em realidade, agora, com a inestimável colaboração de sua mulher, que assumiu por inteiro, o papel da anterior voluntária, facilitando-lhe a licenciatura em Filologia Românica que obteve em 1954.

Com este Augusto passo de Medina, rumo a um futuro de cidadania menos deficitária, os deficientes visuais portugueses assistiam à abertura das portas, primeiro, do Ensino Secundário, depois, da Universidade, e, reconhecendo o alto significado do feito heróico de um elemento deste segmento social, a Associação de Beneficência Luís Braille, dando voz aos por si representados, promoveu, a 2 de Agosto de 1954, na Sociedade de Geografia, uma homenagem em que, além da sua Direcção, alguns professores seus, e um representante dos colegas de Medina que ao longo do curso o haviam ajudado a minimizar dificuldades, a derrubar barreiras, proferiram, palavras de louvor pelo corajoso feito conseguido em Portugal pela primeira vez.

Do sucesso deste pioneiro que deu início à desmatação de terreno cheio de escolhos e abrolhos, fez eco também a comunicação social escrita que chegou a Buarcos, tendo os familiares e amigos de Isaac tomado conhecimento do facto, já na posse da carta vinda da Presidência do Conselho de Ministros, anunciando a esperançosa alvorada de um novo dia.

E foi nesta ambiência de esperançosas transformações que, primeiro, Salvador Mendes, Filipe Oliva, Francisco Afonso, Sousa Ribeiro, depois, Henrique Ribeiro, Duarte Balseiro, Altino Santos, Orlando Monteiro, Vítor Coelho (ao qual agradeço a disponibilização de preciosas informações

que me ajudaram a pintar este quadro) se alistaram na nascente fileira dos renovadores, enveredando pelo curso liceal, patamar de acesso aos estudos Universitários que posteriormente prosseguiram e quase todos concluíram.

Em 1958, dava-se, no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, início ao Curso dos Liceus, já com o Dr. Augusto Roque Medina da Silva de regresso ao mesmo, agora como Professor que viera substituir Palmira Mendes, abandonando assim a necessidade de continuar a tocar na rua para poder sobreviver, enquanto ex-alunos deste colégio se esforçavam por adquirir saberes em outras áreas do conhecimento que não exclusivamente a música.

Acresce ainda que em sintonia com esta nuvem benfazeja adejando sobre as nossas cabeças, por um lado, em 1936, o Oftalmologista Mário Moutinho havia criado a Liga Portuguesa da Profilaxia da Cegueira (LPPC) e acalentava o sonho de criar em Portugal uma clínica de reeducação de diminuídos visuais, o que, com a fundação do Centro Helen Keller em 1955, veio a ser concretizado pelo seu filho Henrique Moutinho, médico da mesma especialidade, pelo pedopsiquiatra João dos Santos e pela pedagoga Maria Amália Borges, nascendo assim uma instituição pioneira do Ensino Integrado em Portugal, instituição que em Março de 1956, quando Helen Keller veio a Portugal a convite da LPPC, passou a designar-se Centro Infantil Helen Keller, mantendo-se configurada para receber alunos tanto deficientes visuais como normovisuais, protótipo que a Liga de Cegos João de Deus veio a adoptar em 1964 e, por outro, Martin Sain, de nacionalidade romena, propunha-se disponibilizar 14.000.000\$00 na criação de uma Fundação Promotora de reabilitação, formação profissional e emprego para deficientes visuais, propósito que parece não ter tido bom acolhimento por parte do poder político então vigente, talvez por mais uma vez Henrique Moutinho e João Santos (reconhecidos opositores ao regime) estarem envolvidos neste projecto.

Sucede que, face a uma suspeita de entrave a um projecto tão promissor, alicerçado na choruda quantia de 14.000.000\$00, Orlando Monteiro, Filipe Oliva e Vítor Coelho manifestaram a sua estranheza ao Ministro da Saúde Dr. Martins de Carvalho em audiência por este concedida em 1958, a pedido de Jerónimo Ludovice, um amigo de ambas as

partes, saindo de lá (como nos conta Vítor Coelho) com a convicção de que havia problemas de jaez político, mas esperançosos na promessa do Ministro que afirmou o seu empenho em tudo fazer para debelar as resistências que ele agora apenas podia admitir como hipótese.

Não se conhecem as acções realizadas pelo Ministro da Saúde a favor deste projecto, mas do que não há dúvidas, é que em 1959 a Fundação Raquel e Martin Sain entra em funcionamento abrindo as portas do trabalho aos deficientes visuais portugueses.

Enquanto esta onda avassaladora se espraiava cá por fora (Fausto Figueiredo, em Coimbra e Valdemar Oliveira, em Lisboa, vieram a licenciar-se em Filologia Germânica; José Salgado Baptista e Fernando Silva, no Porto, licenciaram-se mais tarde em filosofia; alunas da escola Castilho iniciaram estudos liceais na Associação de Beneficência Luís Braille), na órbita do Instituto Branco Rodrigues, em 1960-61, com a abertura do 2º Ciclo dos Liceus, são agregados Professores que geram uma atmosfera de progresso, dos quais se salientam a Dr.a Cármem e, destacadamente, o Prof. José Machado Sá Marques, que sempre considerou aquela como seu braço direito.

E a que se deve esta lufada de ar fresco que tanto veio impulsionar as actividades da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa?

Naturalmente, quem, por um lado, conheceu o Dr. José Guilherme de Melo e Castro, então Provedor da Santa Casa da Misericórdia, nas diversas visitas que fez ao Instituto, não pode deixar de nele reconhecer uma nobre alma de proximidade indistinta com todos e, por outro, tem que

reconhecer que ele só pôde pôr a funcionar o Hospital de Alcoitão (construído de raiz), e transformar o Instituto de Cegos Branco Rodrigues num Estabelecimento de Ensino Para Cegos altamente inovado, porque o suporte financeiro do Totobola, que havia então sido criado, era inteiramente gerido pela sua Provedoria.

Com uma confluência de factores tão benfazejos a propiciar a mudança do que durante mais de meio século permaneceu quase imutável, e atendendo aos sinais captados pelos alunos (visita de um técnico de reabilitação de deficientes visuais americano, constantes visitas de funcionários superiores da Santa Casa da Misericórdia, incluindo do seu Provedor, sempre dialogante quer com alunos, quer com professores, quer com vigilantes, domésticas, ou restante equipa trabalhando no colégio), era por todos expectável que não só o curso liceal iria projectar-se pelo menos até ao Curso Geral, mas também que algo mais viesse a suceder em benefício do Modus Vivendi escolar.

Não se fez muito tempo para que o que era hipotético se convertesse em realidade. Todos os alunos que frequentavam o 1º Ciclo dos Liceus prestaram provas com êxito no Liceu Nacional de Oeiras, inscrevendo-se todos os que o desejaram, no 2º Ciclo e, para garantir o ensino das matérias inerentes a este grau de ensino, uma vez que até então tudo se tinha solucionado com a prata da casa, o corpo docente foi renovado não só com os professores exigíveis para prossecução do Curso Liceal, como também para o preenchimento de vagas deixadas por professores de música que entretanto se haviam reformado, como sucedeu com José Machado Sá Marques que veio preencher a vaga do recentemente reformado professor de violino (Américo

Santos), e, em simultâneo assumir as funções de coordenador pedagógico do instituto, sendo que foi nesta função que ele exerceu a sua notória função de renovador. Logo nas primeiras propostas ao Conselho Pedagógico se vislumbrou o seu pendor para pôr em movimento dentro daquelas quatro paredes, como ele nos diria anos mais tarde, um 25 de Abril antecipado. Ele não viera para cumprir programa. Viera para tornar a vida dos seus "RRRRapazes" (como ele gostava de os chamar) mais consentânea com as exigências sociais. Logo de princípio, estabeleceu uma agenda que o Conselho, pouco a pouco veio a aprovar e pôr em execução.

1. Em primeiro plano introduziu no currículo escolar a obrigatoriedade da prática de ginástica e, simultaneamente, abriu as portas do Instituto aos alunos mais responsáveis com a sua segurança que soubessem já manipular convenientemente a bengala, permitindo assim que aos Sábados, Domingos e feriados estes pudessem ir sozinhos ou em grupo passear lá fora, fazer visitas a amigos ou passar esses tempos de lazer com a família;
2. Quase acto contínuo, estabeleceu um regime alimentar de qualidade, bem diferenciado do anterior, em que não havia repetição de prato ao longo da semana;
3. no concernente às preocupações de Sá Marques com os aspectos físicos dos alunos (desenvolvimento corporal, nutrição, higiene, etc.) tudo se processou harmonicamente, com a orquestra a corresponder em pleno com as directrizes do maestro; porém, no que respeita à formação

religiosa, essa harmonia tornou-se dissonante, com a Regente (Senhora profundamente católica praticante), a liderar o grupo que neste âmbito com ela se conjugava, conseguindo no entanto pôr em prática a proposta da não obrigatoriedade de o colectivo dos alunos ir todos os dias de manhã e à noite à capela fazer as respectivas orações. Doravante só continuariam a proceder assim os que voluntariamente o desejasse;

4. Se considerámos que o Prof. Sá Marques se empenhou em todas as actividades que neste estabelecimento de ensino promoveu, então temos que considerar empenho redobrado aquele que dedicou a assistência de peças teatrais, visitas de estudo a monumentos, barcos aviões. Uma vez por mês, pelo menos, era realizada uma actividade desta natureza, salientando-se, aqui, a título de exemplo, a assistência à peça de Teatro Ana Sullivan, as visitas ao mosteiro dos Jerónimos, da torre de Belém, ao mosteiro de Alcobaça, ao castelo de S. Jorge, ao museu de Arte Antiga, ao Contra torpedeiro Vouga Sul, ao aeroporto Da Ota. Logo que programada cada uma destas saídas, dava-se início a uma preparação da mesma para que dela sortisse o melhor aproveitamento possível. Seleccionava ele o corpo de acompanhantes dos alunos usufrutuários, recolhia literatura referente à unidade a visitar e nas vésperas do dia para tal aprazado, reunia os alunos a deslocar, para lhes transmitir tudo o que

pudesse informá-los acerca do que os esperava. Sempre a preparação foi uma mais valia, sempre os seus "RRRapazes", ao contactarem com os objectos reais, encontraram o que esperavam. Acrescentando aos conhecimentos previamente adquiridos, a audiodescrição associada ao contacto directo com o objecto, não havia surpresas a esperar; porém, porque a excepção confirma a regra, também a visita de estudo à Base Militar da Ota, realizada a 26 de Abril de 1963 teve um acréscimo excepcional: Logo que finalizado o contacto directo com toda aquela parafernália de máquinas e maquinetas voadoras, foram os alunos conduzidos à Messe dos Oficiais para aí comemorarem os aniversários do colega Zé Baptista e do Comandante da Base que nesse dia também se despedia dos Camaradas de Armas, porque no dia seguinte partiria para Angola, em missão de soberania.

## VIII QUADRO

A Carmelinda era uma jovem empregada que ainda há não muito tempo havia entrado ao serviço no Instituto. Por natureza descontraída, alegre, fogosa, mas um tanto ingénua, despertava nos alunos da sua idade sentimentos amorosos que, com frequência, resvalavam para desejos lascivos.

Isaac, por quem ela dava mostras de acalentar especiais afectos, tentava afastar de si os sentimentos que a Taís nele despertara, procurando narcotizar-se com outras experiências amorosas. Primeiro foi a Nídia, uma trintona divorciada que se cruzou no seu caminho; que, sempre que não havia impedimentos, vinha ter com ele, quando estudava piano no horário das 11 às 13.

De mansinho abria e fechava ela a porta do dormitório e, deslizando silenciosamente pelo corredor entre duas filas de camas, chegava junto dele e, sentando-se na cama que estava por trás do banco do piano, passava-lhe os dedos pelo cabelo, acariciava-o e, ao pressentir que este se preparava para corresponder aos seus afagos, puxava-o com força para ela e, enlaçando-o, comprimia as costas deste contra o seu ventre e a nuca contra as mamas, sem lhe permitir que conseguisse mais do que apalpar-lhe as pernas, meter-lhe as mãos por dentro das saias, mas sem o deixar

subir até onde desejava e, no final, beijá-la fugidamente na boca.

Porque com Nídia o esquema se tornou repetitivo, com uma ou outra variante sem significado, e porque a Carmelinda se insinuava cada vez mais, conquistando-lhe o coração, Isaac não hesitou. Um dia, regressando Nídia de umas curtas férias, veio sequiosa tentar retomar as brincadeirinhas; porém, desta vez, o que sucedeu foi bem diferente do habitual; Isaac, ao pressenti-la ao seu alcance, saltou do banco atirando-se como um leão à sua presa, fê-la cair de costas sobre a cama com ele por cima, comprimiu-a quanto pôde, ao mesmo tempo que a tentava beijar, abrir-lhe as pernas..., desistindo somente quando ela, gemendo, gritou por socorro. Apanhada de surpresa, Nídia afastou-se logo que se libertou, jurando que não mais lhe consentiria proximidades abusivas.

Assim, liberto desta aventura e também porque Nídia fora trabalhar para a Misericórdia pouco tempo depois, Isaac sentiu que estava em condições para usufruir o paraíso que a Carmelinda mostrava querer-lhe abrir.

## IX QUADRO

Isaac, libertando-se da pressão que Nídia vinha exercendo sobre ele, logo se dispôs abertamente para usufruir o mais possível as sensualidades que a Carmelinda tinha para lhe oferecer.

No refeitório ocupava ele o lugar à mesa situado junto à porta da varanda, local onde a Regente se colocava quando estava aberta ao diálogo com os alunos que lhe ficavam próximos.

Ora, era no topo da mesa de Isaac, bem junto a ele, que Carmelinda pousava a terrina para servir as refeições aos que estavam ao seu alcance, procurando, quando verificava que ninguém pudesse observar, encostar a sua perna à de Isaac, que tinha o hábito de a ter do lado de fora da mesa, e, muitas vezes, pisava o seu pé para o provocar.

Era então que Isaac, seguro de que ninguém podia ver, lhe lançava a mão à perna, fingindo que ela o magoava.

Quando tal sucedia, ela, se não houvesse o perigo de ser observado por olhos atrevidos o que ali ocorria, pisava mais forte para que assim ele pudesse perceber que podia continuar.

Então incitado com este sinal, aventurava-se um pouco mais, e, deixando a zona do joelho, a sua mão subia cautelosamente pela coxa acima até ela, não consentindo mais, se afastar para fora do seu alcance.

Repetindo-se estas concessões, Isaac sentia-se encorajado a ir mais longe, a explorar outras oportunidades mais permissivas e menos perigosas. Passou a ir estudar piano na saleta contígua à despensa para, quando ela lá fosse buscar os géneros necessários à confecção das refeições, pudesse conversar um pouco ou, se as condições, sem mirones a observar, favorecessem os encontros amorosos.

Não raras vezes aqui se envolveram em simples carícias tátteis, um ou outro beijo tentado, explorações atrevidas que permitiram a Isaac observar como era aveludada a pele de Carmelinda, com eram bem torneado o seu corpo, como eram desejáveis as suas maminhas.

Destes amores, só um dos seus amigos mais próximos tinha algum conhecimento, porque Isaac, reservado como era, não expandia as suas emoções, não mostrava aos outros o que entendia ser do seu foro íntimo. Mesmo assim, chegou um dia em que se arrependeu por ter confidenciado ao amigo o que deveria ter guardado só para si, porque este viera postar-se junto a ele, alardeando que a Carmelinda, se ele quisesse, também o favoreceria com os seus impulsos libidinosos. Isaac, ferido, ripostou sem grandes alongamentos, porque a fada dos seus sonhos entrara de imediato na saleta que dava acesso à despensa, dando apenas tempo ao amigo para dizer ao ouvido de Isaac:

– Vais ter a prova.

Entretanto, aproxima-se de Carmelinda, segura-a pelo braço, rogando-lhe, com um ar de fingido enlevo, "ouça-me só..."

Não continuou, porque ela, enrubescedo de raiva, deu-lhe um murro na mão, bateu-lhe com o tabuleiro na cabeça, rosnando sonoramente

— Deixe-me, seu fedelho.

Este deixou sair um ai de queixume e, depois desta ter entrado na despensa, pediu desculpa ao amigo e saiu.



## X QUADRO

De visita à terra de infância, terra que mais que a natal, nos agarra o coração e a mente, soube Isaac que a Ti Prazeres fora barbaramente assassinada, durante a noite, junto à lareira de sua casa, onde de manhã a encontraram, esfaqueada, com os intestinos expostos. Perante Esta chocante notícia, no cérebro de Isaac desfilaram imagens dos idos tempos em que esta mulher de pequena estatura física, contrastante com uma vitalidade indómita, transpirava, saúde, alegria contagiatante, inspirava confiança e simpatia aos que a rodeavam.

Sob tão marcante estado emocional, Passou-lhe pelo espírito o dia da partida para Sintra, dia em que os seus pais deixaram à sua guarda a fazenda, a casa e tudo o que nelas ficava aguardando destino, e, em retrospectiva, entre cenários ocorridos ao longo de inesquecível convivência,

Sobressaiu a recordação de uma tarde de Domingo que nunca se apagara na mente de Isaac.

Na casa da Ti Prazeres havia uma telefonia que era o encanto da arraia-miúda. Um certo Domingo, vinha a malta da catequese e o Pinheiro Dias, filho desta mulher fisicamente pequena mas grande na força anímica, convidara a garotada para ir essa tarde ouvir o circuito de Vila do Conde, que

era uma produção do Automóvel Clube de Portugal que iria ser transmitido através da Emissora Nacional.

Com o projecto de se passar aquela tarde de um modo diferente do costumado, lá foi a criançada, barreira abaixo rumo a casa, excitadíssima, antevendo aquela caixa mágica a transmitir a corrida de automóveis lá de uma terra que eles nem sabiam onde ficava. Enquanto almoçavam todas as conversas tinham uma relação, por mais ténue que fosse, com aquele convite feito pelo amigo Pinheiro Dias.

Terminada a refeição, logo a malta debandou, rumo à casa do amigo, prontos a escutar com a maior das atenções aquela produção que através da Emissora Nacional chegaria até eles por "artes mágicas".

Percorrida, enquanto o Diabo esfrega um olho, a distância que separava a sua casa da da Ti' Prazeres, os miúdos, em grande algazarra e com a cabeça fervilhando com projectos que em relação a uma corrida de automóveis pouco ou nada tinham a ver, sentaram-se em torno da telefonia a ouvir os cantares folclóricos que estavam a ser transmitidos. Todos sentiam uma alegria contagiatante; todavia esta esbateu-se pouco a pouco, quando a transmissão do circuito começou, porque eles eram demasiadamente mexidos para poderem permanecer com a atenção presa à voz de um homem falando, que ainda para ajudar, nem tão pouco se deixava ver.

## XI QUADRO

Decorria o ano de 1961, estando Isaac a frequentar o 3º ano dos liceus, quando foi operado ao olho esquerdo devido a uma catarata que nele se havia desenvolvido. Porque, ao regressar ao Instituto, as suas condições físicas o perturbavam visivelmente, a Sr.<sup>a</sup> Regente achou por bem mandá-lo para a cama. Aí permaneceu uma tarde e a manhã do dia seguinte, dispensado de vir ao refeitório tomar as refeições, tendo sido a Carmelinda a empregada designada para lhe as levar.

Chegada a hora do lanche, esta logo se apressou a cumprir a função de que fora incumbida. Rumo ao dormitório, aí vai ela escada acima de prato na mão com uma chávena de chá e uma fatia de pão com marmelada. Entrando a porta de mansinho, poisa o prato na cama ao lado da de Isaac e, liberta, acaricia-lhe a face, coloca-lhe a mão por baixo da nuca para o ajudar a sentar-se, coloca a almofada por de trás das costas e sentada ao seu lado diz-lhe, beijando-o:

— É a tua Julieta que te traz o lanche.

Perante esta amorosa surpresa, Isaac esquece as dores e delicia-se com os aperitivos que ela lhe oferece. Beija-lhe os olhos, a boca; suga-lhe os lábios, a saliva; acaricia-lhe as maminhas, o ventre, o sexo. Então Carmelinda, pressentindo o perigo da aventura amorosa,

desenlaça-se dele e rapidamente lhe dá à boca o que havia trazido para o seu lanche.

Findo este, eles mais uma vez se beijam lascivamente, prometendo um ao outro carícias, ternura, amor para as horas de refeições que se seguiriam.

E se tal promessa fora feita com tanto ardor e firmeza, melhor fora cumprida à noite, quando ela lhe trouxe o jantar, e na manhã seguinte, ao pequeno almoço e ao almoço, tendo mesmo, na última oportunidade que lhes era dada de bandeja, excedido o que anteriormente haviam usufruído.

## XII QUADRO

Com a chegada dos dias de amena temperatura o estado emocional dos alunos sofria alterações que os impulsionavam a ter comportamentos não tolerados pela disciplina vigente na escola. Isaac, como tantos outros, esquecendo-se das penalizações que lhes poderiam ser aplicadas pelas transgressões ou atropelos cometidos contra as rígidas normas quase fradescas, baixava as guardas do politicamente conveniente e aventurava-se por veredas sinuosas que poderiam valer-lhe, pura e simplesmente, a expulsão do Instituto.

Nos bailes realizados sob o olhar vigilante da Regente, que na varanda a tudo estava atenta, deixava-se ele levar pelo canto da sereia que cingia nos braços, e, não raro, estreitava-a lascivamente, denunciando a força da libido que o avassalava. Nesses momentos de excessos lhe valeu a chamada de atenção do amigo Ferreira (colega de baixa visão) que lhe vinha soprar ao ouvido a advertência de que a Regente era nestas ocasiões que detectava os amores clandestinos dos alunos com as empregadas.

Se nestes bailes dos Santos Populares algo de condenável à luz dos regulamentos, se podia vislumbrar, o facto não constituía só por si indício de cenas amorosas fora deste ambiente festivo, mas alertava a vigilância que, a partir

do momento, apertava o cerco aos que se haviam tornado suspeitos.

Sabendo isto, por ocorrências anteriores protagonizadas por outros, Isaac passou a não se permitir exposições ao perigo. Daí em diante redobrava cautelas, renunciava a encontros que lhe teriam proporcionado deliciosas vivências, que, em contrapartida, teriam sido motivo de condenação, que poderia mesmo resultar numa saída prematura do Instituto.

Anteriormente, os seus encontros diários com a Carmelinda eram infalíveis na biblioteca, quando esta lá ia, antes do pequeno-almoço, fazer a limpeza habitual; Agora só se permitia usufruir esses fugazes momentos nas manhãs em que a Regente não descia do quarto antes da ida para o refeitório. Nessas manhãs encantatórias, logo que a sua ninfa, entrando, fechava a porta, os dois pombinhos, ainda que sempre receosos, aproveitavam o melhor que podiam aqueles escassos minutos. Depois de beijos que despertavam desejos, ele, timidamente, apreciava a maciez da pele dos seus braços e ela, sentindo-se assim estimulada, encorajava-o a ir mais além, dizendo que o seu corpo era assim todo igualmente macio e ardente. Eram aqueles momentos terrivelmente assustadores, porque a satisfação do que aqueles corpos desejavam era constantemente reprimida pelo ruído duns saltos de sapatos que desciam a escada, por uma voz que se ouvia junto à porta e, quantas vezes, por um colega que vinha trazer um livro que levara na véspera para ler na cama antes de se dispor a dormir.

Sem ameaças de maior monta assim prosseguiram os amores de Isaac até que um dia, mau grado seu, o inevitável o surpreendeu, quase o apanhou em flagrante.

Era Segunda-Feira, dia 8 de Abril de 1963. Isaac e Carmelinda estavam, como nunca antes, em preliminares que irreversivelmente os poderia conduzir à consumação do que há muito ardente mente esperavam, se não surgisse qualquer impedimento. Estava ele com a sua ninfa no canto da biblioteca, junto à janela voltada a Oriente, protegidos da visão de quem entrasse, pelo piano que se atravessava entre a porta e a referida janela, e eis que, de rompante, a porta se abre e se ouve em tom ameaçador a voz da Regente:

— Eu já disse que não quero aqui os meninos quando as empregadas cá estão a fazer a limpeza.

Então, Isaac, com uma espontaneidade que não lhe era habitual, respondeu:

— Oh minha Senhora, ontem à tarde, eu vim aqui arrumar um livro, e quando eu o colocava na estante, caiu no soalho um bocado de caliça. Agora vim cá pedir à Carmelinda para ela limpar o chão.

Ao ouvir esta explicação, a Regente, dizendo "ah, está bem", não se preocupou mais com o assunto e, fechando a porta, foi-se embora para o escritório.

Assustado, Isaac, beijou a sua menina pela vez derradeira e rapidamente desceu a escada, fugindo do lugar do perigo que tão ameaçador o bafejara.

Desde então, Isaac, sentindo sempre em continuado crescendo o afastamento de Carmelinda, refugiava-se na intensificação do estudo, procedimento que, por um lado, o ajudava a minimizar o desgosto amoroso e, por outro, lhe garantia o

êxito no exame do Curso Geral dos Liceus que ia ter lugar já no final deste ano lectivo.

Doravante a entrega ao estudo foi quase total. E quase porquê? Porque esporádicas ocorrências houve em que Isaac se deixou atrair pela aventura promissora de novas sensações, de entre as quais sobressaía o relacionamento com a Lília, que não raras vezes dele se aproximava provocadora de procedimentos proibidos no Instituto.

Isaac, que gostava de fazer a barba todos os dias, logo que se levantava descia as escadas para vir fazer a sua higiene diária nos lavabos, situados no piso inferior, e nos dias em que não estava acompanhado (o que era raro) vinha até ele a apelativa Lília que, conhecendo o que conduzira ao distanciamento da Carmelinda, se insinuava consentindo atrevimentos reprováveis intramuros.

E assim foram fluindo os dias até meados de Julho, mês em que, após ter finalizado os exames, saiu do Instituto que lhe propiciou uma escolarização de qualidade, lhe rasgou as vias de acesso à cultura e, graças a esta e à formação profissional posteriormente obtida, lhe garantiu o desempenho de funções de teor intelectual, quer no domínio da docência, quer no âmbito biblioteconómico.

### XIII QUADRO

Deixando para trás o tempo e o local de conforto em que vivera, sem outra preocupação que não fosse estudar, estudar, estudar, Isaac começava agora a trilhar um pedregoso caminho que exigia dele muita força de carácter e determinação para seguir em frente, contornando barreiras, vencendo escolhos e abrolhos, às vezes gerados por ilustres agentes que do alto das suas cátedras tudo faziam para que o rumo dos ex-alunos do Instituto fosse o que eles haviam determinado, ou seja, ingressassem no Centro de Reabilitação Nossa Senhora dos Anjos para aí se prepararem por forma a poderem exercer uma profissão na área do operariado, ou, o melhor que poderia suceder, como telefonistas.

Aos que como Isaac e Pinheiro Beirão rejeitavam esta orientação, porque desejavam continuar a estudar com a ambição de poder vir a exercer uma profissão de teor intelectual, os ditos agentes tudo fizeram para os contrariar, para os impedir de prosseguir nos seus intentos. Dentro desta lógica, a Assistente Social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Ivone Bairrão, convocou Isaac para uma conversa que teve lugar no seu gabinete.

Chegada que foi a data marcada, Isaac, transbordando ansiedade, porque imaginava que lhe iam comunicar a concessão do emprego de telefonista que ele, por carta,

havia solicitado ao Gabinete do Sr. Provedor, compareceu no gabinete, acompanhado pela sua irmã que tinha agora 13 anos.

Vinha com muita esperança, mas cedo dela foi despojado. Logo a seguir ao frio cumprimento, Ivone Bairrão mandou-o sentar e, de imediato, desabou sobre ele uma tempestade recriminatória:

— Então não quiseste ir para o Centro de Reabilitação, porque querias continuar a estudar, e agora vens pedir emprego ao Sr. Provedor! Pois bem!... Mais uma vez te dou a possibilidade de te juntares aos teus colegas que já lá estão a fazer reabilitação, e, depois de a concluires, o Colocador logo te encontrará um emprego aí numa fábrica ou qualquer outra empresa similar.

Ouvindo isto, Isaac, a medo, respondeu:

— Oh Sr.<sup>a</sup> D. Ivone, eu sei que posso ir mais longe nos estudos, mas para isso preciso de ganhar algum dinheiro, porque os meus pais não são ricos. Se vou para o Centro de Reabilitação fico logo sem possibilidade de estudar, enquanto lá estiver.

Interrompendo-o, a Assistente Social, com ar ameaçador, diz-lhe:

— Não aceitas, pois não? Então ouve o que te digo: Hás-de esmurrar o nariz na parede e depois vens cá pedir-me o que agora te ofereço. Mas será já tarde. Por ti nada mais farei. Podes ir. Boa sorte.

Desfeito, Isaac e a sua irmãzinha não menos desmoralizada, saíram do gabinete daquela megera e, o mais depressa que puderam, afastaram-se daquele fatídico edifício que de Santa Casa nada tinha e de Misericórdia muito menos.



## XIV QUADRO

Durante toda a noite a chuva não cessara de cair com intensidade e a manhã acordara carrancuda e gélida. Quer o arvoredo que circundava aquele hotel embrenhado na Serra de Sintra, quer o solo e o próprio edifício, tudo escorria abundante água que rapidamente ia engrossar regatos e ribeiros que em correntes loucas galgavam cascatas, contornavam, com força impetuosa, quaisquer obstáculos que lhes barrassem o caminho para o vale de Colares, situado entre a Serra, a Sul, e encosta que desce de Fontanelas até à ribeira que corre de Leste rumo à Praia das Maçãs. Além de toda esta rigorosa invernia, para tornar ainda maior o desconforto sentido naquele dia, o Vento Norte, por volta das oito horas, começou a varrer toda a zona, tornando ainda mais gelada a atmosfera e arrancando diversas árvores seculares que não conseguiram resistir à sua fúria, uma vez que o solo, por estar demasiado ensopado, não lhes oferecia a firmeza necessária. Fora aliás esta falta de consistência do solo que por toda a parte provocara derrocadas de barreiras, de muros e até mesmo de alguns casebres.

E nesse dia em que as forças da natureza não se mostravam benignas para com os homens, aquelas que eles próprios geravam entre as paredes daquelas instalações hoteleiras não estavam, aliás, menos ensombradas. O Sr. Director, que normalmente era uma pessoa calma e serena, sempre de semblante aprazível, viera hoje mais cedo que de

costume e mostrava-se de rosto tão carrancudo quanto as condições atmosféricas. Por este motivo, a maior parte dos empregados, além de intranquila, dava sinais de um mal-estar preocupante que não contribuía em nada para o desanuvioamento desejado. Uns, que há dias haviam sido suspeitos de terem colaborado num misterioso desaparecimento de significativa quantidade de géneros alimentares, pensavam que a crise ainda não fora totalmente ultrapassada, e outros, que além de admitirem esta hipótese, também consideravam que o estado de espírito do Sr. Director pudesse ter como causa o agravamento da saúde da sua esposa que, desde há uns meses se mostrava bastante debilitada.

Sucede que, esta atmosfera interna não afectava minimamente Abraão que, agora resguardado do que ocorria lá fora, se entregava placidamente à sua função de despenseiro, em nada diferindo do que lhe era habitual. Vendo-o assim tão despreocupado, Mafalda, uma das suas conterrâneas que laboravam naquela unidade hoteleira, abeirou-se dele perguntando:

— Oh Ti Abraão, não o preocupa este ambiente de cortar à faca em que estamos hoje todos envolvidos?

Calmamente, Abraão, sem deixar por concluir o que estava a fazer, disse:

— Oh Mafalda, não te incomodes com a disposição do Sr. Director. Mesmo que ela se devesse ao que ocorreu aqui dentro, isso em nada nos afectava. Nem tu nem o teu marido, nem eu nem tantos outros nossos colegas fomos acusados. Pelo contrário, como sabes, nós os familiares do patrão, é que levantámos a lebre.

— Isso é verdade, Ti Abraão; mas sinto-me mal, a respirar uma atmosfera tão pesada sem saber a que se deve tudo isto.

Então, Abraão, tentando dissipar os temores de Mafalda, Concluiu:

— Não te apoquentes. O Sr. Director está assim deprimido, porque ontem ao fim do dia, teve a triste notícia da morte, em combate na frente Norte de Angola, do filho de um dos seus grandes amigos de infância.

---



## XV QUADRO

Decorrendo o ano de 1963, e agora já vivendo no lugar da Ribeira de Sintra, Abraão e Sara da Piedade perspectivavam já a vida num patamar mais confortável do que aquele que nos últimos anos haviam ultrapassado.

A Lia, que tinha emprego seguro no Hotel Tivoli de Lisboa, casara com um colega de trabalho; Jacob, o aventureiro, ingressara, com 18 anos, no quartel de Tancos para fazer o serviço militar como pára-quedista; Benjamim, com 15 anos de idade, era auxiliar de Portaria no Hotel dos Seteais; e até mesmo a mais novinha, com 13 anos apenas, trabalhava já nesta unidade hoteleira.

Neste ano em que tudo parecia estar a reorientar-se no bom sentido, pairava sombriamente o futuro de Isaac. De Agosto até Janeiro, permaneceu ele em casa sem vislumbrar uma via que lhe permitisse conseguir um emprego necessário para poder continuar a estudar.

Abraão não poupou esforços. Sabendo que o emprego como telefonista era um dos que mais adequava às possibilidades de desempenho dos deficientes visuais, falou com o seu primo José Cardoso, mas sem sucesso, porque de momento estavam ocupados os lugares em todas as suas unidades hoteleiras. Não desistindo, porque tinha esperança de que alguma porta se havia de abrir, quando menos esperasse,

Falou com o Director do Hotel onde trabalhava e com o chefe de sala da mesma empresa, pedindo-lhes que o ajudassem no contacto com algum grado cliente do Hotel dos Seteais.

paralelamente, Isaac, expondo a sua situação, escreveu para a Fundação Kalouste Gulbenkian, que, embora não lhe concedendo emprego, o ajudou, primeiro, com equipamento necessário à facilitação dos estudos e, mais tarde, com a mediação da Fundação Raquel e Martin Sain, com a concessão de uma bolsa de estudo.

Entretanto, Isaac, ainda que mutas vezes com um astral muito baixo, não desistia dos seus planos de vida, continuando a estudar auto didacticamente. Mandou vir da Fundação para o Livro do Cego no Brasil, sita em S. Paulo, dois cursos de inglês, manuais de geografia, ciências naturais, história universal e um curso de francês.

Neste seu esforço para não deixar morrer o sonho que desejava converter em realidade palpável, foi suporte fundamental a colaboração da mana cassula, que consultava para ele os dicionários, procedia a leituras não existentes em Braille.

Ultrapassados estes 5 meses de calvário, que passou pela desilusão de resultar em nada uma entrevista com Jorge de Melo concedida pela mediação do Director do Hotel de Seteais, pela inscrição num concurso para telefonista na CUF, que veio a ser concretizado meses mais tarde sem qualquer efeito positivo ainda que tenha ele sido o segundo classificado, Isaac, a quem entretanto havia sido concedida uma bolsa de estudo pela Caixa de Previdência de seu pai, foi estudar para Lisboa, dando assim início ao 3º Ciclo dos Liceus.

Matriculou-se na escola Portugália, mas só a frequentou durante o mês de Janeiro, porque, em Fevereiro, na Liga de Cegos João de Deus, da qual era sócio desde Agosto, dava-se início às aulas do 6º e 7º ano dos Liceus, frequentadas a custo zero pelos seus associados.

Então, para recuperar o tempo perdido, lançou-se ao estudo intensivo das disciplinas de Literatura Portuguesa, de Latim e de Filosofia, que concluiu, no Liceu Nacional de Oeiras, no final do ano lectivo de 1963-64, o que sucedeu igualmente com a disciplina de Organização Política e Administrativa da Nação, que auto didacticamente estudara com os condiscípulos Pinheiro Beirão e Alice Carvalho.

Quanto a suporte financeiro que lhe permitisse garantir a permanência em Lisboa, em casa do seu amigo Pinheiro Beirão, no ano lectivo de 1964-65, sem sobrecarregar o orçamento familiar, conseguiu-o ele, agora que a bolsa de estudo terminava, dando aulas particulares de Francês, a iniciados, e aceitando dar aulas de Geografia e Ciências Naturais ao 2º Ciclo dos Liceus que começara também a ser leccionado na Liga de Cegos João de Deus.

Doravante, Abraão e Sara, vendo que os filhos trilhavam caminhos seguros, rumo a uma existência de conforto, promissora de dignidade isenta de perturbações significativas, passaram a sentir uma alegria de viver que já há muito os havia abandonado. No Verão de 1966, quando a serra de Sintra sofria o mais terrível incêndio de sempre, deixaram eles a casa da Ribeira de Sintra, e vieram viver para uma casa na Portela, localizada perto do apeadeiro, para que Isaac, que tinha em Lisboa as suas actividades de

estudante e, em simultâneo, de docente, pudesse vir todos os dias ficar a casa.

Dia após dia, a existência digna que todos desejavam evoluía, ainda que paulatinamente, para um patamar de conforto e dignidade, alicerçado no trabalho, no querer progredir rumo à valorização profissional, à aquisição do conhecimento, em suma, na vontade indómita de serem Homens e Mulheres de corpo inteiro, cidadãos de pleno direito.

Entretanto, Paralelamente à estabilização da restante família, Isaac, apesar de no seu percurso de vida se terem levantado, como era natural nesses tempos, barreiras que teve que contornar, prosseguiu a luta sem tréguas, estudando arduamente nos espaços de tempos livres permitidos pela sua actividade de docente e, a partir de 1968, em acréscimo, pelas funções de funcionário da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde iniciara a carreira profissional que ao longo de 43 anos foi o eixo central de toda a sua actividade laboral.

Procedendo sempre norteado pelos mesmos princípios e valores, superando obstáculos ao tempo julgados incontornáveis, trilhando os caminhos conducentes a uma digna existência, isenta de escolhos e abrolhos inultrapassáveis, Isaac escalou a pulso a agreste montanha até ao planalto, onde, finalmente, se permitiu repousar, retomando forças para prosseguir viagem rumo à realização do sonho que de há muito acalentava, ou seja, de ser cidadão de corpo inteiro, com deveres e direitos iguais aos dos mais, de ter emprego (como sucedia já com os seus irmãos) que lhe garantisse a sustentabilidade de uma família.

## XVI QUADRO

---

Tudo na vida para Isaac foi realizado com esforço e graças à indómita vontade de alcançar um nível sociocultural confortável; tudo foi tardio: iniciou a escolarização aos doze anos, encontrou emprego seguro aos vinte e seis, após algumas tentativas falhadas, casou aos quarenta e quatro e só aos quarenta e sete teve a felicidade de apertar nos braços o seu menino, suma dádiva divina. Tudo foi fruto de muito sacrifício, de muita luta e incompREENsões; mas, no essencial, conseguiu realizar, e até ultrapassar, os sonhos do menino que, por entre pomares e searas, hortas e pinhais, brincou com seus irmãos e amigos de infância; do garoto que viu vacas, cabras, porcas, coelhas copular e parir; do rapaz que, por emergência, passou, na matança do porco, pela traumatizante experiência de ter que aparar o sangue deste, quando, agonizando, o precioso líquido vital lhe saía às golfadas das jugulares mas que, em compensação, acompanhou o ciclo da vida das aves de capoeira desde o pôr do ovo até ao eclodir do mesmo; do colegial que, durante nove anos, estudou arduamente com os olhos postos nos alvos a atingir, ou seja, a conclusão do curso de Filologia Germânica, ao qual veio a acrescentar-se o de Ciências Documentais e outros de formação de carácter profissional; do tímido e ingênuo jovem que perseguiu a miragem no deserto que conseguiu atravessar, retemperando forças, aqui e mais além, em algum oásis acolhedor, onde não faltaram a fresca

água e as doces e reconfortantes tâmaras; esbarrou com incompreensões, com invejas de elementos do segmento social em que ele próprio se inseria, mas, em compensação, cruzaram os seus caminhos concidadãos amigos, de entre os quais se salientaram, Fernanda Sampaio (Mais que amiga, uma segunda mãe), Madame Caldeira Coelho, Raul Almeida Capela, Joaquim Guerrinha, Padre Abílio Martins, Maria João Vasconcelos, e tantos outros que o ajudaram a crescer, a ser um cidadão que procura sê-lo de corpo inteiro, ainda que sabendo que nunca o conseguirá totalmente.

Sempre confiante no leme e no lema que adoptara como pilar do seu percurso de vida, ultrapassou dificuldades de estudante, contornou barreiras sociais, venceu, muitas vezes habilmente, obstáculos profissionais, e, no plano sentimental, depois de desaires e compensações, constituiu uma família de mente sã, onde a existência fluiu plácida e serenamente reconfortante.

Nesses idos tempos, não houve quiromante, nem cartomante, nem astrólogo, nem vidente que profetizasse o sucedido no seu tão fugidio percurso; os tempos primaveris não lhe anunciaram os Invernos que se lhe seguiram, nem estes deram sinais de que voltaria a haver estações bonançosas, dignas de serem vividas com os olhos postos num futuro risonho. Tudo oculto, tudo incógnitas, mas tudo foi ultrapassado, com mais ou menos alegria, com mais ou menos tristeza, com mais dor ou menos dor; porém, assim tinha que ser, para adquirir a maturação que lhe permitiu chegar até aqui e agora. Para se ser adulto tem de se passar pela fase das dores de crescimento e nada há que se possa fazer para as evitar.

O seu decurso vital fluiu, como o de tantos outros seres humanos, comparável ao daquele grande rio que, nascendo pequenino e frágil como um fio de água que no alto da montanha brota de uma rocha e, por entre fragas e arbustos delas debruçadas, vai progressivamente agregando, primeiro, outros regatos em tudo a ele semelhantes para, depois, receber pequenos cursos de água que o fortalecem, à medida que desce as suas vertentes em leito que o comprime, ou que se alarga um pouco mais, facilitando-lhe o fluir para as quedas de água que lhe dão acesso rápido à planície onde se pode agora espraiar, para, possivelmente, ganhar forças que o ajudem a ultrapassar dificuldades de natureza diversa.

E se do já vivido se pode estabelecer o paralelismo atrás afirmado, que perspectiva se pode reter, em termos de similitude, do rio que entra no estuário que precede a sua diluição no extenso oceano?

O rio hesita. Perde grande parte da sua energia vital. As águas que, se vão tornando salgadas pouco a pouco, param ou recuam quando, enchendo a maré, as salsas ondas pressionam, para, logo que a maré desça, ele avançar, diluindo-se finalmente no grande oceano que totalmente o incorpora, finalizando assim um ciclo para que as suas águas possam iniciar outro, ou seja, evaporação, liquefação, queda em forma de chuva, granizo, neve, incorporar novas correntes de água.

Publicado e Disponível na Digiteca de Tiflologia/Tiflociência, do Centro Português de Tiflologia, Equidade e Inclusão (CPTEI), site [www.tiflologia.pt](http://www.tiflologia.pt), e em "Ondas Livrescas".